

## Itajaí - 2013



**(** 





# ANUARIO DE ITAJAI





2013





#### Prefeito

Jandir Bellini

FUNDAÇÃO

GENÉSIO

MIRANDA

#### Vice

Dalva Maria Anastácio Rhenius

#### Superintendente da FGML

Antonio Carlos Floriano

#### Diretor do Museu Etno-Arqueológico de Itajaí

Fabrício dos Santos

#### Diretor do Centro de Documentação e Memória Historica

Denilson Roberto Batista

#### Diretor do Museu Histórico de Itajaí

Agnaldo Pinheiro



#### Ex-Libris FGML - Anuário de Itajaí

Periódico anual da Fundação Genésio Miranda Lins

#### Projeto Gráfico e Edição

Rogério Marcos Lenzi

Capa: a partir da fotografia de Ronaldo Silva Jr.

#### Conselho Editorial do Anuário 2013

Antonio Carlos Floriano

Rosane Rothbarth

Rogério Marcos Lenzi

Conheça mais sobre a Fundação Genésio Miranda Lins www.fgml.itajai.sc.gov.br

#### Os artigos são de inteira responsabilidade dos autores

A636 Anuário de Itajaí 2013 / Fundação Genésio Miranda Lins. -

Itajaí: FGML, 2013.

160 p. : Il.

ISSN 1679 - 3056

1.Itajaí (SC) - História - Periódicos 2. História - Periódicos

CDD: SC I981.642005 CDU: 94(816.4)Itajaí

Ficha catalográfica Bibliotecária Vera Lúcia de Nóbrega Pecego Estork CRB 14/321









#### Sumário

| Apresentação  |
|---|
| O Caçador de Memórias: um século do extermínio Xokleng no Vale do<br>Itajaí – 1914/2014 |
| Ivan Carlos Serpa   |
| BAIRRO ITAIPAVA   |
| Flávio André da Silva   |
| Revolução Federalista: 120 anos da Batalha de Itajahy                                   |
| Magru Floriano  |
| Enchentes em Itajaí: O olhar infanto-juvenil  |
| Elizete Maria Jacinto   |
| 100 anos de Educação - Grupo Escolar Victor Meirelles                                   |
| Gladys Mary Ghizoni Teive; Norberto Dallabrida  |
| Jacques Vabre, a regata se torna franco-brasileira                                      |
| Raquel Cruz   |
| Prefeito Júlio Cesar: gestão pública e modernização - Itajaí: 1970/1973                 |
| Edison d´Ávila  |







### 





#### Apresentação

m sua 12ª edição, o Anuário de Itajaí continua a fomentar a História, especialmente, e a Memória de Itajaí e região, promovendo informações e notícias

históricas, saberes fazeres, criação literária e arte. A linha editorial do Anuário sempre enriquece e amplia o acervo textual deste periódico, uma vez que congrega e acolhe mais diversos estilos e temáticas que possibilitem o conhecimento e o reviver da cultura e da memória.

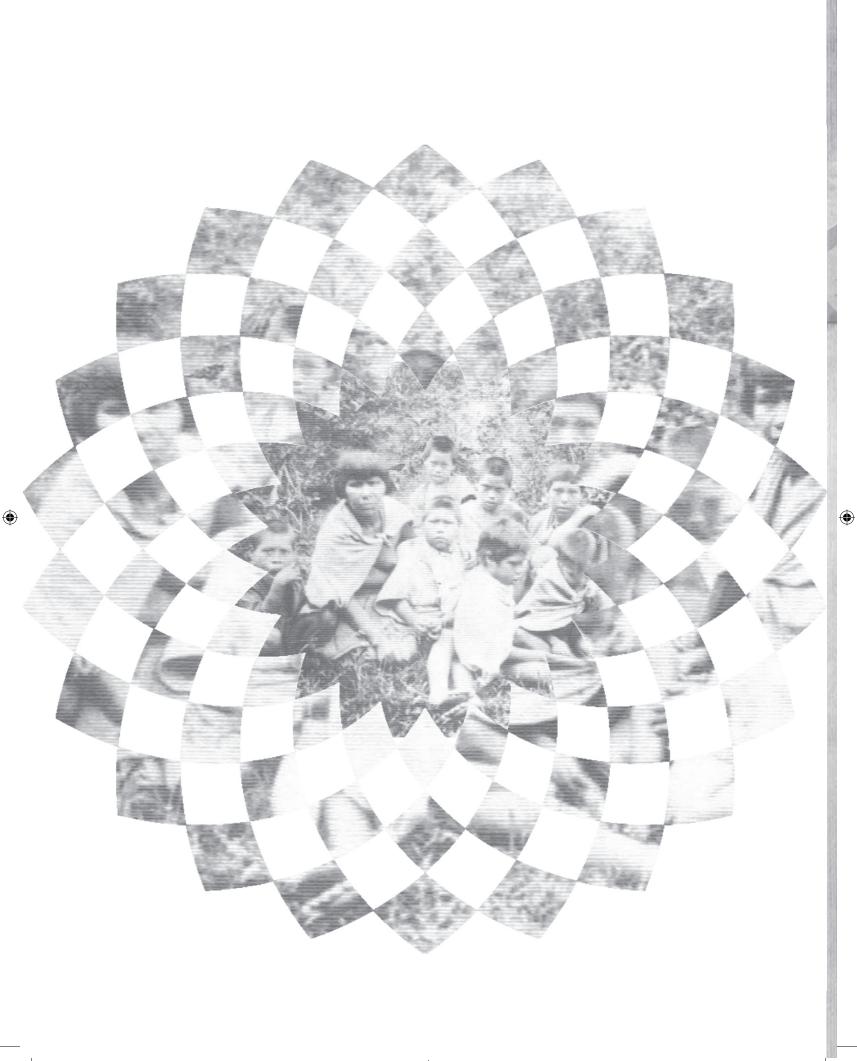
Justo que se preserve o futuro da cidade, a Fundação Genésio Miranda Lins amplia, sempre, os dados históricos, culturais, sociais e de através publicações, para que o passado permaneça como espaço, não como tempo.

Boa leitura.

Rogério Lenzi









## O CAÇADOR

# DE MEMÓRIAS: UM SÉCULO DO EXTERMÍNIO XOKLENG

NO VALE DO ITAJAÍ - 1914/2014

IVAN CARLOS SERPA HISTORIADOR1

OMPLETA-SE EM 2014 um século de uma das mais brutais guerras de extermínio indígena do Sul do Brasil: *o genocídio Xokleng*. Este tema está na pauta do dia, pois a legislação Federal estabelece como obrigatório o ensino de história e cultura indígenas nas escolas públicas e particulares brasileiras através da Lei 11645/08. O problema é que, especificamente, conhece-se muito pouco sobre a história e cultura dos povos indígenas regionais, caindo-se geralmente naquela imagem estereotipada, romântica e mítica que aparece nos livros didáticos.

A utilização das fontes orais em pesquisa, ou seja, das memórias de descendentes dos indígenas que escaparam ao extermínio, configurada na metodologia denominada "história oral", constitui atualmente um recurso bastante utilizado por antropólogos e historiadores para superar a insuficiência de fontes escritas sobre este povo que, por ser ágrafo, não produziu registros escritos sobre sua história.

Os Xokleng eram um povo pertencente à família linguística Jê que ocupava as encostas dos vales no sul do Brasil. Eram chamados também de "botocudos", assim como várias outras etnias, por causa do adorno de madeira chamado *botoque*, usado nos lábios e orelhas para afastar os maus espíritos e assustar os inimigos.



Habitavam seu território havia cerca de 4 mil anos, vivendo de pequena agricultura de mandioca, taiá e inhame, coleta de pinhões e mel de abelhas. Após os primeiros confrontos com o homem branco no século XVII, foram sendo expulsos de seus territórios tradicionais cada vez mais para o interior das florestas e tiveram sua organização sociocultural profundamente transformada. Passaram a viver como nômades, fugindo das armas de fogo do homem branco e se ocultando nas profundezas das florestas para contra-atacar os invasores de seus territórios. Munidos de arcos e flechas, ficavam em nítida desvantagem em relação às armas de fogo usadas pelos brancos.<sup>2</sup>

Com a criação das Colônias Blumenau em 1850 e Brusque em 1860, povoadas inicialmente por camponeses vindos da Alemanha, tiveram seu último refúgio invadido no Vale do Itajaí.<sup>3</sup> Como os confrontos entre colonos e Xokleng tornavam-se cada vez mais violentos e inevitáveis, as companhias de colonização

passaram a pressionar o Governo do Estado de Santa Catarina para uma ação mais direta visando à "pacificação" dos Xokleng. O auge desta ação ocorreu entre 1904 e 1912, quando foram contratados grupos de extermínio profissionais, os chamados bugreiros, para pôr fim definitivamente aos temidos "bugres", como eram denominados pelos colonos alemães.

Os bugreiros eram grupos armados formados por particulares que já haviam adquirido algum conhecimento do modo de vida dos Xokleng em função de suas atividades profissionais como vaqueiros ou capatazes de fazendas. Pagos inicialmente pelos próprios colonos, logo passaram a ser financiados pelo Governo do Estado, que os remunerava de acordo com o número de orelhas de índios assassinados que eram apresentadas como provas do trabalho cumprido.

O grupo era chefiado por um indivíduo mais experiente. O mais conhecido foi Martinho Marcelino de Jesus, ou Martinho Bugreiro, nascido em 1876, em Bom Retiro, no Sul do Estado. Martinho ficou tristemente célebre pela extrema crueldade com que executava suas vítimas.<sup>4</sup>

A principal tática dos bugreiros era atacar os índios enquanto dormiam, geralmente após noites em que realizavam rituais e permaneciam acordados até altas horas da madrugada. Pegos de surpresa, sonolentos e ainda meio embriagados da festa, tinham

poucas chances de reação. Eram passados ao fio do facão, tinham os corpos esquartejados e as orelhas arrancadas para servir de prova em troca do pagamento pelo serviço realizado.<sup>5</sup>

O genocídio Xokleng assumiu proporções catastróficas em Santa Catarina. Em 1906, o naturalista checo Albert Vojtech Fric viajou ao Estado com o objetivo de tentar impedir a carnificina que era fartamente noticiada nos jornais europeus. Em 1908, Fric expôs os resultados de seus estudos no XVI Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Viena. Após suas veementes denúncias no Congresso, Fric perdeu os vínculos com o Museu Real Etnográfico de Berlim e com o Museu Etnográfico de Hamburgo. Segundo Darcy Ribeiro, a demissão de Fric ocorreu por pressão das companhias de colonização de Blumenau, diretamente interessadas no extermínio dos indígenas para garantir a ocupação de suas terras por colonos europeus.<sup>6</sup>



Nas inúmeras expedições de caça aos índios, os bugreiros poupavam do extermínio as crianças e adolescentes entre 5 a 15 anos, doando-os aos moradores de vilas e cidades por onde passavam. Amarradas umas às outras em fila indiana, as crianças caminhavam longas jornadas, tratadas como animais, para serem expostas em locais públicos nas vilas ou cidades por onde passavam os bugreiros. A bibliografia referente ao tema dá mais atenção a alguns casos esporádicos de crianças Xokleng entregues para adoção à instituições religiosas, como foi o caso de Korikrã, adotada por Hugo Gensch em Blumenau,<sup>7</sup> Francisco Topp,<sup>8</sup> adotado pelo Monsenhor Topp em Florianópolis, e Luca Môa, adotada por Eduard Deucher em Bom Retiro no sul do Estado,<sup>9</sup> pois para estes casos houve registros escritos. No entanto, tem-se multiplicado nos últimos anos inúmeros relatos de pessoas que se dizem descendentes de crianças Xokleng incorporadas à civilização após o extermínio de suas tribos. O número destas crianças foi muito maior do que os registrados pela historiografia até o momento.

Vítimas da chamada "adoção civilizatória", estas crianças foram violentamente integradas à sociedade civilizada e deram origem a três gerações de descendentes ao longo do século XX. Suas narrativas reconstroem atualmente não apenas as memórias do contato, como também representam trajetórias de vidas marcadas pelo estigma do preconceito racial e pelas dificuldades de integração social ainda presente nos dias atuais, passados exatos cem anos do genocídio.

As fronteiras que demarcam o território desta investigação seguem a tênue linha que se origina no trauma da chamada "adoção civilizatória" das crianças capturadas após o massacre de suas aldeias, manifestando-se nas memórias atuais dos descendentes, definidas por Michel Pollak¹º como "subterrâneas", por estarem envolvidas em ações repressivas do Estado e revestidas do ideário racista eurocêntrico do início do século XX.

A abordagem metodológica da investigação exige a interface de distintos campos do saber a fim de investigar pistas quase apagadas pelo tempo; interpretar sinais cujos significados são, no dizer de Michel de Certeau "[...] a máscara ilusória e o vestígio efetivo de acontecimentos que organizam o presente" é seguir indícios



cuja elucidação se inscreve, muito mais , no não dito, no não escrito e no não expresso na escrita histórica dos vencedores. Ao revisitarem-se as memórias traumáticas dos descendentes daquelas crianças Xokleng assimiladas à sociedade "civilizada" no Vale do Itajaí, descortinam-se cenários até então desconhecidos para a história regional.

Tal empreendimento de pesquisa exige do historiador refinamento metodológico, pois a busca por indícios cuja elucidação se inscreve, muitas vezes, no não dito, no não escrito, no não expresso exige dele a conquista de territórios tradicionalmente ocupados por outras disciplinas. Estes questionamentos sugerem alianças conceituais que atravessem fronteiras entre a História, a Antropologia e a Psicanálise, buscando afastarse de abordagens e recortes tradicionais.

Seguir por caminhos metodológicos na busca de pistas quase apagadas pelo tempo e que, no entanto, ainda marcam a vida de pessoas na atualidade, exige do historiador aguçada percepção dos detalhes aparentemente insignificantes do passado e de sinais encobertos por uma camuflagem/casca/superfície, cuja interpretação exige do historiador habilidades tal qual um "caçador de memórias".

Todo o cuidado é pouco ao se construírem interpretações que, no dizer de De Certeau: "articulam uma sociedade com o seu passado e o ato de distinguir-se dele; nessas linhas que traçam a imagem de uma atualidade, demarcando-a de seu outro, mas que atenua ou modifica,

continuamente, o retorno do passado". 12

Propõem-se aqui diálogos teóricometodológicos, especialmente com antropologia e a psicanálise, sem no entanto "[...] embaralhar as identidades das diferentes disciplinas [...] nem a mistura de métodos e saberes em nome de uma definitiva unidade da consciência ou em virtude da condição comum a todos os sujeitos dotados de conhecimento."como alertou Michel de Certeau.<sup>13</sup> Esta parceria transdisciplinar deve trazer para o historiador contribuições bem específicas no que diz respeito à assegurar a possibilidade de investigação de novos objetos do conhecimento histórico a partir da interpretação de fontes pouco exploradas e conhecidas, como as tradições orais e a cultura imaterial carregadas por grupos sociais presentes na atualidade e repletos "dessas latências e dessa gravidade de um passado ainda presente".14



Vítimas da chamada "adoção civilizatória", as crianças foram violentamente integradas à sociedade nacional e deram origem à três gerações de descendentes cujas narrativas reconstroem no tempo presente as memórias dos primeiros contatos com os colonizadores. Apesar da difícil convivência com o preconceito racial, após sua assimilação à cultura dos colonizadores, as memórias das crianças sobreviventes ao genocídio Xokleng foram narradas e transmitidas às gerações seguintes, chegando ao tempo presente, embora não isentas de intenções e paixões que afetam o mundo contemporâneo. As linhas que demarcam o território desta investigação se originam no trauma da "adoção civilizatória" vivida pelas crianças Xokleng e perpassam as manifestações destes traumas nas histórias de vida e memórias de seus descendentes até o tempo presente.<sup>15</sup>

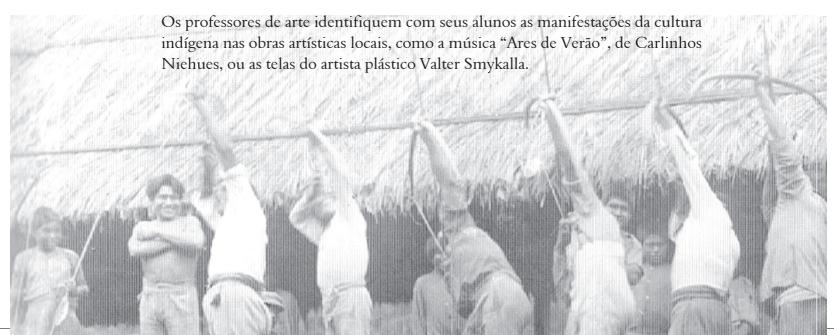
Nesta perspectiva, para estudarmos história e cultura indígena como manda a Lei 11645/08, precisamos inicialmente conhecer as populações indígenas locais ou estaremos repetindo os mitos e estereótipos românticos contidos nos livros didáticos surrados pelo tempo. Para evitar-se de ver os professores de educação infantil e ensino fundamental pintando os rostos de seus alunos para "comemorar" o dia do índio, podemos sugerir, por exemplo, que:

Os alunos realizem, sob orientação do professor de história, pesquisas para identificar influências indígenas na região onde moram;

Os alunos identifiquem antepassados indígenas em suas famílias e relatem as memórias familiares sobre o tema.

Os professores de língua portuguesa e história identifiquem, em parceria, a origem etimológica de palavras regionais como Itajaí, Atalaia, Itaipava, Ariribá, Canhanduba e inhame, por exemplo.

Os professores de história e ciências, trabalhando em parceria, proponham a realização de campanhas de coleta de elementos da cultura material e imaterial dos indígenas da região.



Os alunos sejam instigados a pesquisar como se originou um dos mais famosos cartões postais do Município de Itajaí: a pedra denominada *Bico do Papagaio*, na Praia de Atalaia.

Os alunos participem de premiações de produções histórico-literárias para escrever histórias de vida de pessoas descendentes de indígenas em Itajaí.

Os alunos pesquisem junto à Biblioteca Pública Municipal e Escolar Norberto Cândido Silveira Júnior fontes referentes aos indígenas de Itajaí.

Os alunos visitem o Museu Histórico de Itajaí com objetivo específico de apreciar acervos referentes aos indígenas de Itajaí.

Os alunos visitem o Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí com o objetivo de pesquisar registros sobre a presença dos indígenas nos jornais antigos da cidade.

Os alunos visitem o Museu Etno-Arqueológico de Itajaí para identificarem as diferenças entre os indígenas históricos (xokleng e guaranis) e os grupos préhistóricos: sambaquianos, pré-ceramistas e ceramistas.<sup>16</sup>

Estas atividades não devem apresentar-se de forma desarticulada, sem uma orientação teórico-metodológica que propicie uma abordagem interpretativa, reflexiva e contextual das informações obtidas. Jamais podem ser consideradas como "aula passeio" ou "visita aos pontos turísticos da cidade". Devem, antes, ser tratadas como uma "operação de conhecimento", ou seja, mediatizadas pela ação interpretativa e reflexiva do sujeito que conhece. Neste sentido, as atividades devem ser muito bem planejadas junto às unidades de ensino, às unidades culturais do Município (Biblioteca, Museus e Arquivos) e à Secretaria Municipal de Educação, mediante a apresentação de um Projeto Educativo.

Sugiro que a perspectiva de abordagem da história e cultura indígenas de Itajaí seja a da História Cultural, ou seja, a escola historiográfica que trata os temas históricos a partir do conceito de "representações sociais" que, segundo Roger Chartier, são: "[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir



sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado". <sup>17</sup> Então, é preciso iniciar o trabalho com elementos da realidade presente dos alunos, seu cotidiano, história local, familiar e instigá-los a captar as presenças do passado no presente. Desta forma é possível desmistificar a imagem do índio nu de arco e flecha nas mãos que só existe mesmo na atualidade nos livros didáticos desatualizados.

Tornar o outro inteligível e decifrar o espaço significa perceber que os indígenas e seus descendentes estão entre nós, aqui e agora, que não foram nem são inferiores à cultura dos europeus que colonizaram a região do Vale do Itajaí ao longo do século XIX. Equivale a dizer que muitas das características da cultura Xokleng podem ser percebidas nas memórias e nos comportamentos de seus descendentes no tempo presente, como demonstram os antropólogos.

Afirmo isto especialmente pensando nas memórias de centenas de crianças Xokleng adotadas por famílias de colonizadores europeus após o extermínio de seu povo entre 1904 e 1914. Se pretendermos a reconstituição da história do povo Xokleng no Vale do Itajaí, e não apenas dos 400 indivíduos aldeados por Eduardo Hoerhan em 1914 na Terra Indígena de Ibirama, é delas que devemos partir. Seus netos ainda estão vivos, entre nós, como demonstrei em artigo recente, <sup>18</sup> e suas memórias podem-nos auxiliar na compreensão de como se deu a traumática assimilação à sociedade civilizada. As marcas deste processo ainda estão presentes na atualidade e tem muito a nos dizer sobre o respeito à diversidade cultural entre os povos, desde que tenhamos coragem para caminhar por entre suas fronteiras e decifrar seus significados.

#### **N**otas

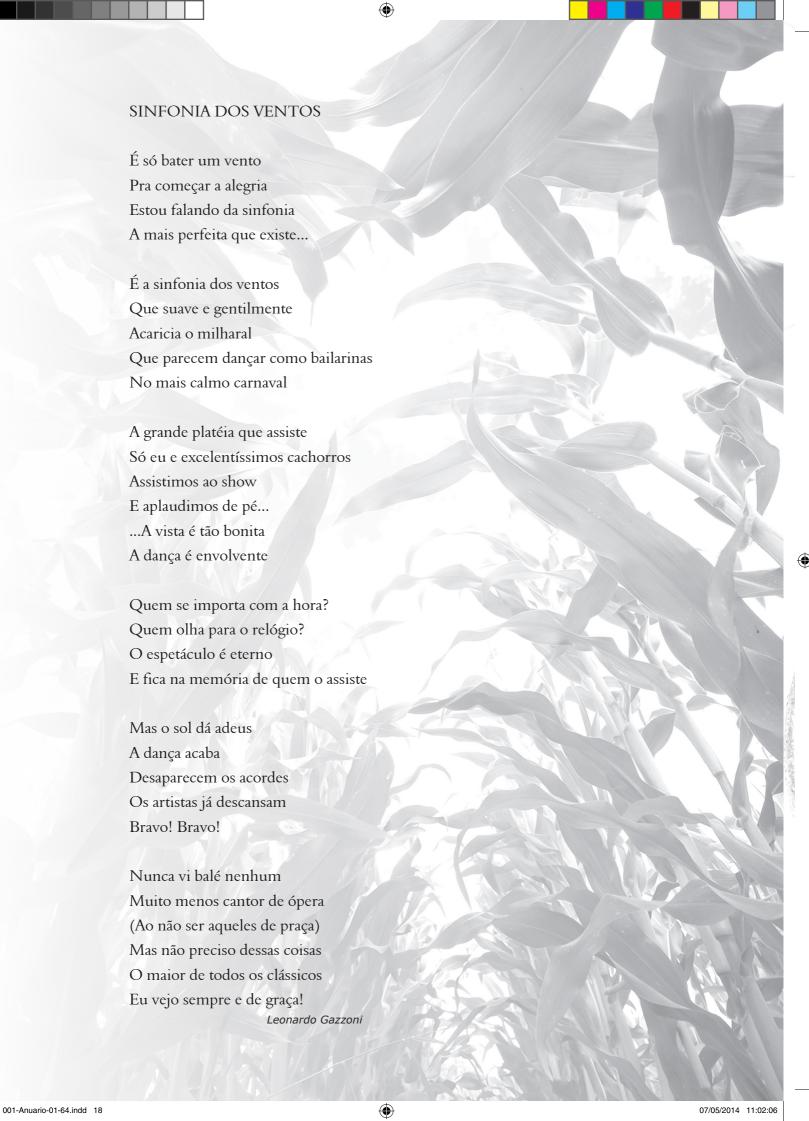
- 1 O autor é historiador graduado pela UNIVALI , com mestrado na UFSC; publicou livros e artigos sobre história regional e desempenha atualmente a função de diretor da Biblioteca Pública Municipal de Itajaí.
- 2 HENRY, Jules. Jungle people : a Kaingang tribe of the highlands of Brazil. New York : Vintage Books, 1964. 216 p.
- 3 SANTOS, Sílvio Coelho dos. Os índios Xokleng: memória visual. Florianópolis: Ed. da UFSC; [Itajaí]: Ed. da UNIVALI, 1997, p. 30.
- 4 Idem.
- 5 SANTOS, SÍLVIO COELHO DOS. OP. CIT. P. 30.
- 6 IDEM.
- 7 GENSCH, Hugo. Die Erziehung eines Indianerkindes. Praktischer Beitrag zur Lösung der südamerikanischen Indianerfrage. Berlim. Druck von Gebr. Unger, 1908. Esta monografia foi traduzida do idioma alemão sob o título "A educação de uma menina indígena: colaboração para a solução do problema dos índios". Exemplar único e manuscrito. Apud WITTMANN, L. Tombini. **Atos do contato**: histórias do Povo Indígena Xokleng no Vale do Itajaí/SC 1850/1926). 2005. 207 f. Dissertação (Mestrado em História) -Unicamp,[2005].p 101.
- 8 SCHADEN, Francisco. "Os índios do Estado de Santa Catarina". *Atualidades*, nº

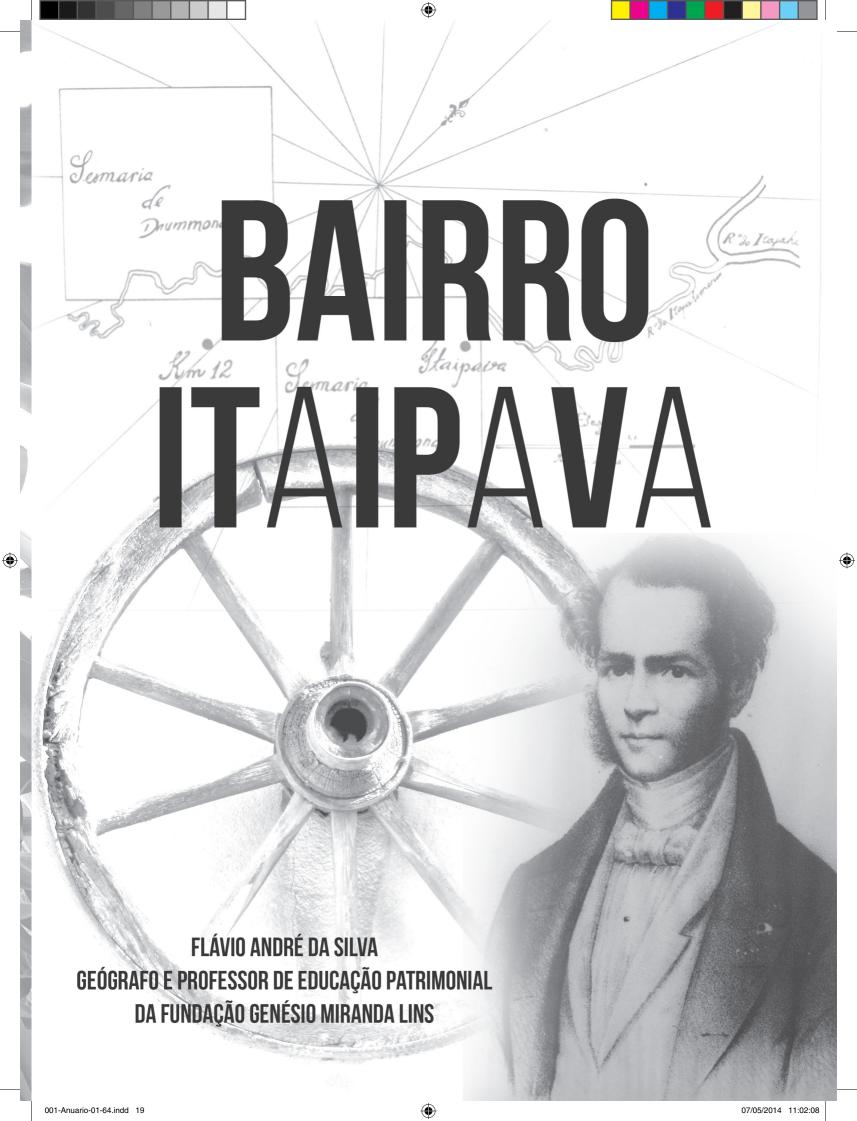
- 5, Florianópolis, 1946. Apud SANTOS, Sílvio Coelho dos. Op. Cit., 1973, p. 193.
- 9 LINS, Dário. *Bom Retiro*, os senhores das Terras: o bugres. Revista História Catarina. Nº 23, set./2010, p.25-28.
- 10 POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- 11 DE CERTEAU, Michel. **História e Psicanálise**: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p.71.
- 12 CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p.42-43.
- 13 Idem ibidem, p. 9.
- 14 Idem, ibidem, p. 42.
- 15 Abordei esta questão no artigo intitulado **Selvagens Memórias**, publicado no Anuário de Itajaí de 2012.
- 16 Para quem quiser maiores informações sobre como realizar um projeto de história oral com seus alunos, veja no blog: http://projetopesquisando.blogspot.com.br/search?updated-max=2011-04-14T13:39:00-07:00&max-results=7
- 17 CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.p. 17
- 18 SERPA, Ivan Carlos. **Selvagens Memórias:** o holocausto Xokleng no Vale do Itajaí e as crianças sobreviventes. Anuário de Itajaí . Itajaí : FGML, 2012, p. 118-127.



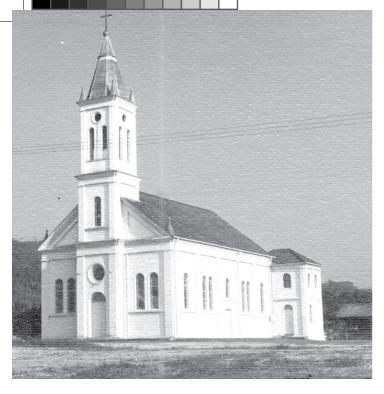












Igreja de São Pedro Apóstolo, 1980 Acervo: Sra. Maria Marlene Viti da Costa

M DOS MAIS ANTIGOS BAIRROS de Itajaí, a origem do nome Itaipava, com as variantes "Itoupava" e "Itopava", "é de origem tupi-guarani e significa "pedra que atravessa a água". De fato, no rio Itajaí-Mirim, à altura da ponte da estrada do Tatu, de um e de outro lado, duas lajes de pedra atravessam o rio a pouca profundidade"<sup>1</sup>.

Isto pode significar que os nativos utilizavam o local como ponto de referência para a travessia do rio Itajaí-Mirim. No entanto, estas rochas só podem ser avistadas quando a maré está baixa e as águas do rio não estão turvas.

A região que compreende o bairro Itaipava foi terra de passagem dos povos do sambaqui (~2.500 anos a.C.) e dos índios Xoklengs (~1.200-1900 d.C.). Dois sítios arqueológicos, encontrados na década de 1980, denominados "Sambaqui Itaipava I" e "Sambaqui Itaipava II", comprovaram que estas terras já eram habitadas por populações pré-colombianas há cerca de aproximadamente 4.500 anos. A palavra "sambaqui", na língua tupi-guarani, tem como significado: "tambá": concha, e "ki": monte. Esses "montes de conchas" formaram-se devido à presença destes povos, que se alimentavam basicamente de peixes e moluscos, além da caça e coleta. Entre essas conchas podem-se encontrar objetos que eram utilizados por eles, como instrumentos rudimentares feitos a partir do polimento de rochas.

Em outro período, num intervalo de aproximadamente 800 e 100 anos atrás, a região passou a ser território dos índios botocudos, da tribo Xokleng. Os botocudos resistiram com violência à ocupação de suas terras pelo homem branco até as primeiras décadas do século passado. São muitos os registros históricos de ataques com destruição e mortes envolvendo indígenas e colonos. Até o início do século XX, muitas tribos acabaram exterminadas pelos chamados "bugreiros", que eram tropas de homens contratados pelo governo da província de Santa Catarina, para matar ou expulsar os povos indígenas para áreas afastadas de vilas e povoados.

Com a vinda da família real para o Brasil em 1808 e, principalmente, durante o reinado de Dom Pedro II, impulsiona-se a colonização das terras situadas ao sul do país. A partir de 1820, ainda anterior à proclamação da independência do Brasil, aconteceram algumas tentativas de ocupação europeia pioneira no Vale do Itajaí, porém, as frequentes incursões dos indígenas pela disputa do território afligiam a vinda dos imigrantes.

As terras do bairro Itaipava foram as primeiras que no Vale do Itajaí se destinaram a um empreendimento colonial. Por Aviso Real de 05 de janeiro de 1820, o Rei Dom João VI autorizou Antônio Menezes Vasconcelos Drummond a estabelecer uma colônia em duas sesmarias junto ao rio Itajaí-Mirim, na região do atual bairro Itaipava. Com a ajuda de soldados dispensados de um batalhão da sede da capitania, Drummond iniciou a derrubada das matas que permitisse começar as plantações e a construção de casas para os colonos. No entanto, a futura colônia, que se chamaria São Tomás de Vilanova, não houve tempo nem meios de levar a cabo, pois Drummond teve que retornar ao Rio de Janeiro<sup>2</sup>.

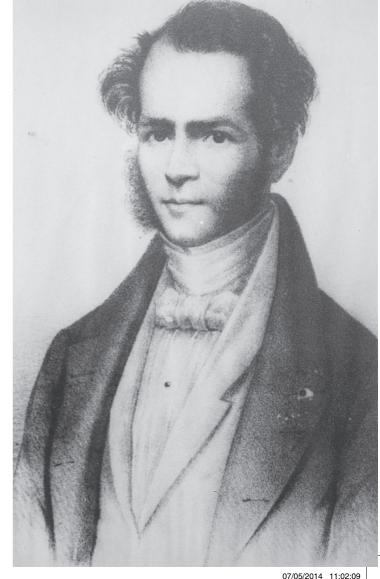
Com a fundação da Colônia Brusque, em 1860, e a chegada de imigrantes alemães, fez-se a abertura, em 1871, da estrada que tinha início na Barra do Rio e ia em direção àquela colônia. Era o "caminho dos alemães", como ficou conhecida. A ligação terrestre muito favoreceu a integração da região de Itaipava com a Vila de Itajaí e foi por onde novos colonos chegaram. Na localidade produzia-se mandioca, milho, arroz, feijão e cana-de-açúcar. Inúmeros engenhos de farinha e de açúcar se espalhavam pelas diversas propriedades rurais. Porém, uma atividade manufatureira já despontava: a fabricação de telhas e tijolos. Sabe-se que a primeira olaria da estrada de Brusque foi montada pelo coronel Agostinho Alves Ramos, por volta de 1840, junto ao rio Conceição<sup>3</sup>.

Durante o período do Segundo Império (1841-1889), novas levas de colonos recémchegados passaram a habitar o interior do Vale do Itajaí. Uma das famílias que se destacaram foi a do coronel Juvêncio Mafra, de origem portuguesa, que adquiriu terras onde instalou, na Itaipava, uma próspera fazenda, com a casagrande e extensas plantações. Possuía engenhos de açúcar e de farinha de mandioca movidos com trabalho escravo. Nos fundos dos terrenos próximos à morraria, ficava a senzala. Depois a propriedade foi vendida a Gelindo Girardi, vindo posteriormente pertecer a Germano Dagnoni, que passou a residir na casa em 1938, deslocando-se de Gaspar-SC.

De acordo com as memórias transmitidas por várias gerações à atual proprietária, senhora Anna Dagnoni Wallner:

> Meu pai contava que neste local próximo da casa havia um galpão que ía até naquele pé de jabuticaba. Lá atrás tinha um

Antônio Menezes Vasconcelos Drummond Acervo: CDMH-FGML









Casa colonial do século XIX. Bairro Itaipava, 2013 Fonte: do autor

rancho fechado onde os escravos moravam. Os escravos trabalhavam lá em cima do morro, onde plantavam cana, café e mandioca. Quando meu pai comprou a casa ainda tinha engenho de açúcar e o de farinha já tinham vendido. Ele dizia que os escravos eram chamados para a senzala através do canto de um berrante<sup>4</sup>.

Dona Aninha, como é carinhosamente chamada na comunidade, viveu desde a infância na sua velha casa do bairro Itaipava, e em suas lembranças ainda relata que:

As olarias mais antigas aqui da Itaipava eram a do meu pai, a do Sr. João Cunha, a do Sr. Crispim, e das famílias Winter, Wanzuita, Wippel e Andrade. Os engenhos eram tocados pelas famílias Demarch, Vicente e Coelho, esse último era lá na estrada do Tatu. Meus pais tiveram dez filhos e todos trabalharam nas lavouras. Eu ajudava a minha mãe, Sra. Ana Testoni, nos afazeres domésticos. Com oito anos já cozinhava no forno à lenha e lavava a roupa no ribeirão Águas Negras, que corre aqui do lado. A minha infância foi muito boa. A gente queria ir para o centro da cidade, a gente mocinha queria comprar as coisas para costurar e para bordar, e íamos de bicicleta. A condução vinha só duas vezes por semana, o ônibus vinha da linha de Brusque, e voltava à uma hora da tarde. Depois conheci meu marido, Peter Wallner, quando ele veio de Blumenau para trabalhar na Estação Ferroviária de Itaipava<sup>5</sup>.

As primeiras décadas do século XX trouxeram o aumento do número de moradores da localidade, devido à chegada de teutos e ítalos brasileiros, oriundos das regiões coloniais do interior do vale, que ali se fixaram. Com o desenvolvimento das atividades agrícolas e manufatureiras, o bairro foi recebendo melhorias públicas. Em 1910, criou-se a Escola Municipal de Itaipava, que funcionava numa casa de madeira. Em seguida, no ano de 1947, na gestão do prefeito Arno Bauer, fez-se a construção do prédio escolar em alvenaria, quando então passou a receber a denominação de Escola Básica Professora Judith Duarte de Oliveira. "Na década de 1920, tendo à frente Augusto Wippel, Alexandre Wanzuita, João Cunha e Serafim Rossi, começou a construção da capela dedicada a São Pedro<sup>6</sup>.

Segundo o senhor Ernani Alexandre Wippel, industrial aposentado e nascido no bairro Itaipava em 1944, ele menciona que:

Meu avô, de origem germânica, veio de Guabiruba-SC e comprou uma área aqui na Itaipava para morar. Criou os filhos, onde meu pai, Edmundo Wippel, montou uma olaria. Muito antes dos tijolos serem transportados de caminhão, eles eram levados de carroça. Saíam de madrugada pra levar pra cidade, com duas parelhas de cavalos, cerca de quinhentos tijolos. A fábrica de papel, a Igreja Matriz e muitas residências de Itajaí foram construídas com tijolos daqui. Lembro que depois do trabalho na olaria, quando chegava o verão, a gente ia pescar e tomar banho nas prainhas do rio Itajaí-Mirim, que se formavam com a força da correnteza que existia nas águas. Ali perto da estação de trem assistíamos a chegada do gado que vinha em dez ou doze vagões, lá da região serrana, onde aqui desciam e eram conduzidos por seis a oito tropeiros pela estrada até lá no matadouro dos Werner. No sábado, o pessoal costumava jogar futebol no Cruzeiro Esporte Clube, que foi fundado em 1943, e também se divertia no antigo salão dançante da Sociedade Recreativa Itaipava<sup>7</sup>.

Em 1954, com a inauguração da ligação ferroviária da Estrada de Ferro Santa Catarina entre Blumenau e Itajaí, os trilhos atravessaram o bairro Itaipava, sendo edificada uma estação de passageiros e de cargas denominado Estação Ferroviária Engenheiro Vereza. No ano de 1971, com o fim do ciclo madeireiro na região, o governo federal optou pela desativação da ferrovia. Desta forma, a antiga estação veio abrigar nos anos posteriores, a sede da Secretaria Municipal de Agricultura. Entre 2002 e 2008 o prédio passou por processo de tombamento e restauração, sendo transformado em 2010 no Museu Etno-Arqueológico de Itajaí, evidenciando o patrimônio cultural rural e arqueológico da região, além de contar com um espaço que resgata a história da ferrovia





no vale. Durante o período de funcionamento da Estrada de Ferro Santa Catarina em Itajaí (1954-1971), o bairro Itajava:

Recebeu uma série de melhorias urbanas, como a nova capela de São Pedro, mais ampla e de arquitetura mais rica, construída com os tijolos fabricados pelas inúmeras olarias, localizadas no próprio bairro. Nos anos de 1960, fundou-se na região a agroindústria com a criação da Granja Walma, que em 1973, foi adquirida e ampliada pelo Frigorífico Vale do Itajaí Ltda/ Frigovale. Gerou-se então, um afluxo populacional maior surgindo os primeiros loteamentos, como o São Pedro, adquirindo à região características urbanas<sup>8</sup>.



Estação Ferroviária Engº Vereza, 1954 Acervo Sra. Maria R. Rogge Desde 2010 o prédio da antiga estação ferroviária abriga o Museu Etno-Arqueológico de Itajaí.

Em 1969, para o atendimento da crescente demanda por matrículas, fez-se a implantação do segundo estabelecimento escolar público no bairro, a Escola Básica Francisco Celso Mafra, na gestão do prefeito Carlos de Paula Seara, e, assim como a primeira escola, também está localizada na antiga estrada geral Itajahy-Brusque, atual avenida Itaipava. Paralelamente a esta, a rodovia Antônio Heil (SC-486) entre Itajaí e Brusque, implantada em 1974, facilitou sobremaneira o acesso e a instalação de importantes empresas ligadas principalmente ao setor comercial e de logística portuária, contribuindo significativamente para o desenvolvimento socioeconômico do município. Com o incremento populacional, foi inaugurada em 1991, no loteamento São Pedro, mais uma unidade escolar, a Escola Básica Professora Inês Cristofolini de Freitas, na gestão do prefeito João Omar Macagnam. Defronte à escola, foi erguida uma capela dedicada a São Paulo Apóstolo. Neste período, as igrejas evangélicas também aumentaram o número de seus templos. Em 2011, a capela de São Pedro localizada no centro do bairro recebeu o título de paróquia.

localizada até hoje ao lado da

Estação Ferroviária Eng<sup>o</sup> Vereza, 1954 Acervo: Sra. Maria Reinalde Rogge.

Com o crescente desenvolvimento de sua infraestrutura urbana, marcada pela construção de novos condomínios residenciais, o bairro Itaipava, situado na área oeste da cidade, conta hoje com uma população de aproximadamente cinco mil habitantes. Mesmo fazendo parte do perímetro urbano de Itajaí, conforme lei municipal número 2.147, de 04 de dezembro de 1984, o bairro ainda cultiva seu aspecto rural. As atividades agropecuárias desenvolvidas são o cultivo de arroz irrigado, de hortaliças e a criação de bovinos de corte e de leite. Além disso, existem estudos para a futura implantação de um avançado Polo Tecnológico nas proximidades da rodovia Antônio Heil.



#### Notas

- 1 D'ÁVILA, Edison. **Itaipava**. FGML. Itajaí, 1997. 2 Idem.
- 3 Idem.
- 4 WALLNER, Anna Dagnoni (80). **Entrevista** concedida a Ivan Carlos Serpa, em 09/09/2009. Núcleo de Pesquisa de Etnografia Colonial. Museu Etno-Arqueológico de Itajaí. FGML. Itajaí, 2009.
- 5 Idem.
- 6 D'ÁVILA, EDISON. **Itaipava**. FGML. Itajaí, 1997.
- 7 WIPPEL, Ernani Alexandre (69). **Entrevista** concedida ao autor, em 05/09/2013. Núcleo de Pesquisa de Etnografia Colonial. Museu Etno-Arqueológico de Itajaí. FGML. Itajaí, 2013.
- 8 D'ÁVILA, Edison. **Itaipava**. FGML. Itajaí, 1997.





#### MEMÓRIAS DO MEU LUGAR

Moro num lugar verde,

Onde há montanhas e arrozais,

Tenho lembranças de infância,

De um tempo que não volta mais.

Lembro – me da mata Com cheiro de gabiroba,

Do canto do sabiá,

Sua melodia chorosa.

Lembro - me da benzedeira

Que curava mal olhado,

Benzia de susto e de míngua,

Outras vezes de embruxado.

As histórias de assombração

Que minha avó me contava,

De bruxa ou de lobisomem,

Qualquer uma me assustava.

O terno de reis era a festa

Nos ritos de fim de ano,

Casa em casa noite afora

Todo mundo ia cantando.

E as festas da igreja?

Quando ia já crescida,

Homenagear a padroeira

Nossa senhora Aparecida.

No grupo de boi de mamão



Eu até participei, Bernúncia e pau de fita Ah! Isso era lei. Muitas coisas já se foram, Pessoas até perdi... Meus avós tão companheiros Na infância que vivi. Os engenhos de farinha Já não existem mais. A serraria e a pedreira, Só na lembrança dos meus pais. Memórias do meu lugar, Hoje ainda moro aqui, Num lugarzinho afastado Na cidade de Itajaí. Meu lugar ainda é verde, Faço aqui uma exigência: Venha pra área rural E conheça a Paciência. Este bairro tão modesto E de nome curioso, Além das minhas memórias, Guarda a História de um povo. Contam os moradores, Que os primeiros a chegar, Foram bravos lenhadores



Que aqui vinham trabalhar

Mas achavam o lugar

Tão difícil de chegar,

Que o tempo todo em toda a viagem

Só faziam reclamar.

Diziam que para o trabalho

Possuíam competência,

Mas a demora no trajeto

Exigia paciência.

Daí veio o nome,

Do meu lugar tão querido,

É apenas uma versão,

Do que talvez tenha ocorrido.

Só sei que até hoje

Das histórias contadas aqui,

A versão mais aceita,

É esta que está aí.

O bairro extraiu pedras

E tirou-se muita madeira,

Teve engenhos de farinha,



Trabalhos de lida grosseira.

Hoje planta-se arroz,

Vendem-se ovos e até frango,

Talvez na sua mesa,

Esteja o que cultivamos.

Paciência é o meu bairro,

Que apesar do anonimato,

Faz parte de Itajaí

E contribui com seu formato.

Quando olho as montanhas,

E o verde me faz sorrir,

Percebo que sou feliz

E me orgulho em ser daqui.

Pra quem quiser saber,

De onde tirei inspiração,

Saiba que esses versos,

Vieram do coração.

Fale o que quiser,

Chame-nos bicho do mato,

Mas a gente da Paciência

É guerreira, isso é fato.

Tania Garbari Merlo Acadêmica do 6° Período do curso de Licenciatura em História da Uniassevi. Itajaí, 17 de agosto de 2013.







Cadê você, felicidade

Te procurei por entre as flores

Bosques e jardins

Lugares alegres, lugares sem cores

Da flor de Lótus ao Jasmim

Te procurei por caravelas

Barcos e até de baixo de pontes

Em condomínios e favelas

Da plana relva ao mais alto dos montes

Te procurei aqui na terra

Nuvens, florestas e o imenso céu

Em lugares de paz, lugares de guerra

Do vinagre ao doce mel

Te procurei por entre os rios mais puros

Lagos e o inacabável mar

Em lugares com luz, lugares escuros

Do pântano ao mais belo pomar

Te procurei por entre a música

Entre a fala e a canção

Em desafino e harmonia

Da calmaria à agitação

Te procurei por entre castelos

Prédios e a mais ilustre mansão

Mas confesso, só te achei, escondidinha

No recanto do meu sertão.

Leonardo Gazzoni

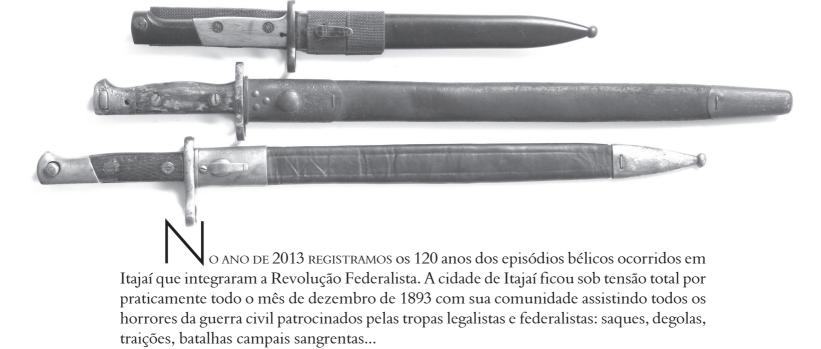


# REVOLUÇÃO FEDERALISTA 120 ANOS DA BATALHA DE ITAJAHY

MAGRU FLORIANO

PROFESSOR APOSENTADO DA UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ- AUTOR DOS LIVROS: "ITAJAÍ EM CHAMAS", "A LENDA DO MONTE TAYO – CONTRIBUIÇÃO À CENTENÁRIA DISCUSSÃO SOBRE O SIGNIFI- CADO DO NOME ITAJAÍ" E "ITAJAHY: UMA CIDADE EM BUSCA DE SEU FUNDADOR".





A Revolução Federalista inicia oficialmente no Rio Grande do Sul no dia 02 de fevereiro de 1893 quando Gumercindo Saraiva adentra o território brasileiro oriundo do Uruguai e promove uma série de ações hostis aos governos federal (Floriano Peixoto) e estadual (Júlio Castilhos).

As primeiras tropas combatentes que chegaram à Itajaí foram federalistas, lideradas pelo lendário Gumercindo Saraiva. Elas chegaram no dia 30 de novembro de 1893 depois de longa e desgastante caminhada iniciada logo após o insucesso militar no cerco que patrocinaram à cidade gaúcha de Bagé.

Após atravessar o rio Pelotas, a coluna de Gumercindo (o "Primeiro Corpo do Exército Libertador") rumou para Lajes e conseguiu chegar em Blumenau onde, margeando o rio Itajaí-açu, galgou a cidade litorânea de Itajaí, pela qual pretendia se juntar aos revoltosos da Armada. Contrariado com os rumos da revolução, o general Salgado guiou sua coluna (o "Segundo Corpo do Exército Libertador") pelo litoral e, após passar por Araranguá, Criciúma, Tubarão e Laguna resolveu seguir para Desterro antes de retornar ao Rio Grande do Sul. Mas, Gumercindo prosseguiu sua marcha setentrional em um plano audacioso: tomar as principais praças de guerra em terra montadas por Floriano no Estado do Paraná, Tijucas e Lapa, enquanto que Custódio de Melo se encarregaria do porto de Paranaguá. [...] (SÊGA, 2008, p. 103).

As tropas legalistas, representadas pela "Divisão do Norte", comandadas pelo General Francisco Rodrigues Lima, chegaram à Blumenau no dia 03 de dezembro, rumando em direção à Itajaí no dia 06 de dezembro.

Depois de montada a artilheria, que passava a ser conduzida por mulas, e a munição em carros, e de ser ordenado ao commando superior da guarda nacional que reunisse esta, seguiu a Divisão em direcção à cidade de Itajahy, passando pela freguezia de Belchior e acampando na de Gaspar, 14 kilometros distante de Blumenau, donde levantou acampamento para pernoitar no Barração.

Nesse dia mandou-se cortar o fio telegraphico, o que não foi conseguido. [...] (COUTINHO, 2011, p. 109-10).

As forças legalistas chegaram à Itajaí no dia 07 de dezembro. As forças federalistas, sentindo a aproximação rápida da "Divisão do Norte" por Brusque, ateiam fogo em duas pontes sobre o Ribeirão Canhanduba (grafado nos diários dos comandos militares como Canhanduva).

Continuou a marcha em direcção ao rio Itajahy-Mirim, onde a Divisão chegou cedo e concluiu a passagem às 3 horas da tarde, auxiliada por duas balsas grandes e uma pequena, indo acampar a 10 kilometros de distancia, no lugar denominado Cunha.

Á tarde o general Lima teve communicação que os rebeldes haviam queimado a ponte do rio Canhanduva, por onde tinha que passar a Divisão. Mandou então á Villa de Brusque contratar 20 carros para conduzir a munição (COUTINHO, 2011, p. 110-11).

Os combates envolvendo os exércitos federalista e legalista iniciaram no dia oito de dezembro às margens do Rio Pequeno (Itajaí-Mirim). O campo de operações bélicas compreendia as atuais localidades de Canhanduba, Arraial dos Cunha, Quilômetro Doze, Itaipava, Carvalho, Ressacada, Vila Operária, Rio Pequeno, Matadouro, Barra do Rio, Centro, São João, Fazenda.

Ao clarear do dia, seguiu a vanguarda [legalista] para descobrir o inimigo.

Á tarde o general [Lima] foi sabedor que os revolucionarios estavam entrincheirados na margem opposta daquelle rio, fazendo nutrido fogo de fuzilaria e artilheria; mandou fazer reconhecimento a vivo fogo, ao que resistiu o inimigo, disparando cêrca de 200 tiros de canhão, auxiliado por um pequeno vapor que da barra do Itajahy tambem fazia muitos disparos de artilheria.

Houve uma conferencia para resolver se deviam atacar com os 2.000 homens que ali tinham, ou esperar pelas brigadas dos coronéis Menna Barreto e Firmino, sendo todos de parecer, e que ficou resolvido, atacar-se o inimigo "fosse com que numero fosse (COUTINHO, 2011, p. 111).

No dia nove de dezembro as forças legalistas são divididas em duas colunas que marcham sobre a Villa de Itajahy sob o comando do General Lima e do Coronel Salvador. O avanço da tropa inicia às cinco horas da tarde, continuando noite adentro e manhã do dia dez de dezembro.

Marcharam as forças para fóra da picada com o fim de tomar posição para um assalto. Foram divididas em duas columnas. – A primeira, composta da 1ª e 3ª brigadas, sob as ordens immediatas do general Lima e a 2ª, composta da 4ª e 6ª brigadas, sob as ordens do coronel Salvador.





A esta columna acompanhava o senador Pinheiro Machado e a artilheria.

Separadas as duas columnas ás 5 horas da tarde, a 1ª embrenhou-se em uma montanha para cruzal-a de noite, luctando com toda a sorte de sacrifícios entre rochedos e profundas sangas, donde só poude sahir no dia 10, às 8 horas da manhã.

A outra columna luctou tambem com muitos sacrifícios (COUTINHO, 2011, p. 111).

Como consequência do avanço legalista, os federalistas abandonam trincheiras ao longo da localidade de Carvalho. Na oportunidade, chegam as forças dos Coronéis Mena Barreto e Firmino de Paula como reforço para os legalistas, enquanto os federalistas recebem reforços de cerca de trezentos homens liderados por Aparício Saraiva vindos do porto de São Francisco do Sul. Também recebem o reforço da coluna do Coronel Artur Maciel do Estado-Maior do General Gumercindo Saraiva. Ainda na tarde do dia dez de dezembro, os federalistas promovem ataque contra as forças legalistas que perdura até cerca das oito horas da noite.

Os legalistas registram em documentos oficiais a morte de cinco homens, contabilizando ainda cerca de 21 feridos. Os autores divergem acentuadamente quanto aos números de mortos e feridos nas batalhas realizadas no território itajaiense. Fala-se em 05, 180, 600 e até 800 mortos por parte dos legalistas e até 91 mortos por parte dos federalistas. Números, obviamente, que jamais teremos a devida confirmação.

No final do dia 10 de dezembro, as tropas federalistas embarcam nos navios "Meteoro" e "Uranus" evitando novos confrontos com as forças legalistas mais bem equipadas e numerosas. Na partida, os federalistas assassinam brutalmente o comerciante Rodolfo Herbst.

O inimigo, sentido as forças legaes já na rectaguarda, fugiu, abandonando a posição em que estava, e dois mortos, armas, munição e pouco fardamento de marinheiros. Então o general Lima mandou tocar o hymno nacional pela musica do 1º batalhão da brigada militar, commandado pelo intrépido tenente-coronel Carlos Frederico de Mesquita.







Ás dez horas reuniram-se as duas columnas; a força tomou nova posição para atacar no dia 11.

Nesse mesmo dia chegaram os coroneis Firmino de Paula e Menna Barreto com suas brigadas, os quaes andavam ausentes em serviço.

Á tarde o inimigo atacou com fuzilaria e artilharia, durando o mortifero fogo até ás oito horas da noite.

A 1ª brigada, commandada pelo valente official major Antonio Tupy Ferreira Caldas, e que era composta dos valentes 9º, ala esquerda do 13º e 30º batalhões, sendo os dois ultimos de linha, sustentou nutrido fogo, com a valentia de sempre, até ao escurecer, sendo então rendida pela 3ª brigada ao mando do coronel Antonio Pedro Caminha.

Mortos das forças legaes foram 5, e feridos 21, sendo no numero dos primeiros o valente alferes do 30º batalhão Antonio Alves, e no número dos feridos o valente capitão Pedro Ghen, do 9º batalhão provisorio.

O hospital de sangue foi feito em uma casa junto á referida ponte.

O inimigo fugiu ás 8 horas da noite, deixando alguns mortos e feridos.[...] (COUTINHO, 2011, p. 112).

No dia 11 de dezembro, a "Divisão do Norte" avança sobre o centro da Villa de Itajahy abandonado na madrugada do dia anterior pelas forças federalistas. Os legalistas instalam dois canhões Krupp no morro da Atalaia para proteger a boca da barra. O general Lima assina em Itajaí a "Ordem do Dia" de número 62, onde detalha as batalhas travadas na cidade. As tropas legalistas aprisionam os vapores federalistas "Progresso" e "Charuto", contendo gêneros essenciais para a alimentação da tropa, como sal, farinha e feijão.

Na manhã desse dia [11] avançou a 1ª e a 3ª brigadas para reconhecer a posição que tomavam os rebeldes. Chegando á cidade nada encontraram.

Aprensentou-se á vanguarda o juiz da comarca de Itajahy, dr. Mello, que informou ter o inimigo embarcado, abandonando a cidade.

O general Lima fez avançar as linhas de atiradores, tomou conta da cidade e mandou avançar até á barra, para reconhecer os pontos mais estratégicos.







Immediatamente o mesmo general fez concertar o vaporsinho Progresso. Mandou examinar por nadadores si estava n'agua uma peça de artilharia que se dizia ter o inimigo deixado cahir com a precipitação do embarque. Mandou avançar dois canhões Krupp, que foram collocados em frente á barra, guarnecida pela 2ª brigada. Mandou convidar as familias que haviam passado para o lado opposto do Itajahy a virem para suas casas, o que fizeram.[....] (COUTINHO, 2011, p. 113).

Surpreendentemente, os navios federalistas, tendo à frente o cruzador "República", retornam à Itajaí no dia 12 de dezembro e promovem fogo de artilharia contra alvos militares legalistas. Danificam novamente a Ponte dos Werner sobre o Rio Conceição (Canhanduba) em Carvalho, destroem trincheiras legalistas no Morro da Atalaia - boca da barra. A "Divisão do Norte", também de forma inesperada, resolve deixar Itajaí pela estrada de Brusque no dia 13 de dezembro.

Ás 4 horas da tarde appareceram fóra da barra dois navios rebeldes, que dispararam alguns tiros de canhão contra a artilharia legal de terra.

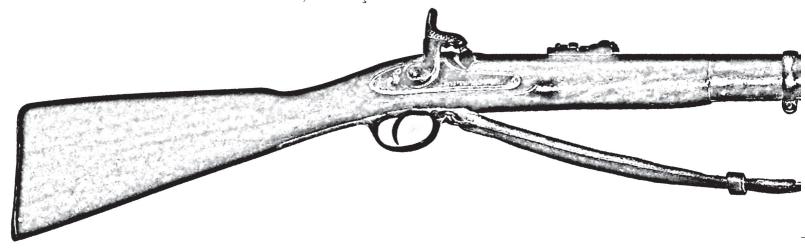
Em conferencia foi combinado se deviam as forças seguir para o norte em protecção ao general Argolo ou para o sul em protecção ao general Arthur Oscar, ficando resolvida a marcha para o sul (COUTINHO, 2011, p. 122).

Enquanto as tropas legalistas (Divisão do Norte) deixavam a cidade de Itajahy com o objetivo de retornar ao território gaúcho em apoio às tropas do General Arthur Oscar, os navios revoltosos voltavam a bombardear Itajaí, com as tropas federalistas assumindo novamente o controle da Villa a partir do dia 14 de dezembro. A partir daí ocorrem diversos atos de vingança que atingiram aqueles acusados de ajudarem as tropas legalistas. Por este motivo foi degolado o comerciante Procópio José de Bayer.

A 13 de dezembro a Divisão encetou a marcha combinada, depois do que entraram dois navios rebeldes em Itajahy, onde não havia mais força, fazendo fogo de artilharia.

Os revolucionarios apossaram-se novamente da cidade, fazendo constar, em boletins, que os republicanos haviam perdido 600 homens no ultimo combate.

Nesse mesmo dia passaram pela ponte queimada de Canhanduva duas brigadas das forças legaes e quatro pela volta, avançando a vanguarda, sob o commando do coronel Salvador, em direcção de Blumenau.







O general Lima ordenou aos coroneis Menna Barreto e Firmino de Paula que marchassem em direcção da villa de Brusque (COUTINHO, 2011, p. 123).

[...] as tropas do governo voltaram para Blumenau e pretendiam dirigir-se para o Paraná, mas de repente foi notado que haviam deixado Blumenau e se dirigiram para o planalto. Pouco tempo após já se ouvia o barulho das máquinas e do marolar das ondas produzido pelos pequenos vapores requisitados pelos revolucionários que se aproximavam de Blumenau, vindos de Itajaí (HERING, 1980, p. 70).

O general Lima seguiu com o resto da força para o passo do Limoeiro, no Rio Pequeno, onde chegou às 10 horas da manhã e começou a passagem, que terminou as 3 da tarde, indo acampar num nucleo colonial chamado Barração.

Ahi recebeu uma carta do delegado de policia de Cambriú, que dista 11 kilometros de Itajahy, communicando ter chegado do Estado do Rio Grande uma Columna de 2.000 homens para encorporar-se ás forças do coronel Oscar e que, em Tijuca, chegaram 2.000 rebeldes, embarcados no Porto Bello.

A Divisão já havia caminhado cêrca de 30 kilometros depois que sahira de Itajahy (COUTINHO, 2011, p. 113).

No dia 16, a "Divisão do Norte" acampa na Freguesia de Gaspar e pernoita perto da localidade de Belchior servindo-se da estrutura oferecida por Blumenau para recompor suas forças com armas, roupas e alimentos, além de cuidar dos feridos.

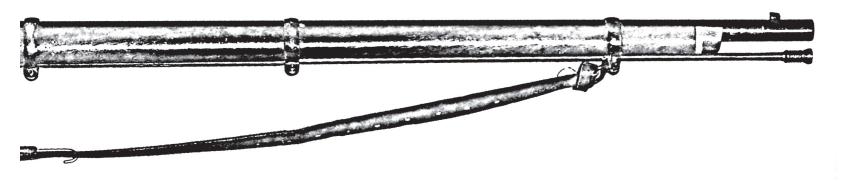
A força [Divisão do Norte] conservou-se acampada e se cuidou dos feridos em Itajahy, os quaes foram para o hospital, em Blumenau [...]

Nesta cidade o commando da Divisão mandou fazer balas de artilharia [...] foi dada ordem para as brigadas comprarem alguma roupa para os soldados (COUTINHO, 2011, p. 124).

Enquanto a "Divisão do Norte" continuava nas cercanias de Gaspar e Blumenau os revoltosos ocupam por definitivo, no dia 19 de dezembro, todo o território entre Gaspar-Brusque-Itajahy com as vanguardas das duas tropas promovendo choques rápidos, apresentando mortos e feridos de ambos os lados.

O tenente-coronel Fabricio Pillar foi no vapor Progresso observar o inimigo na entrada do Itajahy, indo ao mesmo tempo uma escolta por terra até á ponte queimada, comandada pelo tenente-coronel Pimenta.

Nesse dia foi destribuido algum fardamento,



Ás 10 horas da noite chegou a communicação do tenente-coronel Pillar de terem entrado no rio Itajahy tres vapores rebeldes (COUTINHO, 2011, p. 124-5).

Cêdo foi determinado que as forças se conservassem em ordem de marcha, que se abreviasse a compostura das armas e o fabrico das balas de artilharia que se estavam fazendo na fundição de Blumenau.

Regressou o tenente-coronel Pillar [dia 20] e communicou que em uma volta grande do rio encontrou um vapor do inimigo [dia 19], o qual retrocedeu ante o fogo de fuzilaria que lha fazia uma escolta legal que havia desembarcado do Progresso e que o dito vapor, ao fugir, disparou 5 tiros de metralha (COUTINHO, 2011, p. 125).

No dia 20 de dezembro, a "Divisão do Norte" continua nas cercanias de Gaspar e Blumenau. O diário do General Federalista Francisco da Silva Tavares promove relato minucioso das questões que envolvem o alto comando revoltoso em Santa Catarina e os motivos que o impelem a voltar ao território rio-grandense.

[...] À 1 hora da tarde chegou o General Salgado com 1.200 homens em expedição a Itajaí para destroçar a coluna Pinheiro Machado. Disse-me que há muito rompera com o Governo Provisório. Primeiro, por causa de sua politicagem positivista contrariando as vistas da revolução Rio-Grandense e estivera disposto a regressa para o Sul [...] deu-me para extrair cópia da representação que recebeu de seus comandados pedindo para voltarem para sul [...] (CABEDA, 2004, pag. 148).

No seu diário de campanha, o General Francisco da Silva Tavares dá como certa vitoria militar sobre a "Divisão do Norte" nas proximidades de Blumenau já no dia 21 de dezembro, o que efetivamente não ocorre.

À tarde chegam telegramas de Itajaí que Gumercindo cerca a coluna de Pinheiro e Lima com 1.300 homens a fim de dar batalha e destroçar essa coluna inimiga (CABEDA, 2004, pag. 1151).

Segundo informações colhidas pelos legalistas, as tropas federalistas continuam a reforçar sua posição em Itajaí no dia 22 de dezembro.

O commando da Divisão teve parte que dois navios inimigos se achavam no rio Itajahy, sondando-o, distante dali 20 kilometros, mais ou menos.

Então foram tomadas todas as providencias, sabendo-se mais tarde serem quatro os navios e não dois. Seguiu uma







descoberta do 1º regimento da brigada militar, que chegando naquelle rio, o seu commandante, capitão Jordão A de Oliveira, fez passar um cabo e um soldado, com o fim de observar o movimento dos rebeldes. [...]

Continuando a apparecer no rio Itajahy dois vapores, foi ordenado ao coronel Pithan que em Brusque comprasse gado e viveres para as forças" (COUTINHO, 2011, p. 128).

No dia 23 de dezembro, as forças revoltosas constatam que o telégrafo entre Tijucas e Itajaí sofreu interrupção por sabotagem legalista e as previsões otimistas feitas no dia anterior quanto "destroçar" a "Divisão do Norte" em Blumenau não se confirmaram.

Disse-me o almirante que o telégrafo entre Tijucas e Itajaí está interrompido e crê que tenha sido cortado pelas forças de Pinheiro e Lima, ou alguma partida que cruzasse nessas imediações. Dizem prisioneiros que Pinheiro não está nas forças, ignorando o seu destino, acrescentando os prisioneiros que tenha ido para S. Paulo. [...]

Maciel acaba de embarcar com Salgado e Estácio para Itajaí. As operações militares nesse ponto estão dificílimas por ter a coluna Pinheiro e Lima ocupado uma posição inexpugnável (CABEDA, 2004, pag. 153).

No dia 25 de dezembro, o governo Floriano prorroga até 31 de janeiro de 1894 o estado de sítio que incluí o território de Santa Catarina devido à Revolução Federalista. O comando da "Divisão do Norte" continua acampado na região entre Gaspar e Blumenau orientando a retirada da tropa em direção a serra. A chuva forte que há dias não dava trégua aos retirantes dificultou em muito toda a manobra militar legalista. Nesse interin, os federalistas consolidavam posição em toda a região próxima a Itajaí.

Avançou a 4ª brigada além de Blumenau. Entre esta cidade e Brusque foi collocado um corpo que tomou a necessaria posição.

O general Lima recebeu cartas que contavam a approximação dos rebeldes em Jaranguá (COUTINHO, 2011, p. 128).

O Almirante chegou às 3 horas da tarde a Itajaí onde, dizem, fora exigir que os Generais atacassem Pinheiro Machado que se acha nas matas da Serra em Blumenau! [...] (CABEDA, 2004, pag. 154).

No dia 26 de dezembro, o comando da "Divisão do Norte" aquartelou-se nas cercanias de Blumenau esperando o ataque das forças rebeldes, enquanto o grosso da tropa seguia em direção a Rio do Sul. Mas o conflito somente ocorreu no dia 27, entre tropa de vanguarda legalista e uma tropa de cerca de 300 homens comandados por Apparicio Saraiva nas

proximidades da localidade de Têsto. Contudo, não ocorreram grande número de baixas em ambas as forças.

Somente no dia 02 de janeiro de 1894 a totalidade do efetivo integrante da "Divisão do Norte" ultrapassou o Rio Lontras e chegou a Rio do Sul. Nesses primeiros dias, eram constantes pequenos focos de luta na região compreendida entre Itajaí e Blumenau. Entre Itajaí e Lages, as forças legalistas enfrentaram fome e enchente, chegando a Lages somente no dia 13 de janeiro de 1894, logo em seguida retornando ao território do Rio Grande do Sul.

A importância da Batalha de Itajaí para a história do Brasil deve-se ao fato de ter ocorrido nesse momento a junção estratégica das forças terrestres e navais integrantes de duas revoltas (Revolta da Armada e Revolução Federalista) que até então corriam paralelas, mas sem operar conjuntamente no campo de batalha.

Para se ter uma ideia próxima da dimensão e extensão do conflito ocorrido em nosso território, no ano de 1893 a Villa de Itajahy contava com aproximadamente doze mil habitantes. A "Divisão do Norte" chegou a ter em Itajaí efetivo próximo a quatro mil soldados, enquanto o "Primeiro Exército Libertador" e os navios da "Revolta da Armada" chegaram a mobilizar em Itajaí forças superiores a dois mil homens. Mantida a devida proporção, se o conflito fosse realizado nos dias de hoje, estaria envolvendo diretamente dois exércitos compostos por cerca de cem mil soldados.

As duas revoltas que atingiram diretamente a Villa de Itajahy (Revolução Federalista e Revolta da Armada) tiveram fundamental importância na configuração política de nossa

comunidade. Esta configuração vai se estender durante toda a Primeira República, cujo ocaso ocorre com o advento da Revolução de 30.



ABRANCHES, Dunshee de. **A Revolta da Armada** e **a Revolução Rio-Grandense**. Rio de Janeiro: M. Abranches, 1914.

ALBERNAZ, Paulo Mangabeira. **Episódios da Revolução Federalista no Paraná**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1978.

ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luis H. [Orgs]. **Pensar a Revolução Federalista**. Rio Grande: FURG, 1993.

BANDEIRA, Moniz. Presença dos Estados Unidos no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

BARETTA, SÍLVIO R. D. O RIO GRANDE DO SUL E A REPÚBLICA: REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE A REVOLUÇÃO







DE 1893. CAMPINAS: PAPER PARA O CPG EM HISTÓRIA / UNICAMP, S/D.

BASBAUM, Leôncio. **História sincera da república**. São Paulo: Fulgor, 1957.

BAUMGARTEN, CHRISTINA. O ESPÍRITO DE UMA ÉPOCA – A SAGA DA FAMÍLIA BAUMGARTEN [BIOGRAFIA ROMANCEADA]. BLUMENAU: HB, 1999.

BELLO, José M. **História da República**. 8 ed. São Paulo: Nacional, 1983.

BOITEUX, Henrique. **A república catarinense [notas para sua história].** Rio de janeiro: Imprensa Naval, 1927.

BOITEUX, José Arthur. **Os partidos políticos em Santa Catarina - 1821-1871 [I parte]**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.

BOITEUX, Lucas Alexandre. **A pequena história catarinense**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1920.

BOITEUX, Lucas Alexandre. **Efemérides Catarinenses**. Florianópolis: IHGSC, 1921.

BOITEUX, Lucas Alexandre. **História de Santa Catarina**. São Paulo: Melhoramentos, 1919.

BOITEUX, Lucas Alexandre. **Notas para a história catharinense**. Florianópolis: autor, 1911.

BORMANN, José Bernardino. **Dias fratricidas – memórias da Revolução Federalista no Estado do Paraná**. Curitiba: Livr. Econômica, 1901.

BRUECKHEIMER, Max. Memórias de Max Brueckheimer IN: **Blumenau em Cadernos**. Tomo X. Outubro de 1969. Pag. 157-203.

BRUM, Argemiro Jerônimo. **Democracia e partidos políticos no Brasil**. Ijuí: UNIJUI, 1988.

BUENO, Eduardo. **Brasil:** uma história – cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Breve notícia sobre o poder legislativo de Santa Catarina. Suas legislaturas e legisladores 1835-1974. Florianópolis: Lunardelli, 1975.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Brusque**. **Subsídios para a história de uma colônio nos tempos do império**. Brusque: Soc. Amigos de Brusque, 1958.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. 4 ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Santa Catarina – história e evolução**. Col. Brasiliana, vol 80.São Paulo: Ed. Nacional, 1937.

CARNEIRO, David. **O** cerco da **L**apa e seus heróis. **A**ntecedentes e consequências da **Revolução federalista no Paraná**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1991. Col. Gen. Benício, v.277.

CARNEIRO, David. **Gomes Carneiro e a consolidação da república**. Curitiba: autor, s/d.

CARNEIRO, David. **O Paraná e a Revolução Federalista**. Rio de Janeiro: Atena, 1944.

CARNEIRO, David. **Como chegou o Positivismo ao Paraná**. Curitiba: Centro Positivista do Paraná [mimeo], 1978.

CARONE, Edgard. **A República Velha, evolução política.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

CASTRO, Sertório de. **A República que a Revolução destruiu**. Brasília: EdUNB, 1982.





CHACON, Vamireh. **História dos partidos brasileiros**. Brasília: edUNB, 1985.

CINTRA, Assis. **Histórias que não vêm na História**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1928.

CORRÊA, CARLOS HUMBERTO. **GOVERNANTES DE SANTA CATARINA DE 1739-1982**. FLORIANÓPOLIS: EDUFSC, 1983.

CORRÊA, CARLOS HUMBERTO P. **Guia dos governantes de Santa Catarina**. Florianópolis: SEC, 1979.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **Militares e civis num governo sem rumo. O governo revolucionário provisório do Desterro 1839\1894**. Florianópolis: Lunardelli, 1990.

CORRÊA, Carlos Humberto. **Santa Catarina – quatro séculos de história**. Florianópolis: Insular, 2000.

CORRÊA, Carlos Humberto. **Um estado entre duas repúblicas**. Florianópolis: EDUFSC, 1984.

CORREIA, Leôncio. Barão do Serro Azul. Curitiba: Dicesar Plaisant, 1942.

COSTA, Emília V. da. **Da monarquia à república**. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COSTA, Sandro da Silveira. **Santa Catarina – história, geografia, meio ambiente, turismo e atualidades**. Florianópolis: Postmix, 2011.

COUTINHO, Albino José Ferreira. **Marcha da Divisão do Norte**. Porto Alegre: Oficina Tip. Correio do Povo, 1896.

COZZA, DINO WILLY. **Operações navais em Paranaguá em 1894**. Palestra, 1994.

CRUZ COSTA, João. **Pequena história da república**. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DEEKE, Fides. A Guarda Cívica de Blumenau. **Blumenau em Cadernos**. Tomo VI. 1963. Nº 07. Págs. 129-40.

DEEKE, Fides. Memórias de Fides Deeke. **Blumenau em Cadernos**. Tomo VII. 1964. Nº 02. Págs. 17-20.

DEEKE, José. **O** município de **B**lumenau e a história de seu desenvolvimento. Blumenau: Nova Letra, 1995.

DIAS, RAFAEL; RODRIGUES, OTÁVIO AUGUSTO AULER. **GEOGRAFIA E HISTÓRIA DE SANTA CATARINA: PARA VESTIBULARES E CONCURSOS**. FLORIANÓPOLIS: ED. AUTOR, 2008.

DORNAS FILHO, João. **Apontamentos para a história da república**. Curitiba: Guaíra, 1941.

DORNELLES, SEJANES. **Gumersindo Saraiva: o guerrilheiro pampeano.** 2.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1988.

DOURADO, ÂNGELO. **Voluntários do Martírio – Narrativa da Revolução de 1893** [fac-símile da Ed. De 1896]. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1977.

ESCOBAR, Wenceslau. **Apontamentos para a história da revolução rio-grandense de 1893**. Brasília: UNB, 1983.

ESCOBAR, Wenceslau. **Réplica a todos os contraditores de meus apontamentos para a história da Revolução Rio-Grandense de 1893**. Porto Alegre: Globo, 1921. ESMERALDINO, Herval Ângelo. [coord. Supervisão]. **A história do legislativo: 1860-2012**. Itajaí: Câmara de Vereadores de Itajaí, 2012. Textos de Edison d´Ávila e Vânia Campos.

FAORO, RAYMUNDO. OS DONOS DO PODER. PORTO ALEGRE: GLOBO, 1958.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: USP-FDE, 1996.

FERREIRA, João C. Gomes Carneiro e o cerco da Lapa. Curitiba: Plácido e Silva, 1928.





FERREIRA, Marieta de Moraes. Em busca da Idade do Ouro. As elites fluminenses na Primeira República [1839-1930]. Rio de Janeiro: EdUFRJ / Tempo Brasileiro, 1994.

FICKER, Carlos. **História de Joinville – subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca**. Joinville: tip. Ipiranga, 1965.

FLORES, Elio Chaves. **No tempo das degolas: revoluções imperfeitas**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

FLORES, HILDA AGNES HÜBNER (ORG). **Revolução Federalista – estudos.** Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993.

FLORES, Moacyr (ORG). **1893-95**: A **Revolução dos Maragatos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

FLORIANO, MAGRU. CALENDÁRIO HISTÓRICO DE ITAJAHY. [EM PESQUISA – ANOTAÇÕES].

FLORIANO, MAGRU. **HISTÓRIA DA IMPRENSA DE ITAJAHY** [EM PESQUISA – ANOTAÇÕES].

FLORIANO, Magru. Itajaí: uma cidade em busca de seu fundador – textos compilados. Vol I. Itajaí: Brisa Utópica, 2013.

FLORIANO, Magru. Quem escreve em Itajaí – indicador da literatura e jornalismo da Região da Grande Itajaí até 2000. Itajaí: Brisa Utópica, 2002.

FONTES, Henrique da Silva. **Pensamentos, palavras e obras: Terceiro caderno de Itajaí. I parte**. Florianópolis: Ed. autor, 1963.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e camadas médias urbanas na crise da primeira república**. Tese mestrado FFCL\USP, 1974.

FRANCISCO, João. **A** revolução de noventa e três. 2.ed. Porto Alegre: Renascença/Edigal, 2011. Coleção Revolução Gaúchas.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **História e teoria dos partidos políticos no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1974.

FRANCO, SÉRGIO DA COSTA. A GUERRA CIVIL DE 1893. PORTO ALEGRE: UFRGS, 1993.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**. 4ed. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

FREIRE, Felisberto. **História da Revolta de 6 de setembro de 1893**. Brasília: EdUNB, 1982.

FURTADO, Celso. **Análise do modelo brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

GOYCOCHÊA, Castilhos. **Gumersindo Saraiva na guerra dos Maragatos**. Rio de Janeiro: Alba, 1943.

GRAHAM, RICHARD. CLIENTELISMO E POLÍTICA NO BRASIL DO SÉCULO XIX. RIO DE JANEIRO: UFRJ, 1997.

GROSS-HERING, GERTRUDES. RETROSPECTO IN: **Blumenau em Cadernos**. Tomo III. Setembro 1960. Nº 09, páginas 172-4.

GUASINA, Luiz de Senna. **Diário da Revolução Federalista**. Porto Alegre: AHRGS/Ed. EST, 1999.

GUIMARÃES, Antônio Ferreira Prestes. **A Revolução Federalista em cima da** serra 1892-1895. [....].

HAHNER, June E. **Relações entre civis e militares no Brasil ( 1889-1898)**. São Paulo: Pioneira, 1975.

HERING, Paul. Memórias – anotações – aventuras: 1861-1942. Trad. Frederico





Kilian. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1980.

HOERNER JÚNIOR, VALÉRIO. MARAGATOS.

HOLANDA, SÉRGIO BUARQUE DE [ORG]. **HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.** 7 VOLS. SÃO PAULO: DIFEL, 1960-1972.

HOLANDA, SÉRGIO BUARQUE DE. **RAÍZES DO BRASIL**. RIO DE JANEIRO: JOSÉ OLYMPIO, 1936. HÜBENER, LAURA MACHADO. **O COMÉRCIO DO DESTERRO NO SÉCULO XIX**. FLORIANÓPOLIS: EDUFSC, 1981.

KOHL, Dieter Hans Bruno. **Porto Belo – sua história sua gente**. 2.ed.Blumenau: Odorizzi, 2001.

KONDER, Alexandre. Os Halifax. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1952.

KONDER, Marcos. A pequena pátria. São Paulo: Melhoramentos, 1923.

KONDER, Marcos. Lauro Muller. 2.ed. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1957.

LACERDA, Arthur V. **O Positivismo e a política**. Curitiba; Centro Positivista do Paraná, 1992.

LACERDA, Francisco Brito de. Cerco da Lapa do começo ao fim. Curitiba: SECE, 1985.

LENZI, Carlos Alberto Silveira. **Partidos e políticos de Santa Catarina**. Florianópolis: EdUFSC, 1983.

LIMA, José Carvalho. Narrativas militares – a Revolução do Rio Grande do Sul. 2.ed. Porto Alegre: Casa dos Livros, 2009.

LOPEZ, RICARDO ALDAPÓ. CORAÇÃO DE CAUDILHO – HISTÓRIA REAL DE GUMERSINDO SARAIVA NA REVOLUÇÃO DE 1893. PORTO ALEGRE: MARTINS LIVREIRO, 2005.

LOUREIRO JUNIOR, L. M. **Dados sobre a exportação catarinense 1892-1920**. Rio de Janeiro: Americana, 1922.

LUZ, Fábio; CARNEIRO, Davi. **Floriano – memórias e documentos**. Vol I. A invasão federalista em Santa Catarina e Paraná. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

MEIRINHO, Jali. **A república em Santa Catarina: 1889-1900**. Florianópolis: EdUFSC/Lunardelli, 1982.

MEIRINHO, Jali. **Datas históricas de Santa Catarina: 1500-2000**. 2.ed,ver,at. Florianópolis: edUFSC/Insular, 2000.

MEIRINHO, Jali. **República e oligarquias**. Florianópolis: Insular, 1997.

MINISTÉRIO DA MARINHA. **Biografia de Saldanha da Gama**. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1947.

MONTEIRO, PAULO. Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo.

MOTTA, Paulo Roberto. **Movimentos partidários no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

MOURA, EUCLYDES B. DE. O VANDALISMO NO RIO GRANDE DO SUL, ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1893. PORTO ALEGRE: MARTINS LIVREIRO, 2000.

MOURA, João D. de A. **A Revolta da Armada e a Revolução Rio-Grandense: correspondência entre Saldanha da Gama e Silveira Martins**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1955.

MURICY, José Cândido da Silva. **A revolução de 1893 nos estados de Santa Catarina e Paraná [memórias]**. Biblioteca Militar. Vol XCIX e C. Rio de Janeiro: Cia Ed. Americana, s.d.

OLIVEIRA, CECÍLIA H. S. **A** INDEPENDÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DO IMPÉRIO. SÃO PAULO: ATUAL, 1995.

OURIQUES, JACQUES. DRAMA DO PARANÁ - EPISÓDIO DA TYRANIA DO MARECHAL





FLORIANO PEIXOTO. BUENOS AYRES, [....], 1894.

PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo Gaúcho – fronteira platina, direito e revolução**. 1 ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 2001.

PAULI, EVALDO. **HERCÍLIO LUZ GOVERNADOR INCONFUNDÍVEL**. FLORIANÓPOLIS: IOESC, 1976.

PENNA, Lincoln de A. O progresso da ordem; o florianismo e a construção da república. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

PENNA, Lincoln de A. **República brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. PEREIRA, Carlos da Costa. **A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1976.

PERISSINOTTO, RENATO M. CLASSES DOMINANTES E HEGEMONIA NA REPÚBLICA VELHA. CAMPINAS: UNICAMP, 1994.

PESAVENTO, SANDRA J. A REVOLUÇÃO FEDERALISTA. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1983.

PIAZZA, Walter Fernando. **Dicionário político Catarinense**. Florianópolis: ALESC, 1985.

PIAZZA, Walter Fernando. O poder legislativo catarinense: das suas raízes aos nossos dias (1834-1984). Florianópolis: ALESC, 1984.

PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina: sua história**. Florianópolis: EDUFSC\ Lunardelli, 1983.

PIAZZA, Walter Fernando; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina História da gente – 2º grau.** 2.ed, ver. ampl. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

PICCOLO, HELGA I. L. FONTES PARA O ESTADO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA DE 1893. IN: **Seminário "Fontes para a história da revolução de 1893"**. Bagé: URCAMP Ed., 1983.

PILAR, Fabrício. **Memórias da Revolução de 1893**. Porto Alegre: Presença, sem data. POMBO, Rocha. **Para a história; Notas sobre a invasão federalista no Estado do Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1980.

POMBO, Rocha. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Saraiva, 1905.

PORTO, Costa. Pinheiro Machado e seu tempo. Porto Alegre: L&PM, 1985.

PORTO, Manoel E. C. **Apontamentos para a história da república; um registro centenário**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

POSSAMAI, ZITA (ORG). **Revolução Federalista de 1893**. Porto Alegre: SMC – Caderno Ponto & Vírgula, 1993.

PRADO JUNIOR, CAIO. A REVOLUÇÃO BRASILEIRA. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1966.

PRADO JÚNIOR, CAIO. Formação do Brasil contemporâneo. São Paulo: Martins, 1942.

PRADO JÚNIOR, CAIO. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1945.

QUEIROZ, Suely R. R. Os radicais da república; jacobinismo: ideologia e ação 1893-1897. São Paulo: Brasiliense, 1986.

REBELO, José Angelo. **Sem história não dá. E assim se fez em Camboriú**. Camboriú\ Balneário Camboriú: autor, 1997.

REVERBEL, Carlos. Maragatos e pica-paus – guerra civil e degola no Rio Grande. Porto Alegre: L&PM, 1985.

RODRIGUES, Eduardo Contreiras. **Estácio Azambuja: ensaio biográfico**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1998.

RODRIGUES, Francisco Pereira. O governicho e a Revolução Federalista. Porto





Alegre: Martins Livreiro, 1990.

ROSA, Othelo. Júlio de Castilhos. Porto Alegre: Globo, 1928.

RUAS, Tabajara; BONES, Elmar. **A cabeça de Gumercindo Saraiva**. 2ed. Rio de Janeiro: Ricord. 1997.

SACHET, CELESTINO: SACHET, SÉRGIO. SANTA CATARINA: 100 ANOS DE HISTÓRIA. FLORIANÓPOLIS: SÉCULO CATARINENSE, 1997.

SAES, DÉCIO A. M. **A formação do estado burguês no Brasil (1888-1891)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SAMPAIO, GERALDO F. **A MARCHA DA COLUNA GUMERSINDO SARAIVA**. RIO DE JANEIRO: AUTOR, 1965.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina**. 3ª ed. ver. ampl. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1995.

SARAIVA, Nepomuceno Garcia. **Memórias de Aparício Saraiva**. Montevidéo: Medina, 1956.

SECUNDINO JÚNIOR, OCTÁVIO. O SOLAR DO BARÃO. PARANAGUÁ: AUTOR, S/D.

SÊGA, Rafael Augustus. **Tempos belicosos – a Revolução Federalista no Paraná**. 2.ed. Curitiba: Instituto Memória, 2008.

SENA, Davis R. de. O grande desafio brasileiro: guerra civil 1892/5. Rio de Janeiro: autor, 1995.

SERPA, ELIO CANTALÍCIO. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: EDUFSC, 1997.

SILVA, HÉLIO; CARNEIRO, MARIA CECÍLIA RIBAS. **HISTÓRIA DA REPÚBLICA BRASILEIRA – VOL. I – NASCE A REPÚBLICA 1888\1894**. SÃO PAULO: ED. TRÊS, 1968.

SILVA, José Ferreira da. **A imprensa em Blumena**u. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1997.

SILVA, José Ferreira da. **História de Blumena**u. Florianópolis: EDEME, 1972.

SILVA, José Niepce da et alii. **Anais do Primeiro Congresso de História da Revolução de 1894**. Curitiba: ed. Gráfica Paranaense, 1944.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **Republicanismo e federalismo - 1889-1902 – um estudo da implantação da república no Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1978.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação da sociedade brasileira**. São Paulo: José Olympio, 1944.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da cultura brasileira.** Rio de Janeiro: civilização Bras., 1964.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da república brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A república; uma revisão histórica.** Porto Alegre: UFRGS, 1989.

SOUZA E SILVA, Augusto Carlos de. O almirante Saldanha e a Revolta da Armada. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1939.

CABEDA, Coralio Bragança Pardo (org). **Francisco da Silva Tavares. Diários da Revolução de 1893 –** tomo I – Série Memória política do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Procuradoria-Geral de Justiça, Projeto Memória, 2004.

TAVARES, Joca. **Diários da Revolução de 1893** – tomo II - Série Memória política do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Procuradoria-Geral de Justiça, Projeto Memória,





2004.

THOMÁS, CLÁUDIO MARIA ET ALII. HISTÓRIA DO BRASIL. VOLUME 4. SÃO PAULO: LTD,

TONERA, ROBERTO. A TRAGÉDIA DE DESTERRO.

VARGAS, Túlio. A última viagem do Barão do Serro Azul. 2.ed. 2 tiragem. Curitiba: Juruá, 2009.

VASCONCELLOS, ÁLVARO DE. O ALMIRANTE CUSTÓDO DE MELLO E A REVOLUÇÃO DE 1893. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1949.

VERNALHA, MILTON MIRÓ. MARAGATOS X PICA-PAUS. CURITIBA: LÍTERO-TÉCNICA,

VIEIRA FILHO, DALMO. SANTA CATARINA – 500 ANOS – TERRA DO BRASIL. FLORIANÓPOLIS: A Notícia, 2001.

ZIMMERMANN, H. P. Reminiscências IN: Blumenau em Cadernos. Tomo. 1970. Tomo XI. Pag. 149-151.

WESTPHALEN, MARIA CECÍLIA (ORG). REVOLUÇÃO FEDERALISTA. CURITIBA: SOCIEDADE Brasileira de Pesquisa Histórica, 1997.

WOLFF, FILIPPE M. CERCO DA LAPA. [S/L]: AUTOR, 1974.









21g pesa a minha alma

Se minha vida amor amanhã

soçobrar

nos escaninhos da escuridão sem volta

não fiques triste dentro de casa

a chorar pelos cantos

não deixes que o abandono

da solidão sem remédio se adone

de teu espírito livre

de teu corpo não te descuides

não durmas tanto que me olvides

expiradas minhas exéquias

desperta e levanta

repara que lá fora

novo dia abri para ti

suas cores vivazes

repara como tudo se move

na luz desse dia

como tudo nesse movimento

é inquietante e seduz

tira de teu rosto a crepe do pesar

e o peso da angústia que acompanha o pensar

não penses não lembres não me lastimes

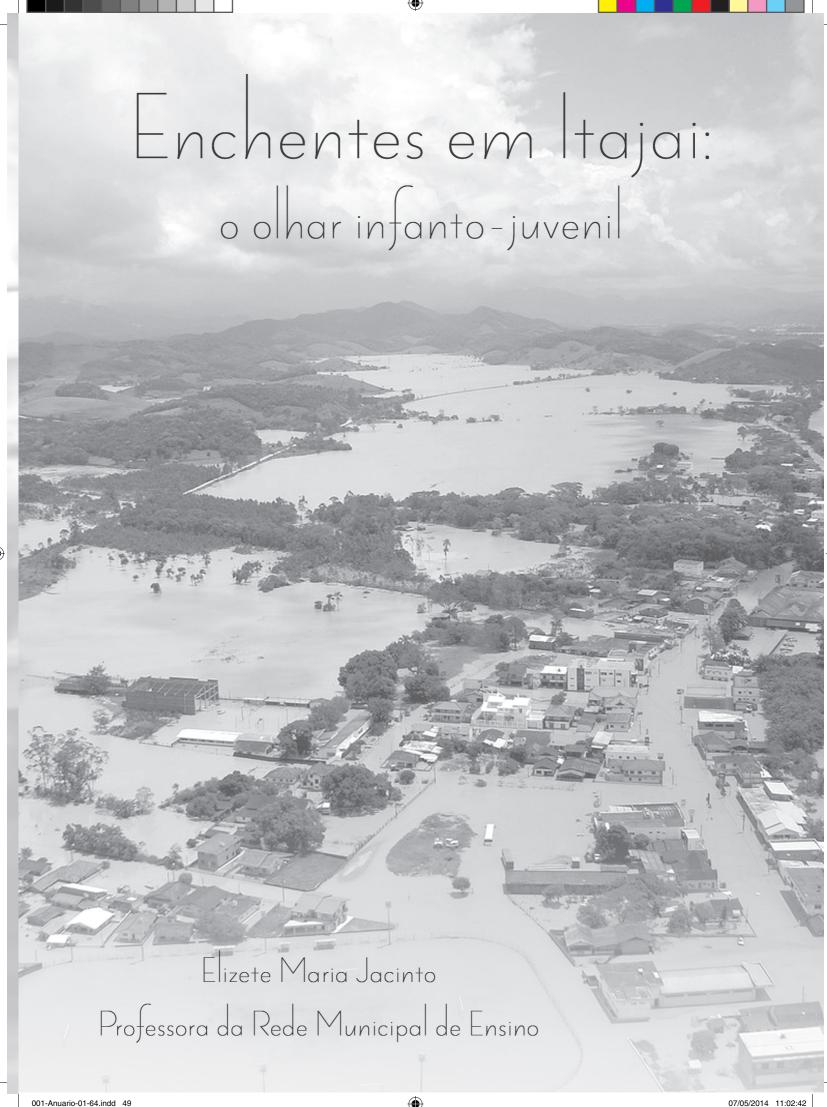
põe teu melhor mais lindo vestido e sai

o que morreu morto está

real é a coisa sonhada

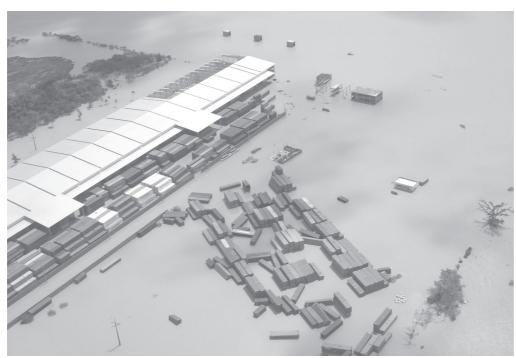
Pedro Port





# Juventude participativa: lições de cidadania

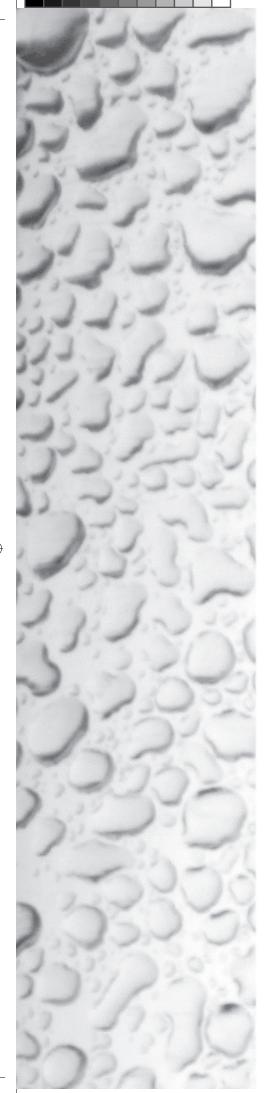
AR VISIBILIDADE ÀS NARRATIVAS DOS ALUNOS sobre o tema da enchente de 2008 foi extremamente importante na medida em que eles foram relembrando o que mais consideravam relevante na experiência vivida. Foi, literalmente, o que a memória guardou dentro de um contexto urbano, significativo para a comunidade em geral. Mas, do ponto de vista das crianças e adolescentes, é algo fascinante, pois nas atribuições variadas do mundo adulto, muitas vezes não nos damos conta ou não damos atenção ao que os "pequenos" e "jovens" pensam sobre os fatos. Eles seguem paralelos, alguns à deriva, como espectadores, porém, eles sentem, vivenciam e pensam. Por outro lado, nós adultos, muitas vezes no sentido de proteger ou excluir, queremos estabelecer limites. Com isso calamos a voz ou fechamos nossos ouvidos a essa maneira infanto-juvenil de expressar o cotidiano.



Durante muito tempo na história da humanidade, a criança era vista como um adulto em miniatura, muitas vezes negligenciada acerca do seu desenvolvimento intelectual e emocional, assim como excluída para o diálogo e para os questionamentos. Contudo, as mentes foram se abrindo para uma nova realidade a partir de estudiosos







na área da educação, que sinalizavam uma perspectiva inovadora contribuindo para mudanças de posturas tanto para a família como para a escola.

Após análises sobre vários aspectos que envolvem a participação dos alunos no contexto escolar, em se tratando do projeto realizado na E. B. Mal. Olympio Falconiere da Cunha, na coleta das memórias dos alunos buscou-se dar enfoque e, principalmente, "ouvidos" às narrativas de um grupo de crianças e adolescentes. Dentro dessa proposta de história oral, Karnal define que: "cabe ao professor conduzir a discussão, valorizar a oralidade, sobretudo daqueles que pela proposta apresentada se sentem prejudicados ou vitimados de preconceito".

Muitos não ouvem as crianças porque julgam que elas apenas precisam de seus ensinamentos, esquecendo-se, portanto, que é fundamental, no âmbito da educação atual, a possibilidade e a necessidade de também aprendermos com elas.

Enchente 2008: o que a memória infanto-juvenil guardou - Narrativas das quintas séries 2010 sobre a enchente:

Eu estava domingo de manhã assistindo TV e passou no noticiário que estavam alertando que ia dar enchente. A minha mãe arrumou as coisas para ficar preparado e a água do rio subiu (L.dos S. O.).

Eu estava em minha casa que tem dois andares, nós ficamos em casa, mas ajudamos nossos familiares que foram atingidos, estávamos em 30 pessoas e foi muito triste porque a gente ficou ilhado e não podíamos sair (Gabrieli Caetano Fortunato).

Saímos de casa com água pela cintura, não deu tempo de tirar quase nada, apenas poucas roupas, os cães e nós mesmos (André Leonardo Prateat Conceição).

Quando saí de casa a rua estava alagada, fiquei uns 20 dias na casa da minha tia. Estava olhando pela janela e vi pessoas andando pela água suja (L. E. A.).

Nós fomos para casa da minha vó e subimos na laje e ficamos no coberto, meu vô trouxe o fogão para cima e velas, a cama e os colchões para minha família (R. A. C. de M.).

Meus pais ficaram ilhados na casa de dois pisos da minha tia onde foi água. Eu e meu irmão ficamos na casa da minha madrinha no São João (Matheus Luiz Rodrigues). Eu me lembro, tava tudo alagado. Eu fiquei na casa em frente da casa da minha tia, eu olhava a janela, tudo tava cheio de água, um menino vivia indo lá embaixo brincar com as cobras d\[ \]água. Tinha muita gente conosco (Miryellen Antunes Gutierrez).

Minha mãe ficou assustada, com medo de que a água entrasse dentro de casa, mas não entrou. Mas minha vó perdeu tudo, perdeu roupas, móveis e também foi parar no hospital,mas depois de uma semana saiu e ficou tudo bem (T.T.das N.).

Todos os meus parentes sofreram com a enchente e perderam muitas coisas. Meus vizinhos perderam também muitas coisas e algumas casas tiveram o muro derrubado pela água (J. J. B. F.).

Eu e minha família, meus cachorrinhos estávamos abrigados em nossa casa no sótão (Gabriela Marcia de Moraes).

Primeiro eu fui dormir na casa da vizinha e depois uns amigos do meu pai vieram buscar eu e meu irmão de barco para ir na casa deles lá em Balneário. Eu via na TV o que tava acontecendo aqui (Pedro Victor Holodniak).

Pegou enchente na casa da minha vó e daí meu tio tinha um caminhão e eles dormiram dentro do caminhão. Quando ficava dia eles iam lá em casa ver se as águas abaixaram (Gabriela Cristina Paulo).

A minha mãe deixou duas coisas, o sofá e a mesa porque eram muito grandes e não passavam na escada. Então a mesa de madeira ficou toda molhada e não deu para aproveitar nem o sofá (Jessica Carolini da Silva).

Meu pai mandou eu e minha mãe para casa do meu tio que é um apartamento em Cordeiros. Aí, meu pai ficou para cuidar da casa (H.F. de A.).

O vizinho da minha vó tem a casa de dois andares e ficamos lá até a enchente acabar, levaram meu cachorro alemão e deixaram meus dois cachorros e os filhotes lá, mas eles morreram e eu chorei bastante. O homem que morava lá era militar, e ele pediu ajuda e eles conseguiram levar comida e bastante água (Bruna Morgana Candido).







No dia da enchente, eu minha mãe e meu irmão ficamos na casa da amiga da minha mãe até a água passar. Nós ficamos muito assustados, pois foi a primeira vez que eu vi uma enchente (Amanda da Costa Casas).

Como a minha casa é de dois andares eu não perdi nada, mas lá embaixo da minha casa, o nosso inquilino perdeu quase tudo. Toda a minha família e amigos foram quase todos lá pra casa. Como meu sobrinho estava lá, eu estava ficando estressada, então pedi para meu tio que veio me buscar (N. da S.).

Ficamos no segundo andar da casa, daí eu e meu tio e meus primos ficamos vendo a situação das pessoas andando naquela água imunda (W. N. S.).

Somente nosso carro sofreu danos, pois eu morava no andar de cima de uma casa alugada. Meu primo morava no bairro Cidade Nova e foi muito atingido (L. T.).

Na enchente sofremos muito, perdemos muitos móveis em casa e tivemos que ficar na casa do nosso vizinho no 2º andar, que até agora estamos morando. Mas além desta catástrofe, Itajaí é uma bela cidade (Guilherme Silva Pereira).

Eu estava em Pernambuco e viemos para cá em 2009. Eu estava assustada, todos lá em Pernambuco em jornais e revistas, todos os supermercados, escolas estavam arrecadando comidas e roupas. Eu pensei que Itajaí fosse acabar em águas e fiquei muito preocupada porque a minha tia tinha vindo para cá bem quando deu a enchente (Victória Paula Silva dos Santos).

No dia da enchente, minha irmã passou mal e fez uma cirurgia e tirou o bebê, o nome é Larissa. No MAX foi o pior saque, não foi só comida e sim aparelhos eletrônicos (Darlan Pessoa Silva).

A mãe do meu pai foi junto com a outra parte da família para um abrigo. Quando baixou a maré a minha vó foi para casa e tinham roubado as coisas que sobraram (G. F. F.).

Nos entristecemos muito sabendo que tinha muita coisa acontecendo lá fora. Foram os piores dias da minha vida, perdemos muita coisa e foi ruim, nós estávamos a luz de velas (Victor Mendonça Luciano).

Nós fomos na casa do meu tio em cima da lage. Eu estava molhada, com frio, fome e com medo (M. D. do N.).

Quando amanheceu meu pai botou eu na canguta dele e minha mãe botou meu irmão na canguta dela e minha irmã ajudou a minha avó e fomos para um apartamento (Stefhane Borges Vigarani).



Meu pai falou que não ia chegar água até na minha casa. Ele botou a minha caixa de Barbie em cima de uma cadeira, aí a caixa caiu na água e estragou tudo (Greice Daniela da Cruz).

Nos trouxeram uma caixa de lenço umedecido, bolacha Maria e iogurte. Só comíamos bolacha e iogurte. Tomávamos banho de lenço mas consegui sobreviver graças a Deus (Ewellyn Rodrigues da Silva Campos).

O telefone tocou era minha tia que disse posso ir pra tua casa? E a minha mãe disse pode. Quando a minha mãe viu tinha umas vinte pessoas, tá bom né? E então eles trouxeram as camas e dormiram em casa (Gabriel Olegário de Simas).

Em alguns supermercados entrou água e saiu alimentos boiando e algumas pessoas pegavam esses alimentos sujos e cheios de bactérias (T.C. da R.).

O pastor pensou que a água ia entrar na igreja e o pastor mandou todos para outros lugares e só nós ficamos porque a minha mãe e a minha irmã chegaram lá depois que o ônibus já tinha ido embora (Natália Eduarda Custódio).

Todos na minha família foram atingidos, mas como a minha casa é de dois andares, nos abrigamos no segundo andar e não sofremos graves conseqüências (Thalyta dos Praseres Gomes).

Minha mãe, eu e minha irmã fomos pra minha vó, porque a minha vó mora em uma casa de dois andares. E quando minha mãe voltou pra casa não tinha entrado água em casa (Nathan Silveira Cordeiro).

Eu estava em casa com mais de 30 pessoas e 13 cachorros. Meus familiares todos foram atingidos, menos eu porque a minha casa é de dois andares (Letícia da Silva Furtado).

Meu primo foi atingido pela enchente, depois da enchente eu fiquei muito riste porque havia todos aqueles móveis na rua que as pessoas se sacrificaram para comprar (Paulo Gabriel da Maia Dutra).

Minha casa estava cheia de água até a janela e a vizinha convidou pra ficar na casa dela. Quando acabou a enchente eu, minhas duas irmãs, meu pai e minha mãe limpamos tudo. Limpamos tudo certinho e também ajudamos meu tio que foi atingido (Jorge Luis Rangel).

Passamos por enormes dificuldades e perdas, mas ficamos bem graças a Deus. Vi muita tristeza e desgraça, agora vejo bastante alegria e felicidade (Matheus Araújo de Carvalho).

Minha vó chegou lá em casa desesperada, daí meus pais começaram a subir os móveis da casa. Depois eu e minha mãe voltamos pra casa e eu ajudei ela a limpar a casa porque ela estava imunda (Felipe Mezoni Bezerra).

A enchente em São Vicente foi bem feia, mas creio que Deus fez isso para juntar as pessoas. Lá na minha casa tinha uns 48 adultos e 15 crianças, eles brincaram e se divertiram bastante (Everton Booz).

Nós passamos dias acordados durante a noite com medo que a água subisse mais. Quando a água baixou meus parentes foram para suas casas e nós ficamos mais felizes porque a enchente acabou (Jackeline Marcela da Silva).





#### A BUSCA DE SOLUÇÕES REPERCUTINDO NA IMPRENSA

As redes de TV locais noticiaram e criticaram em programas de debates e noticiários a falta de planejamento e projetos para a cidade em relação a soluções para amenizar os impactos de catástrofes como a de 2008.

Também se verificou nos jornais locais um histórico de acontecimentos desta natureza e em que medida Itajaí vinha se organizando em relação a outros municípios ao buscar recursos financeiros para recuperação da cidade. Sendo assim, destacou-se no Jornal Folha de São Paulo o seguinte: "Dos 14 municípios catarinenses que, até ontem, registraram mortos pelas chuvas, apenas Itajaí assinou convênio com a União na gestão Lula para prevenção de desastres e controle de enchentes" (Folha de São Paulo, 26 de novembro de 2008).

Importante salientar que foram dois acordos firmados em 2006 com o Ministério das Cidades, no valor de R\$ 440 mil, para obras de drenagem pluvial.

Em se tratando do histórico de enchentes, no Diário do Litoral foi comentado que, em 07 de agosto de 1984, Itajaí, Navegantes, Brusque e Luis Alves estavam debaixo d'água

e a reportagem chamava a atenção para o transbordamento do rio Itajaí-Mirim, que ameaçava os recém-ocupados loteamentos do Promorar. "Entre as causas, se falava em falta de canalização, dragagem, o desmatamento das margens dos rios e a lerdeza do poder público" (Diário do Litoral ano 30- Nº 8005. 01/12/2008).

Falando do interesse do poder público em resolver estas pendências, o desabafo da sociedade é o mesmo, e no levantamento do Desenvolvimento Urbano da cidade é possível perceber, quando em notícia publicada em jornal, que, no final dos anos 70, em busca de uma vida melhor, milhares de pessoas do interior invadiram áreas de preservação de Itajaí e que por causa da incompetência do poder público em planejar o crescimento da cidade, quem acabava planejando eram justamente os posseiros. E ainda acrescentaram:





O enredo das histórias de invasão, que deu origem aos bairros pobres de Itajaí, é invariavelmente o mesmo: agricultores migram do interior em direção ao litoral com a ilusão do emprego fácil, se instalando em áreas de preservação ou compram terrenos de picaretas, sem a menor infra-estrutura, e o que é pior com o aval de políticos. Apenas quando a desgraça foi generalizada, como em 2008, que se lembram da velha relação entre causa e efeito: falta de planejamento urbano, drenagem, esgoto, desmatamento, lixo. Mas aí, já é tarde demais (Diário do Litoral ano 30- Nº 8063. 09/02/2009).

Neste contexto, ainda em jornal local, foi citado o colunista Cesar Valente como o autor de uma matéria com o título "Reconstruir e Prevenir", na qual salienta que Vitor Santos, que mantinha o *blog* chamado "A política como ela é", chamava a atenção para um detalhe que anda esquecido: "a reconstrução (...) precisa vir junto com a prevenção de outras catástrofes" (Diário do Litoral ano 30- Nº 8007. 03/12/2008).

A visita do Presidente Lula a Santa Catarina também foi destaque ao percorrer as áreas atingidas anunciando medidas para recuperação como, por exemplo, a liberação integral do FGTS, linhas de crédito especiais, com juros menores e maiores prazos de pagamento para micro-empresários, agricultores e pescadores, publicado em Diário Oficial da União. E durante a coletiva para a imprensa, o presidente cobrou do governador uma solução para as catástrofes em Santa Catarina, tendo em vista o histórico com enchentes. E o presidente concluiu: "Isto não pode acontecer. Estudos precisam ser feitos para que as medidas de prevenção possam ser colocadas em prática" (Diário do Litoral ano 30- N°8016. 13 e 14/12/2008).





Para contribuir com o debate, o professor e historiador José Bento Rosa da Silva relatou, em entrevista ao jornal, que esta enchente teve uma dimensão histórica importante, fazendo a seguinte observação:

Nunca tanta gente morou em áreas de risco, de preservação ambiental, como nas margens de rios e encostas de morros, o que provocou mais mortes. Além dos saques, que não se ouvia falar, salvo casos isolados em casas abandonadas, o que demonstra o desespero das comunidades carentes isoladas e o alto índice de criminalidade (Diário do Litoral ano 30 - N°8005. 01/12/2008).

Enfim, um interesse em promover certa reflexão, no calor dos acontecimentos, foi registrado pela imprensa após o evento. Mas efetivamente, o que foi realizado pelo poder público nos últimos anos sobre prevenção, revisão do plano diretor, fiscalização e estudos para o planejamento e o crescimento da cidade?

#### Conclusão

Este artigo é uma reflexão para os leitores, uma contribuição para a história de Itajaí e meu presente de formatura de conclusão do Ensino Fundamental, para aqueles que outrora foram "meus pequenos da 5ª série" e falávamos dos problemas sociais, econômicos e políticos causados pela enchente 2008 vivenciada por eles.

Fica aqui o meu agradecimento a todos que contribuíram para a realização desta pesquisa, aos pais que autorizaram a publicação das memórias de seus filhos sobre o evento e aos alunos que, não consegui contato para tal, por não serem mais alunos da E. B. M. Olympio Falconiere da Cunha, seus depoimentos serão assinados apenas com as iniciais de seus nomes, ficando na minha memória a lembrança de seus rostos e no meu coração à gratidão por fazerem parte deste trabalho mesmo que anonimamente.

Como professora próxima de concluir uma carreira, da qual não me arrependo nunca da escolha que fiz, só posso agradecer a Deus pela missão que me foi dada ensinar e aprender com meus alunos, espalhando sonhos, enfrentando gigantes, vencendo uma batalha a cada dia, fazendo um milhão de amigos da educação, acreditando que é possível sim transformar realidades. Em alguns momentos a voz daqueles que clamam por justiça, pode ser silenciada pela dor, pelo cansaço, mas as sementes plantadas ao longo do tempo, através de ações concretas no cotidiano, germinarão e com certeza darão frutos.

#### REFERÊNCIAS

#### Bibliográficas:

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2ª edição. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1992, p.476.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 3ª edição. SP: Contexto, 2005. P 68.

BELTRÃO, IERECÊ REGO. Corpos dóceis, mentes vazias, corações frios [] Didática: o discurso científico do disciplinamento. Editora Imaginário, SP. 2000, p.28.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1992.p.33, 86.

Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. **Projeto Educativo: diretrizes básicas para o ensino fundamental da Rede Municipal**. Itajaí, 2000.p.169 e 170.

Instituto Fala Guri. **Cartilha ECA na Sala de Aula**. Itajaí, 2ª edição, 2010.p.04 e 05. RODRIGUES, Murrieta. Apud. Gadotti, Moacir, PADILHA Paulo Roberto e CABEZUDO Alícia. **Cidade Educadora: principais experiências**. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire. Buenos Aires: Cidades Educadoras América Latina, 2004.p.30.

Relatório das enchentes nas escolas básicas: Ofício  $N^{\rm o}$  67 de 10/12/2008. Acervo: FGML.

ANTUNES, Aline. Impactos de enchente, dragagem de aprofundamento e dinâmica estuarina sobre a ictiofauna no estuário do rio Itajaí-açú, SC, Brasil. Universidade do Vale do Itajaí/UNIVALI. Dissertação de Mestrado em Ciência e Tecnologia Ambiental, 2010.

PEITER, Claudia Maria. **Desastres naturais: Enchentes e inundações e o papel do Estado e da Sociedade na Gestão de Segurança Pública**. Universidade do Vale do Itajaí. Dissertação de Mestrado em Ciência Jurídica, 2012.

Cartilha ECA na sala de aula. 2ª edição. Instituto Fala Guri/Itajaí, 2010.

#### SITES

WWW.promenino.org.br. Uma breve história dos Direitos da Criança e do Adolescente no Brasil. Gisela Werneck Lorenzi. Acessado em 28/03/2013.

WWW.DEFESACIVIL.ITAJAÍ.SC.GOV/HISTÓRICO. ACESSADO EM 10/04/2013.

WWW.NÚCLEO RBS DE DIVULGAÇÃO. ACESSADO EM 06/09/2013.

WWW.PACTOPOR SC. ACESSADO EM 10/09/2013.

WWW.PREFEITURAMUNICIPALDEITAJAI.SC.GOV.BR. ACESSADO EM 10/09/2013.

#### JORNAIS E REVISTAS

Revista Veja 3, de dezembro 2008, edição 2089 - Ano 41 Nº 48 P.96

Folha de São Paulo, 26 de novembro de 2008

Diário do litoral ano  $30 - N^{\circ} 8005$ . 01/12/2008

Diário do litoral ano 30 - Nº 8007. 03/12/2008

Diário do litoral ano 30 - Nº 8063. 09/02/2009

Diário do litoral ano 30 - Nº 8016. 13 e 14/12/2008

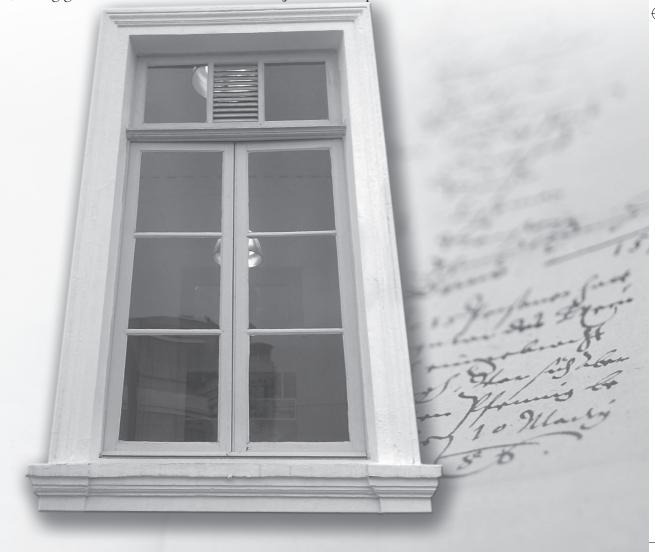
Diário do litoral ano 35 - Nº 9495. 01/10/2013



# Ensino de Gigantes

## Centenário do Grupo Escolar Victor Meirelles

"Centenários são ocasiões propícias para reavivar a memória coletiva, celebrar e comemorar, mas se constituem também em excelentes oportunidades para a reflexão crítica, a realização de balanços necessários para se empreender novas interpretações históricas". Os cem anos da implantação do Grupo Escolar Victor Meirelles, na exposição ENSINO DE GIGANTES, tece um olhar sobre o início do século 20 em Itajaí a partir da efetiva implantação da República, passando a materializar, com mais força, o ideal de "ordem e progresso" através da reforma do ensino em Santa Catarina no governo de Vidal Ramos. O conceito de Grupo Escolar e o ensino como um "método" foi entendido e aplicado como um dos fatores essenciais para se alcançar a modernidade. O combate ao analfabetismo, motivações médico-higienistas, a escola seriada como arquitetura "central" no núcleo urbano, desenhavam avanços gigantescos no mosaico educacional da época. O preparo para a vida através da "lição das coisas" seguia a pedagogia dos sentidos onde "saber querer" ultrapassava em muito o método do verbalismo e da memorização até então aplicado. Era a escola inovadora, de mobiliário e caprichos novos, escola monumento, escola do corpo, dos gêneros, do natural e do humanizado, era a própria natureza dos sentidos, dos "gigantes mestres" no olhar da criança. "Ensino" pra todos nós.

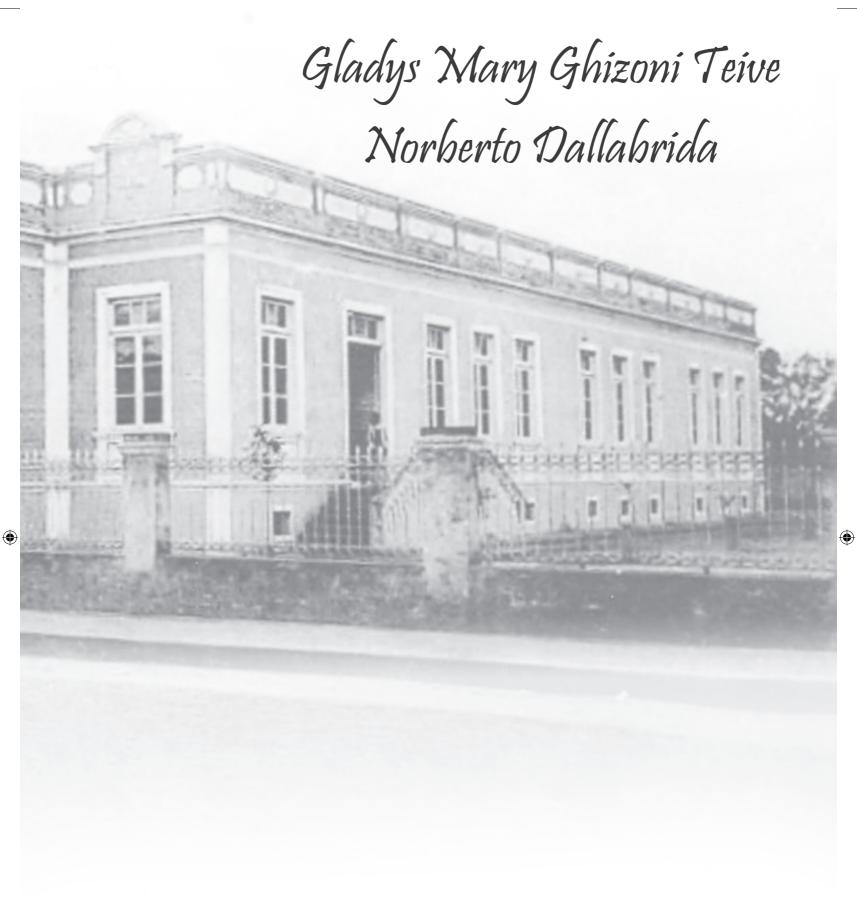






Grupo Escolar Victor Meirelles 1913-2013





Os professores Gladys Ghizoni Teive e Norberto Dallabrida, da Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc, desenvolveram uma das pesquisas mais abrangentes e interessantes sobre a educação pública em Santa Catarina.

## Grupo Escolar Victor Meirelles

### 100 anos de educação

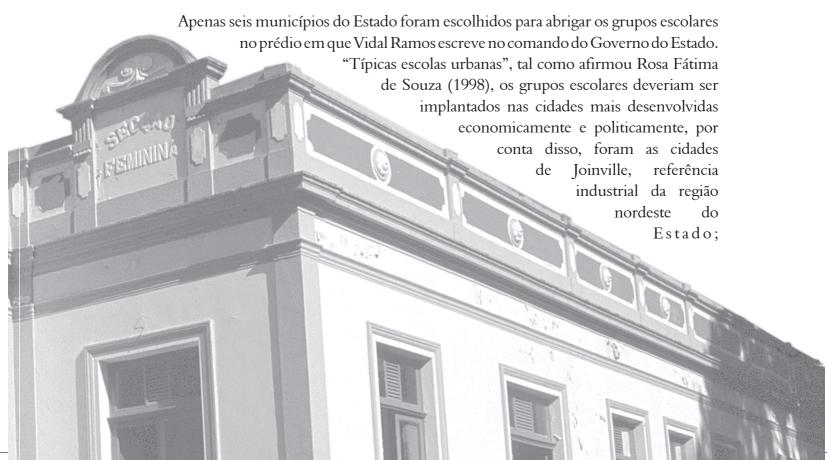
As suas crónicas publicadas em Jornais de Itajaí, entre o final dos anos 50 e inicio dos 60 do século XX, e reunidas no livro "O que a memória guardou" de Juventino Linhares estranha o fato de a inauguração do Grupo Escolar Victor Meirelles, ter sido realizada no dia 04 de dezembro de 1913, início das férias escolares (LINHARES, 1997, p.212). Como era habitual, o Governo do Estado de Santa Catarina, Vidal José de Oliveira Ramos, fez-se presente, sendo acompanhado pela sua comitiva oficial. A sessão de inauguração iniciou às 16 horas, com a execução dos hinos de Santa Catarina e do Brasil, seguida por declamação de poesias, execução de cantos e apresentações de exercícios ginásticos pelos alunos. Na sequência, o Inspetor Geral do Ensino, professor Orestes Guimarães, proferiu um discurso, e o Governador do Estado usou da palavra e comunicou aos presentes a oficialização do primeiro grupo escolar da cidade. Esse momento foi abrilhantado pela presença da Banda de Música do Corpo de Segurança de Florianópolis, que executou diversas peças musicais (TEIVE e DALLABRIDA, 2011, p.47). Assim, a inauguração dessa típica escola da República contribuiu para iniciar a modernização do ensino primário na cidade portuária de Itajaí e lhe conferiu distinção social.

A construção do prédio foi terminada em julho de 1913, momento em que foram realizadas as nomeações do diretor Pedro Nolasco Vieira e dos primeiros professores Honório Gomes Miranda, Alzira Muller Palumbo, Judite Duarte de Oliveira, Julieta Torres Gonçalves e Juriti de Souza (LINHARES, 1997, p.212-3). Como nos outros grupos escolares catarinenses, o diretor era do sexo masculino e fora recrutado do Estado de São Paulo pelo professor Orestes Guimarães para acelerar a modernização do ensino primário catarinense. Contuso, esse diretor ficou pouco tempo no cargo, sendo substituído, em 1914, pelo professor Henrique Gaspar Midon, que permaneceu na direção da escola até o final da década

07/05/2014 11:02:57

de 1910. De outra parte, o corpo docente do primeiro grupo escolar de Itajaí, formado por maioria de normalistas mulheres, expressa o movimento de feminização do magistério que se colocava em nível nacional. O fato de a inauguração ter acontecido no início do período das férias escolares – estranhando por Juventino Linhares – não se constitui numa exceção, tendo acontecido em outras cidades catarinenses, haja vista que dependia da disponibilidade da agenda do Governador do Estado e do seu staff. Desse modo, assim que eram concluídas as obras e contratados os profissionais que iriam atuar na escola, as aulas eram iniciadas e também os preparativos para a festa de inauguração, que eram coordenados por Orestes Guimarães e por sua esposa Cacilda Rodrigues Guimarães.

A implantação do "Victor Meirelles" é parte integrante da Reforma Orestes Guimarães, ocorrida entre 1911 e 1918, que reestruturou e modernizou a Escola Catarinense e implantou os grupos escolares Conselheiro Mafra em Joinville, Lauro Muller e Silveira de Souza em Florianópolis, Jerônimo Coelho em Laguna, Vidal Ramos em Lages, Victor Meirelles em Itajaí e Luiz Delfino em Blumenau. Tendo como lema de sua segunda gestão (1910-1914) "Instrução e Viação", o governador Vidal Ramos investiu pesadamente na modernização da instrução pública catarinense, contratando no Estafo de São Paulo – na época vanguarda no campo educacional – o professor Orestes de Oliveira Guimarães, experiente diretor de grupos escolares e expert na chamada da pedagogia Moderna. Guimarães fazia parte da "Missão dos Professores Paulistas", composta por normalistas formados pela Escola Normal de São Paulo, que levaram para os diferentes estados da federação brasileira, tal qual "bandeirantes da instrução", o modelo de ensino primário de seu estado natal, materializando no grupo escolar.



001-Anuario-01-64.indd 63

Florianópolis, Capital, é importante pólo comercial e portuário; Blumenau, principal núcleo urbano e industrial do Vale do Itajaí; Itajaí, a mais importante cidade portuária do Estado e o principal pólo comercial da região da Foz do Rio Itajaí; Laguna, liderança na área comercial e portuária no sul do Estado e Lages, a principal referência do planalto serrano e terra do governador, que foram aquinhoadas com os primeiros grupos escolares do Estado de Santa Catarina (TEIVE E DALLABRIDA, 2011, p.51).

Na década de 19410, o Grupo Escolar Victor Meireles trouxe para Itajaí o modelo de escola graduada, de quatro anos, dando que para cada ano escolar havia um professor e um currículo específicos, de acordo com a idade das crianças. Trouxe, também, a separação entre meninos e meninas e um novo profissional: o diretor, que deveria organizar a escola e assessorar o trabalho docente (TEIVE e DALLABRIDA, 2011, p.21). Este modelo teve vida longa durante o século XX, escolarizando várias gerações de itajaienses, sendo reinventado por modelos pedagógicos inovadores, como o movimento da Escola Nova, especialmente a partir, dos anos 1940. Em 1971, com a vigência da Lei 5.692, o Grupo Escolar Victor Meirelles foi transformado na Escola Básica homônima e começou a oferecer o primeiro grau. Essa escola funcionou por sete décadas no edifício no edifício da Rua Hercílio Luz, localizado no antigo centro histórico de Itajaí. A partir de 1982, nesse prédio passou a funcionar a Casa de Cultura Dide Brandão – um centro artístico-cultural da cidade-porto do Vale do Itajaí.

Esta coletânea se propõe a ler diferentes dimensões, períodos e transformações vividas pelo "Victor Meirelles" desde a sua implantação como grupo escolar até a sua transformação em escola de ensino médio, no ano de 2000, por força da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/1996-, quando passou a dedicarse, exclusivamente, ao ensino médio. Através dos doze artigos que compõem esta obra, o/ leitor/ a irá acompanharas profundas mudanças vivenciadas pela instituição: a sua pomposa inauguração como grupo escolar, a criação do curso complementar e da escola básica – de oito anos -, a mudança de prédio, bem como da sua transformação em colégio estadual e, posteriormente, em escola de ensino médio. A partir de múltiplas análises, os textos revelam a trajetória centenária de uma instituição que, a despeito de percalços e dificuldades que permeiam o ensino público em nosso país, soube adequar-se às exigências e demandas dos diferentes momentos históricos, cumprindo a sua missão republicana de educar as novas gerações de itajaienses.

Dos sete grupos escolares instituídos pela Reforma Orestes Guimarães que celebram o seu centenário entre 2011 e 2013, apenas o Victor Meirelles recebe homenagem por meio da publicação de livro. Esse fato confere distinção aos autores que procuram iluminar os desafios do Ensino Fundamental nos dias que correm por meio da compreensão da sua história.







# JAQUES VABRE

A REGATA SE TORNA FRANCO BRASILEIRA



Raquel Cruz Estudante de jornalismo

LARGADA É HOJE? ERA PARA SER, mas teve mudança nos planos. E que tal partirem amanhã? Sair com chuva seria arriscado. Eles já podem ir agora? Melhor esperar mais um pouco. Será que demora muito ainda? Difícil afirmar, talvez mais alguns dias. Nego, diz logo, vai ou não vai? Preparem os foguetes para a chegada daqui algumas semanas, dessa vez vai... "Nós vamos para Itajaí, vamos em busca do calor", disse um dos velejadores à medida que o barco se afastava do cais francês sob uma atmosfera fria e chuvosa.











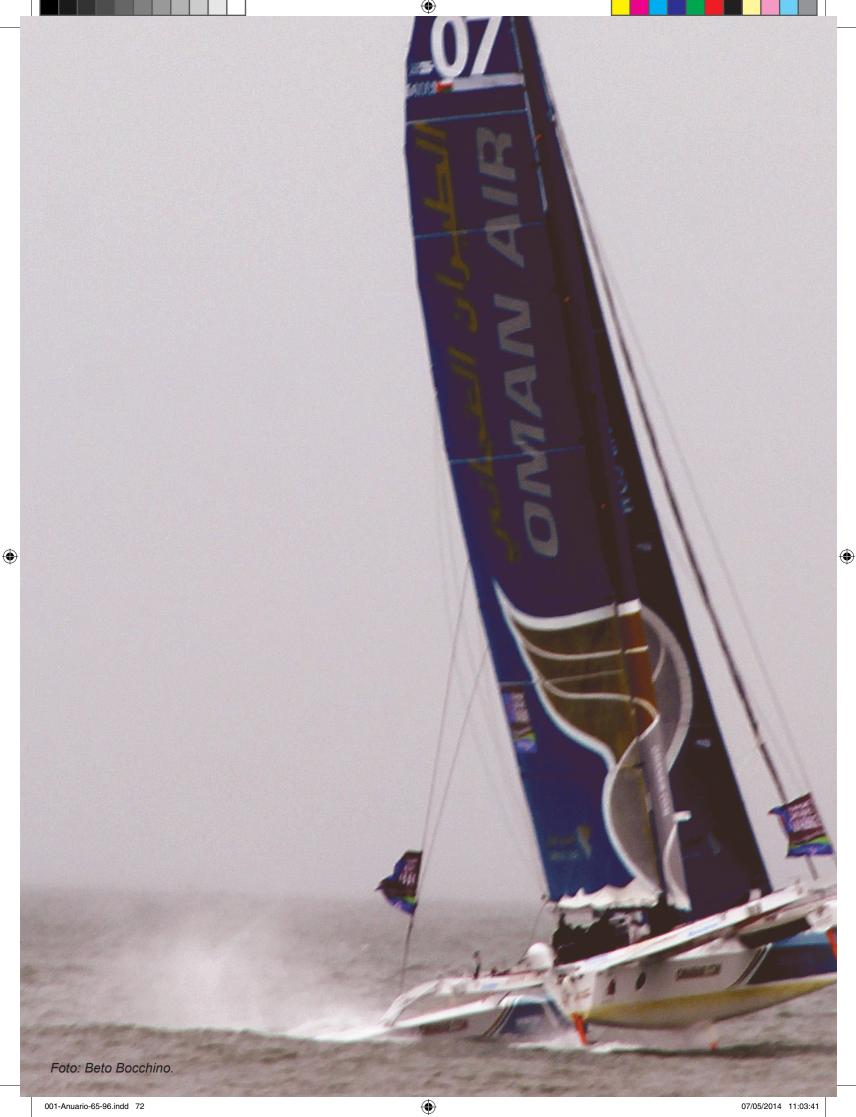
A tempestade bem que atrapalhou o início, mas depois de quase uma semana de espera – em que a rotina dos franceses era olhar para o céu torcendo pela melhora do tempo e a dos brasileiros era acompanhar jornais, *sites*, redes sociais e a TV à espera de um sinal – *Voilà*! O tiro de largada finalmente foi dado.

Foto: Beto Bocchino.









•

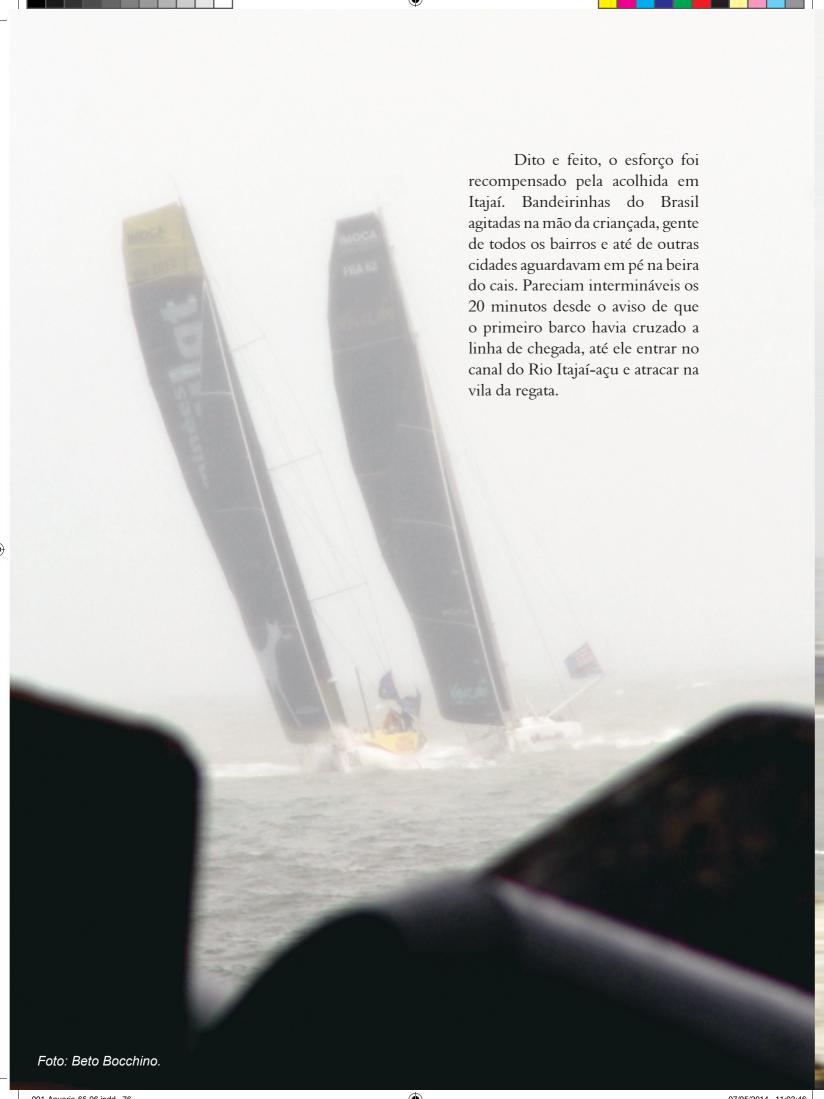
Diferente de tudo o que já se tinha visto na cidade sobre o esporte náutico, essa seria uma corrida sem tempo para os velejadores descansarem, a não ser por um rápido *pit-stop* ainda na França, para driblar mais uma tempestade. Os veleiros também não teriam hora marcada para chegar. À medida que a primeira vela hasteada surgisse no horizonte, em poucos dias, um a um, dezenas de mastros apontariam na boca da barra do Atalaia.

Antes da festa, no entanto, as notícias sobre a travessia alimentavam a expectativa dos itajaienses. Primeiro, um susto. Um dos barcos de 50 pés sofreu uma capotagem ao passar pela costa de Portugal e deu adeus ao percurso. Dias depois, ventos de 40km/h provocaram avarias no veleiro de uma dupla britânica, obrigando-os a desistir. O mesmo vento que estufava as velas, também foi violento a ponto de arrancar o leme de outro barco. Mais um abandono.





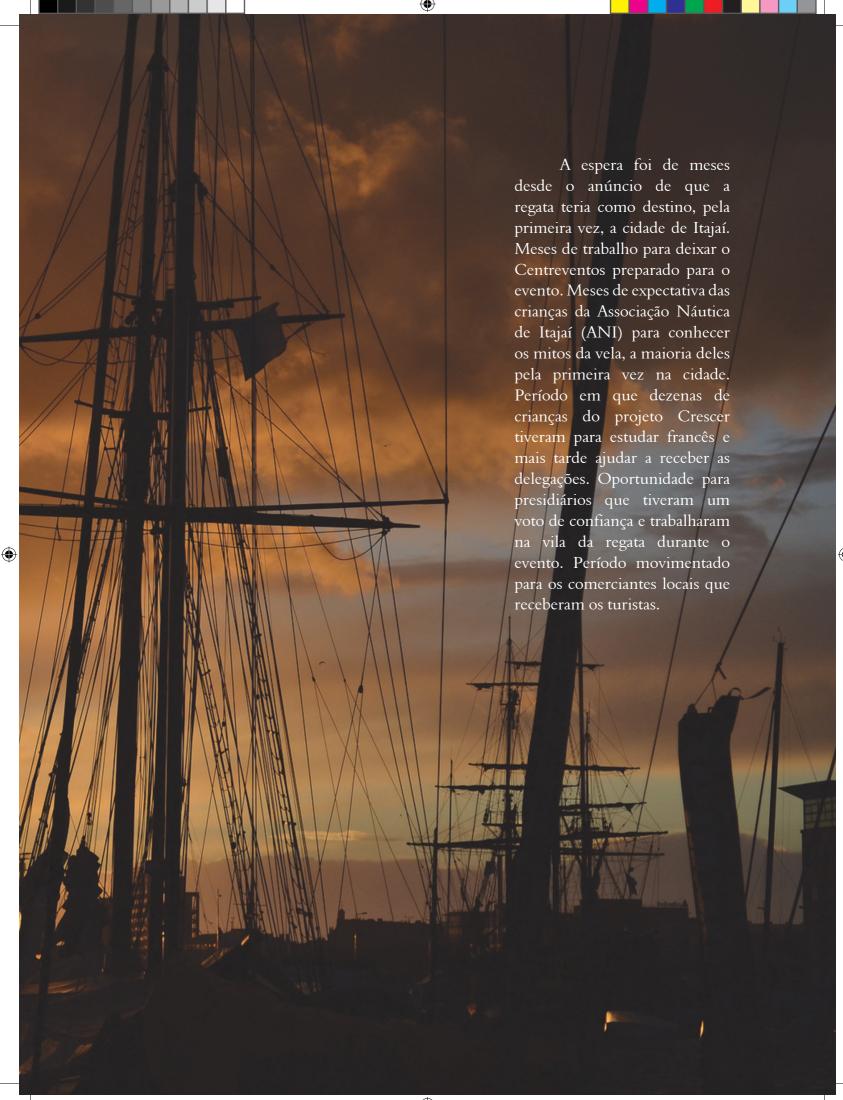






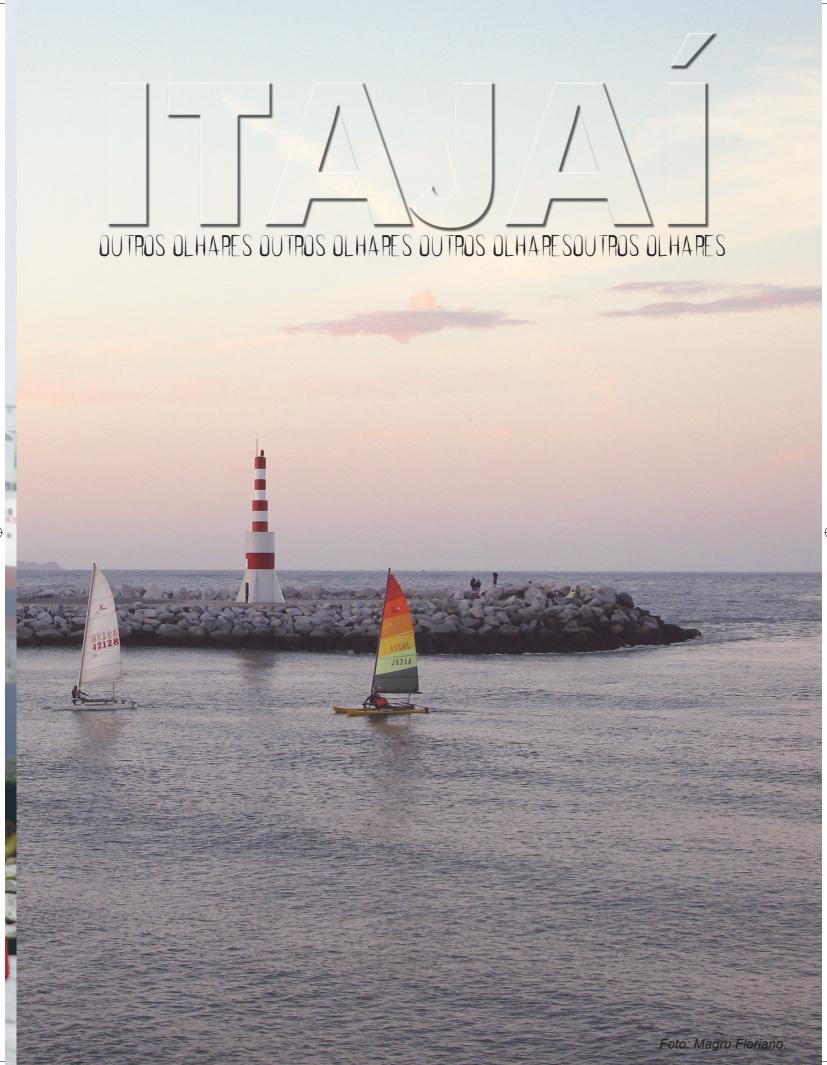






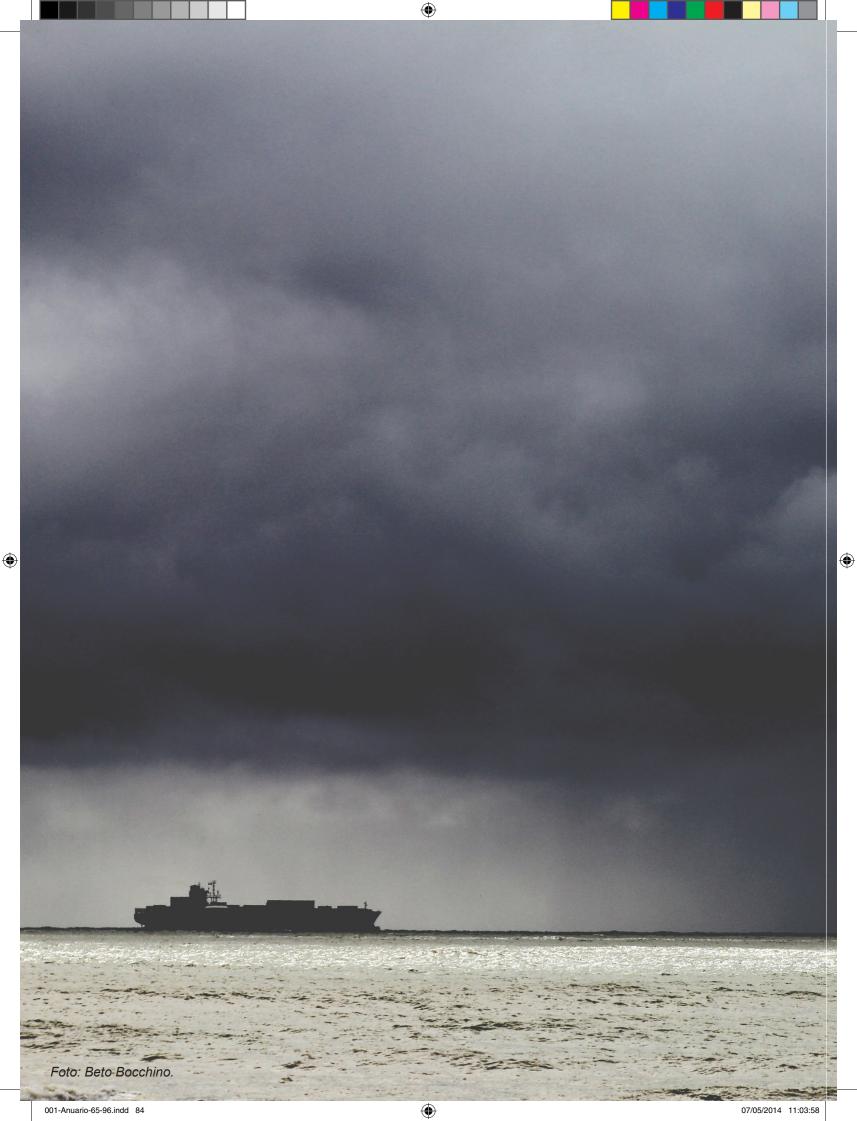


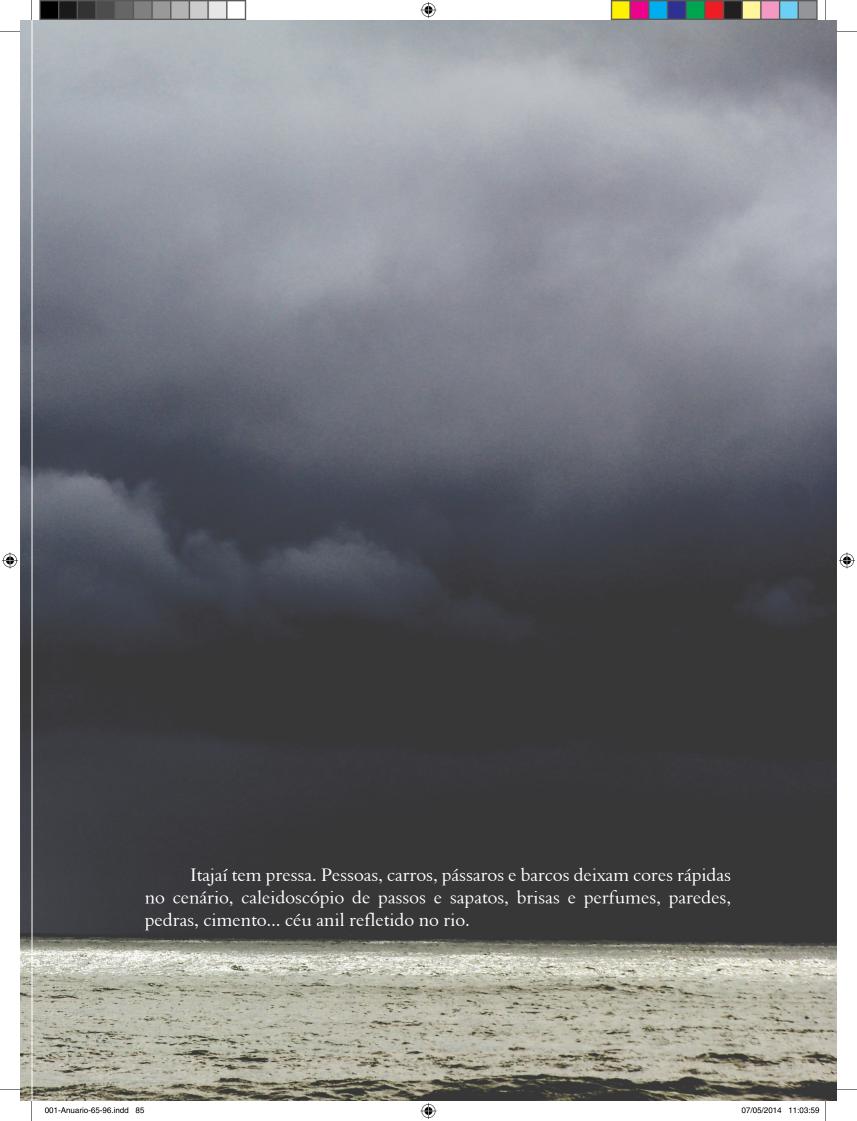


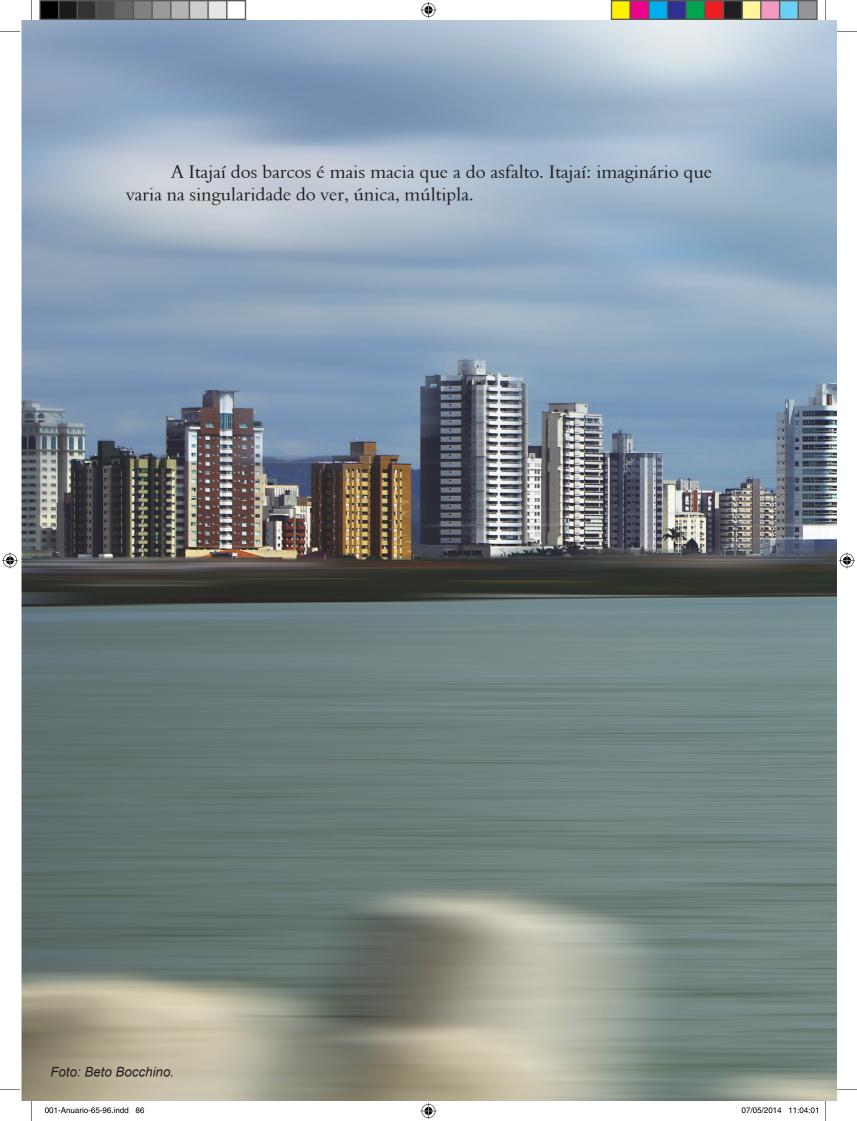


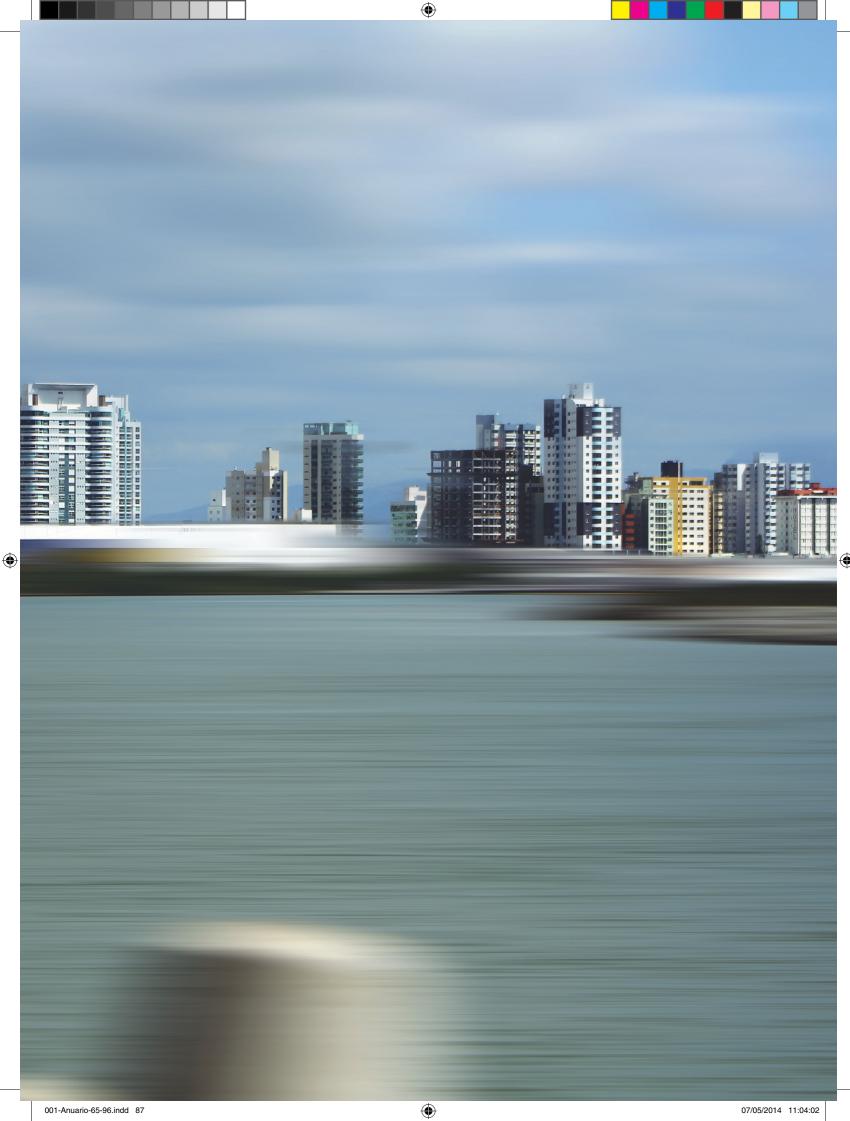




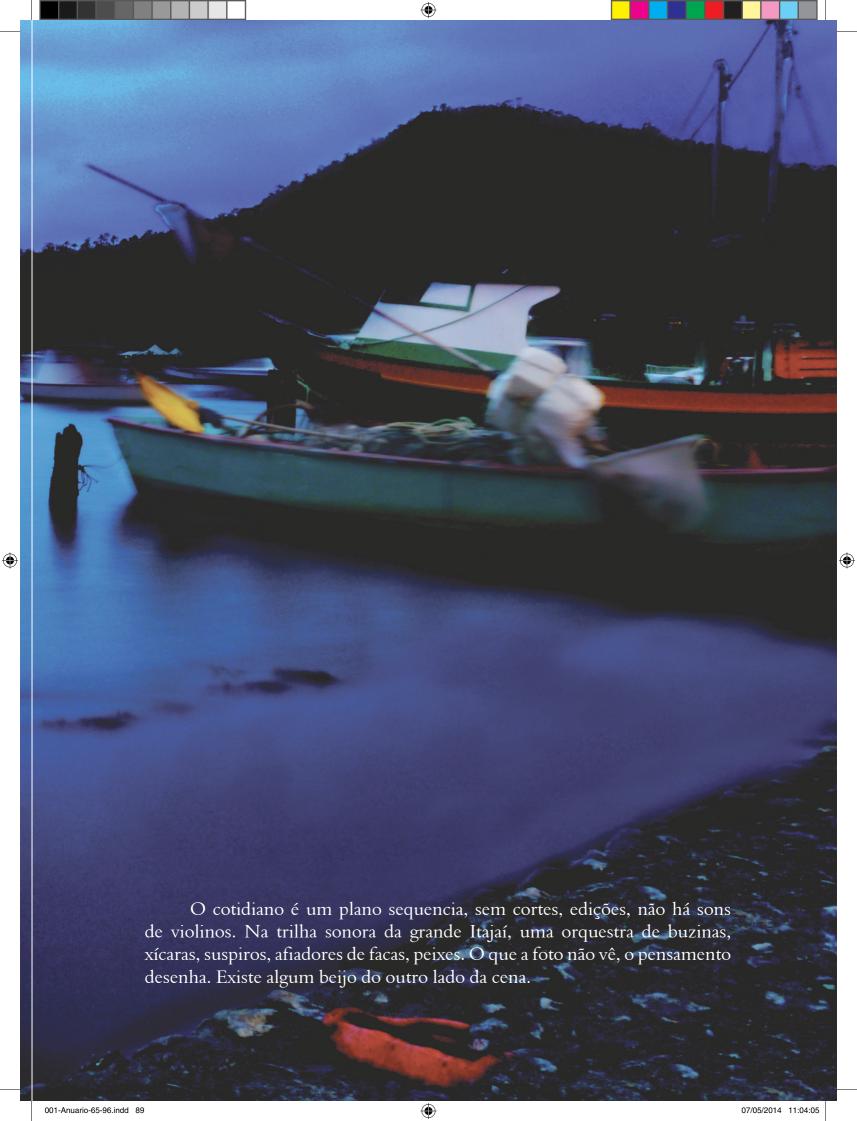


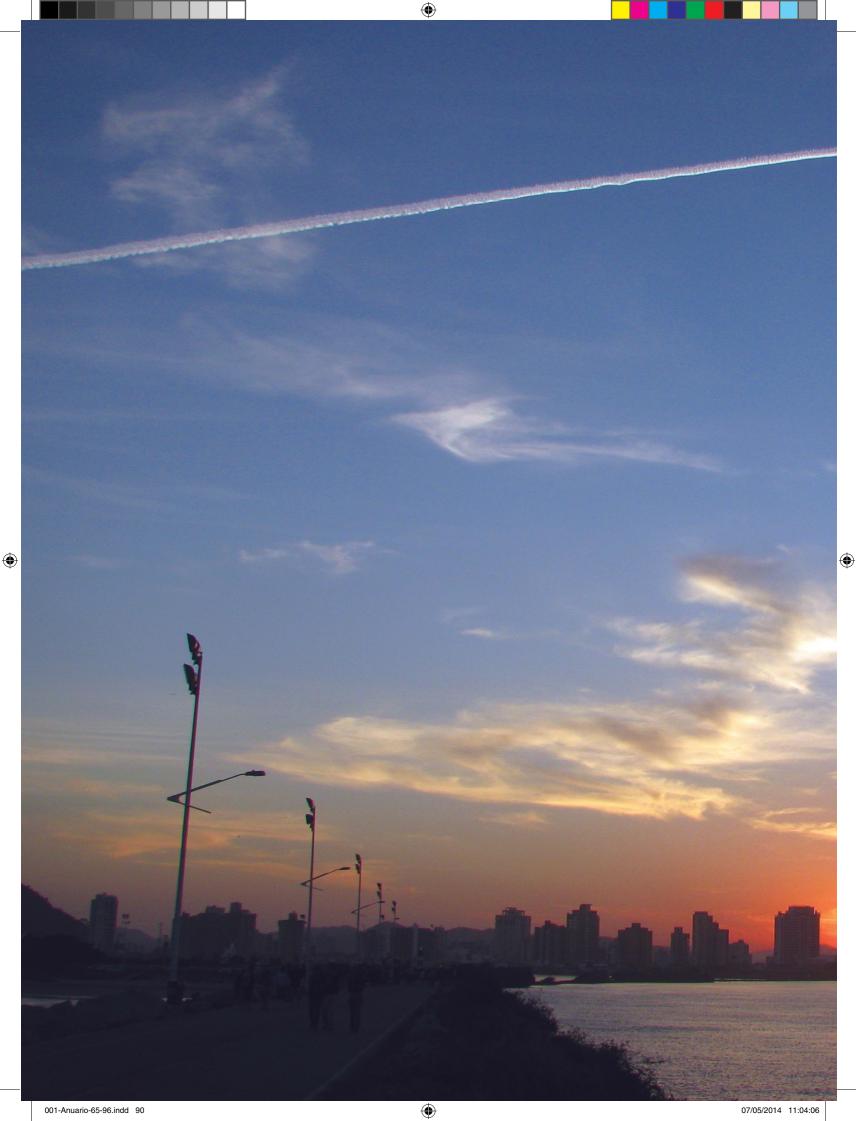






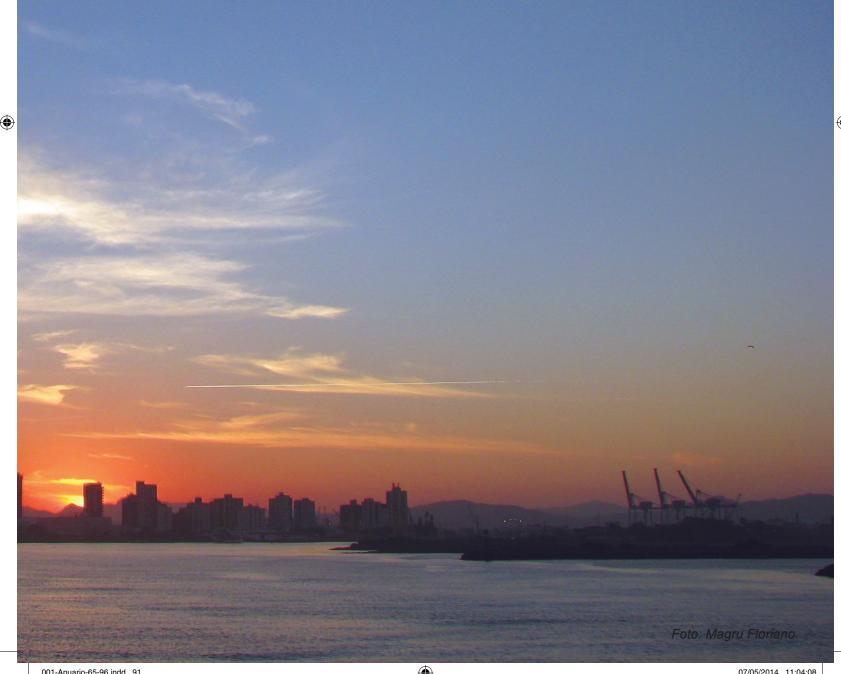






O primeiro sol derrama cores sobre as sombras, revela a cidade; o dia cresce, cresce e finalmente cansa. As sombras imprimem seus quadros escuros e a Itajaí que não dorme descansa.

Do mutirão de nossos sonhos se erguem muros, navios, pontes, velas, escolas, teatros, hospitais. Monumentos de nossa existência como comunidade. E mais um ano é contado pelos observadores da vida. Observadores do céu azul desta cidade bebida de água, mãe da pesca, herdeira da destreza ancestral dos marítmos e dos carpinteiros de suas margens. Modeladores do fogo, transformam o aço em pele costurada no casco emborcado como um animal fluvial que tece as marés.







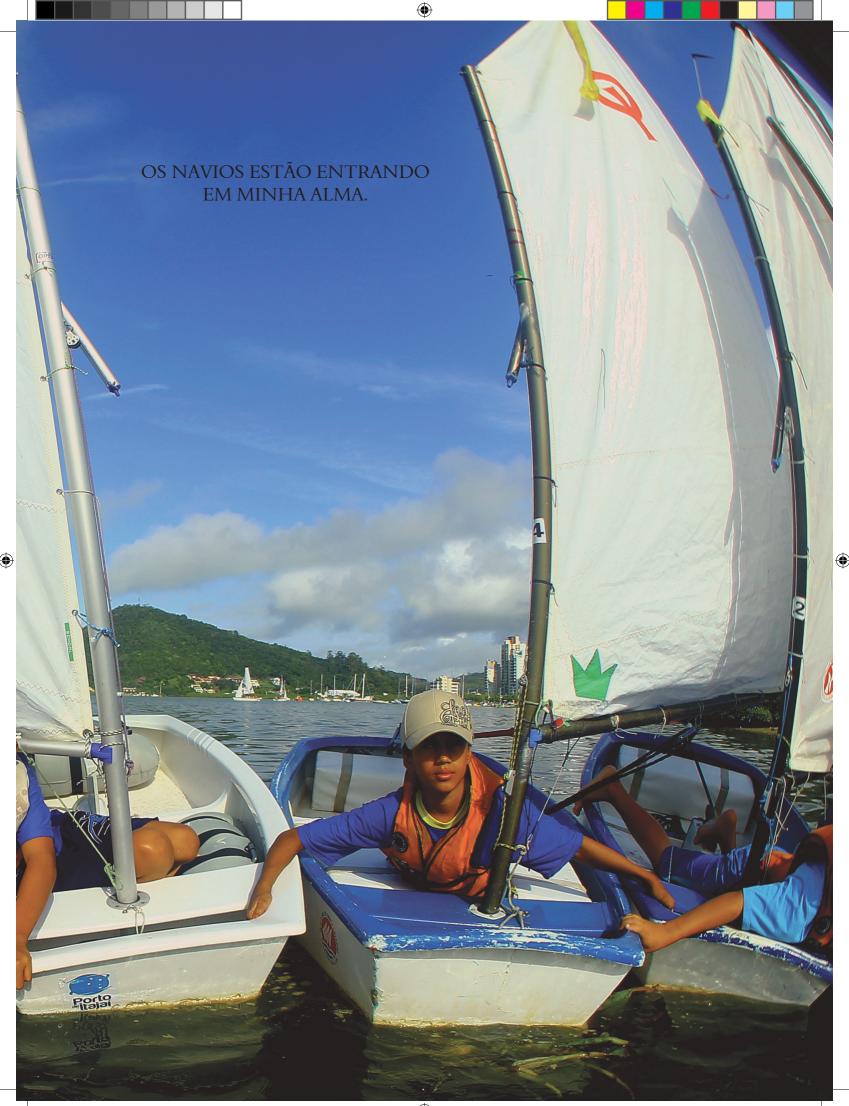
Mais um ano contado do desejo. Quem divisa o tempo? Nesse ano passado, nesse ajuntamento de dias de nossos sonhos, ergueram-se as velas dos mares do mundo insufladas de terral; riscaram as águas do Itajaí-açu como

riscaram inúmeros veleiros que, aos olhos do poeta menino Marcos Konder

Reis, fez dessa imagem esse sopro amornado:

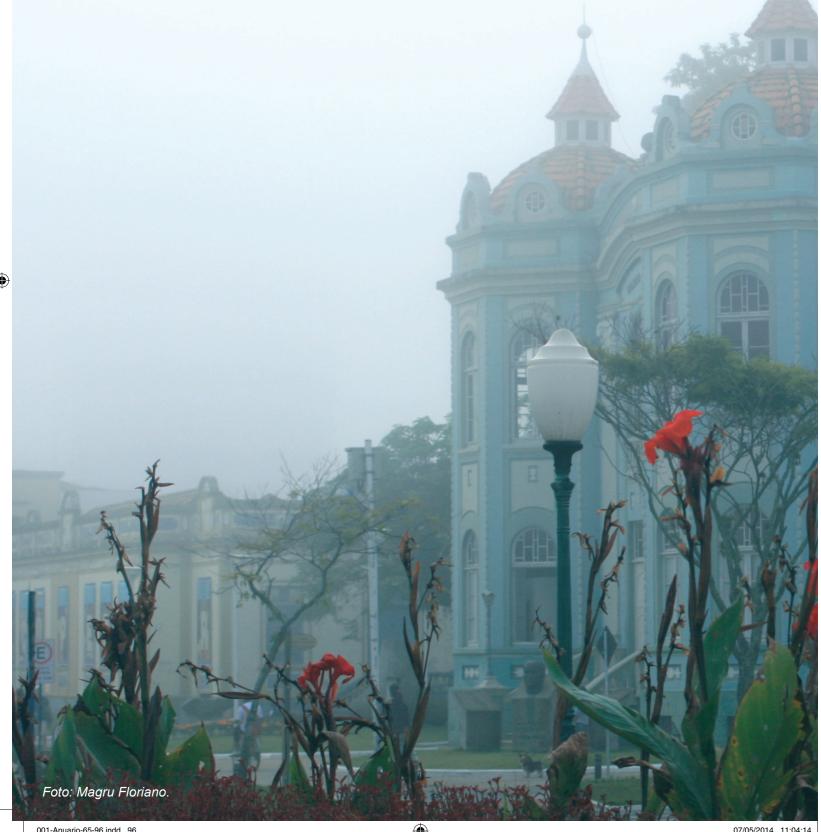








E assim o anuário de Itajaí tem serventia para a história, por mais que os dias nos engulam o fôlego e nos imponha demandas capazes de nos tornar de vidro. Se uma cidade perde a sensibilidade de entender a história, torna-se menos humana, sem identidade, sem presente, sem passado e sem futuro.







## Gestão pública e modernização

Quadro político-econômico do final dos anos 1960

UNDADA NO PLANO FEDERAL em 4 de abril de 1966, a Aliança Renovadora Nacional/Arena foi instalada em Itajaí em julho do mesmo ano, aglutinando exudenistas e ex-pessedistas. Era o fim do pluripartidarismo e de agremiações políticas que fizeram história na cidade desde a redemocratização em 1945: o Partido Social Democrático/PSD e a União Democrática Nacional/UDN; além do Partido Trabalhista Brasileiro/PTB e de outras siglas menores eleitoralmente. A legislação autoritária, baixada na sequência da extinção dos antigos partidos, em 1965, impôs o bipartidarismo: um partido de apoio e outro de oposição à situação política criada no país com o movimento militar de 1964. Este foi o fato que marcou o cenário político da segunda metade da década de 1960 em Itajaí.



As costuras políticas de montagem da nova agremiação partidária tiveram à frente o Senador Irineu Bornhausen, principal conselheiro político catarinense do primeiro presidente do governo militar, Marechal Castelo Branco. A união de antigos adversários políticos em um novo partido não foi tarefa fácil de conduzir. Menos por diferenças ideológicas, que não as havia, pois ambos os partidos eram conservadores, e mais porque não houve consulta às bases partidárias, nem se ouviram todos os próceres políticos do ex-PSD e da ex-UDN na cidade.

O senador Antônio Carlos Konder Reis resistiu, de início, em se unir aos antigos adversários pessedistas que o haviam derrotado, quando candidato da ex-UDN ao governo do Estado nas eleições de 1965. De outro lado, havia resistência de ex-udenistas à entrada do prefeito Lito Seára e do deputado estadual Nilton Kucker, do ex-PSD, na nova legenda. Mas o Senador Bornhausen queria o prefeito e o deputado inscritos na Arena, porque detinham mandatos eletivos e eram bons de voto. Por fim, a decisão do Senador de entregar a presidência do diretório municipal da Arena ao ex-pessedista e exprefeito Paulo Bauer, se por um lado garantiu a adesão do ex-PSD, por outro, lançou mais contrariedade entre os radicais do seu expartido, a UDN de Itajaí. Eles eram contrários, alegavam, porque não viam nos líderes egressos do antigo PSD simpatia alguma pelo regime militar recém-instalado. O PSD havia rompido com o presidente João Goulart somente semanas antes de sua deposição, após Jango adotar a estratégia da esquerda da época para cumprir o programa político de seu governo; isto é, fazer as chamadas reformas de base.

Aliás, os pessedistas catarinenses, somente sob a forte pressão do regime de exceção implantado em 1964, foram cedendo aos ditames da nova ordem política.

Mas, por fim, a nova realidade partidária daqueles tempos autoritários e maniqueístas se impôs a todos, pois que não aderir à nova agremiação, expressão política do regime militar de 1964, era ficar no ostracismo ou partir para a oposição, no Movimento Democrático Brasileiro/MDB, a outra e única opção partidária que restava.

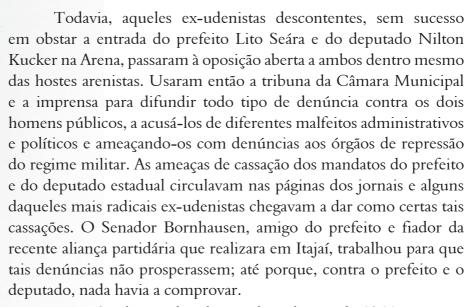
Ao Senador Irineu Bornhausen também interessava que a situação política em sua terra natal se harmonizasse entre exudenistas e ex-pessedistas, visto que era esta a proposta que ele vinha implementando em toda Santa Catarina como principal articulador político do presidente da República. Um insucesso em casa tiraria, com certeza, um pouco do brilho do ingente trabalho político de Irineu em aglutinar o ex-PSD e a ex-UDN no Estado.











As eleições legislativas daquele ano de 1966 moveram os atores políticos entre os arenistas itajaienses. A facção radical da ex-UDN perdeu forças e na Câmara de Vereadores novas lideranças se destacariam. A Arena de Itajaí elegeu o deputado federal Genésio Miranda Lins (ex-UDN), reelegeu o deputado estadual Nilton Kucker e o vereador Júlio Cesar (ex-UDN) foi o mais votado para o legislativo municipal. No entanto, embora sem o radicalismo da oposição de antes, perduraria no interior da agremiação arenista um antagonismo ao prefeito Lito Seára, que logo seria capitalizado pelo vereador Júlio Cesar, sob outros argumentos.

Entretanto, a busca da harmonia política entre os arenistas era um trabalho árduo das lideranças maiores do partido na cidade. Esta harmonia, entendiam os maiorais da Arena, passava pelo fortalecimento da união entre os expessedistas e ex-udenistas. Para a presidência da Câmara Municipal, na nova legislatura que se iniciava em 1967, foi eleito o vereador Júlio Cesar, tendo como vice-presidente o vereador Heluiz Antônio de Moraes Gonzaga, do ex-PSD. Também se fazia importante a união da bancada arenista no legislativo municipal, composta de oito vereadores, porque o MDB, mesmo com todas as restrições e dificuldades para se organizar e fazer campanha como partido de oposição ao regime militar, elegera cinco vereadores, sendo emedebistas o segundo e o quarto vereadores mais votados.

O potencial de votos oposicionistas, na primeira eleição em Itajaí após a implantação do bipartidarismo, veio demonstrar que o equilíbrio eleitoral entre situação e oposição, tradicional nos pleitos da cidade, havia permanecido. Apesar das mudanças partidárias, em que se uniram os dois maiores partidos, a soma final dos votos não demonstrou igual resultado; o que ficaria mais demonstrado nas eleições seguintes.

O governo militar, ao se iniciar em 1964, dera começo a um programa recessivo de estabilização da economia, com fortes restrições aos repasses de recursos para estados e municípios. A administração municipal de Itajaí sofreu enormemente as consequências, no governo do prefeito Eduardo Solon Cabral Canziani e nos primeiros anos da administração do prefeito Lito Seára, isto é, no período 1964/1967.

Lito Seára teve que adequar as despesas da administração municipal ao novo quadro econômico, cortando gastos e demitindo pessoal. Também porque fazia parte do seu perfil de gestor público muita parcimônia no uso dos recursos públicos. Esta atitude do prefeito foi o bastante para fazer crescer a crítica contra sua administração, taxada de revanchista, por despedir funcionários admitidos no governo anterior e não se preocupar com o desenvolvimento do município. Itajaí estava a regredir, diziam aqueles críticos.

Em verdade, a percepção de estagnação econômica e social de Itajaí não tinha causas apenas locais. Ela advinha em muito maior causa das medidas recessivas de gerenciamento

da economia e da política de diminuição de renda imposta pelo regime militar naqueles primeiros anos e era sentida em todo o país. Mas isto, os adversários do prefeito Lito Seára não admitiam e lhe atribuíam toda a culpa.

A partir desta quadra política e econômica, as críticas à situação itajaiense passaram a acontecer em um novo patamar. Os críticos da situação vigente buscaram demonstrar a inadequação do prefeito municipal e do seu grupo político para gerir o município em face dos novos tempos que o país vivia. Em suma: era preciso renovar a gestão municipal.

## RENOVAÇÃO NUM PARTIDO CONSERVADOR

"O discurso da modernidade passa a fazer parte da ideologia dos revolucionários de 64 como justificativa das ações políticas desenvolvidas no interior daquela conjuntura" e os seus aliados eram apresentados como representantes da "evolução política e social pela qual passava o país", conforme explica o historiador Ivan Carlos Serpa.



Os estudiosos desse período histórico brasileiro são concordes em apontar a modernização conservadora havida na época. As elites nacionais, a cavaleiro da situação, forçaram os relutantes à democratização do país à modernização sob sua liderança e levando em conta os interesses econômicos empresariais, conformando um processo de reformas cautelosas e autoritárias em objetivos e metas, ensina o professor José Maurício Domingues.

O historiador Renê A. Dreifuss demonstrou como um grupo de militares brasileiros, adeptos do desenvolvimento nacional e conscientes da necessidade de modernizar o aparelho estatal, foi levado a participar de um amplo programa de formação nos Estados Unidos e a partir daí integrado nas áreas de planejamento e em novos órgãos da administração do governo militar.

Nesta ação desenvolvida pelo regime militar de modernização conservadora do estado brasileiro e de promover o desenvolvimento econômico, houve uma nítida associação do crescimento da economia do país ao capital internacional com a participação de grupos empresariais nacionais. O empresariado foi beneficiado por linhas de crédito e projetos de expansão de seus negócios, a marcar a retomada de políticas públicas intervencionistas em larga escala.

Deste modo, não espanta que também grupos políticos dentro da Arena local e empresários de Itajaí tenham agido coordenadamente na construção de um discurso de renovação política e de gestão pública focada em "grandes projetos", em que pediam inovação e visão de futuro. Diziam os empresários: "vivemos em uma conjuntura em que a evolução é e deve ser cada vez mais acelerada", como apontava o boletim mensal da Associação Empresarial de Itajaí, de 15 de outubro de 1968, em editorial intitulado "Visão Itajaiense".





A crítica dos adversários arenistas ao prefeito Lito Seára era a de que praticava uma administração descolada dos avanços modernizadores do governo militar. Em matéria de 7 de janeiro de 1967, o Jornal do Povo, crítico do prefeito, pedia "melhoramento nos setores mais importantes" e recomendava que a administração municipal saísse da sua rotina arcaica e entrasse em contacto com órgãos e ministérios federais, só de onde poderiam advir técnica e mais recursos para desenvolver o Município.

Esta crítica tomou corpo, tanto na imprensa contrária ao prefeito, quanto na Câmara Municipal, através dos sucessivos discursos de edis arenistas, com destaque para os vereadores Júlio Cesar e Luiz Antônio Cechinel. Júlio Cesar criticava a administração municipal, que dizia não ter planificação e, por isso, ser desorganizada, sem trabalho de equipe. Pregava renovação de "métodos e de mentalidades". Cechinel, por sua vez, trazia o exemplo do então prefeito de Curitiba, Ivo Arzua, ícone dos prefeitos "revolucionários", "que além de asfaltar ruas, preocupa-se com o desenvolvimento industrial, com turismo e tantas outras coisas mais, que representam o "progresso e o desenvolvimento de uma

cidade"; conforme discursou na sessão de 19 de junho de 1967. Enfim, os arenistas adversários, a imprensa contrária e os empreendedores que ansiavam por políticas públicas de incentivo à atividade econômica incomodavam-se com o modo de administrar do prefeito Lito Seára que, sério e operoso, de fato não tinha queda alguma pelas inovações gerenciais. Lito madrugava na Prefeitura, zelava pelos recursos públicos, tinha especial cuidado pelas melhorias urbanas, mas nenhum jeito para lidar com programas, estratégias, indicadores, diagnósticos, diretrizes, parâmetros. Tudo aquilo que fazia o gosto dos técnicos da nova administração pública e abria portas para convênios e parcerias com o governo central. O único técnico que a Prefeitura de Itajaí dispunha à época era um engenheiro civil, que respondia pelo departamento municipal de estradas de rodagem.

A oportunidade de agir do grupo renovador, composto de políticos e empresários, deu-se quando da composição do diretório municipal da Arena em julho de 1969. Uma "Chapa Renovadora", com vinte integrantes – o "Grupo dos Vinte" – em que os políticos eram capitaneados pelo vereador Júlio Cesar e os empresários pelo presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas, Frederico Olíndio de Souza, inscreveu-se para concorrer com a chapa oficial, denominada "Conservadora", encabeçada por Paulo Bauer e Genésio Miranda Lins. Havida a eleição, os renovadores obtiveram vinte por cento dos votantes no partido, o que lhes permitiu compor proporcionalmente o novo diretório arenista, cabendo-lhes nove dos vinte e um lugares.

O resultado da eleição para o diretório local arenista, mais do que pelo percentual dos votos, mostrou uma possibilidade real de avançar para a proposta dos renovadores da Arena, porque, de vários setores comunitários, surgiram então vozes de apoio à valorização de novos atores na política e de renovação da vida pública. Já nesse momento, o apoio à renovação na Arena contava tanto com nomes de egressos da ex-UDN, como com aqueles do ex-PSD, a demonstrar que se formava um novo grupo político melhor afinado com as políticas do governo federal e com a opinião pública.

"Futuroso político", "esclarecido e operoso homem público"

Em matéria publicada na imprensa, quando assumira transitoriamente o cargo de prefeito de Itajaí, o vereador Júlio Cesar, presidente da Câmara Municipal, foi auspiciosamente saudado como "futuroso político, que obteve nas últimas eleições uma votação bastante expressiva". A nota do Jornal do Povo de 31 de julho de 1967 não fizera, com certeza, mero exercício de futurologia. Também aquilo que o documento técnico da empresa Planepar, responsável pela elaboração do primeiro Plano Diretor de Itajaí, dissera do prefeito Júlio Cesar, mais tarde, em 1971, ao qualificá-lo como "esclarecido e operoso homem público", já poderia ser antevisto a partir dos primeiros anos de sua biografia política.

Júlio Cesar nasceu em Itajaí a 19 de janeiro de 1931, o primeiro dos quatro filhos do casal Aníbal Cesar e Cândida dos Santos Cesar. Pelo lado materno, era sobrinho de Consuelo dos Santos Lins, esposa do banqueiro Genésio Miranda Lins; um parentesco que nada mudou a infância do menino nascido na Vila Operária, onde frequentou o curso primário do então Grupo Escolar Lauro Müller. Na cidade, no começo da década de 1940, ainda não havia curso ginasial para rapazes, por isso, o jovem Júlio Cesar foi cursar o ginásio em Florianópolis, no Colégio Catarinense. Sua formação seria completada, já adulto, com o ensino médio, na Escola Técnica Moderna, em Curitiba, no ano de 1963; e o curso superior, na Faculdade de Direito de Curitiba, em 1968.

Quando completou o ginásio e com dezessete anos, ele precisou trabalhar, porque esta era a demanda econômica de sua família. Empregou-se então no Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A-Inco, em Itajaí. Ali esteve empregado até 1950, quando foi ser funcionário do Instituto Nacional do Pinho, presidido por outro tio materno, Pedro Sales dos Santos, que lhe oportunizou o primeiro contacto com administração pública e política. De certo, Júlio Cesar, já em família, desde cedo, soube de política, porque seu pai, getulista entusiástico, militava nas hostes do PTB itajaiense e fora candidato a prefeito em 1947, na primeira eleição municipal pós-Vargas. Mas Aníbal Cesar veio a falecer inesperadamente em 1953 e o filho acabaria por se afinar com o partido dos parentes maternos, a UDN.

A experiência e os contactos havidos durante o tempo em que ele esteve empregado no Instituto Nacional do Pinho, no Rio de Janeiro, valeram-lhe depois convite para trabalhar numa gerência comercial de empresa papeleira, em Telêmaco Borba-PR, com grande projeto madeireiro. Este serviço na iniciativa privada lhe oportunizou experiência de trabalho com planificação e metas, conforme sempre fez questão de revelar a seus amigos e colaboradores mais próximos.

Mas o jeito e o gosto para fazer política revelaram-se em Júlio Cesar, durante a campanha eleitoral do primo, Eduardo Santos Lins, para deputado estadual, pela UDN, em 1958. Ele acompanhou o candidato em todo o périplo por Santa Catarina e foi animador dos encontros políticos realizados em cada cidade visitada, a revelar nítida queda para atividade política. A desenvoltura e competência demonstrada lhe oportunizaram a nomeação para 1º Tabelião do Público, Judicial e Notas da Comarca de Itajaí, em 23 de março de 1959.

Despertado para a atividade política desde a campanha eleitoral de 1958 e integrado ao grupo político da UDN, Júlio Cesar, em 1966, lançou-se candidato a vereador pela ARENA, sendo eleito com a maior votação. Sua presença no legislativo foi oportunidade para destacar a liderança de um político novo, sintonizado com as aspirações de renovação de segmentos do seu partido, e de setores empresariais e da imprensa local.

O sentimento de renovação já era forte entre arenistas, embora o presidente do partido em Itajaí, o ex-prefeito Paulo Bauer, se declarasse candidato inarredável à sucessão do prefeito Lito Seára. Mesmo o Senador Irineu Bornhausen, artífice da

aliança que dera vida à Arena em Itajaí, declarava em novembro de 1968 ao Jornal do Povo: "Temos que fazer renovações. Temos que interessar aos mais moços a participarem da vida pública. E eu penso que este ponto de vista há de prevalecer também para a nossa querida terra".

A convenção da Arena, em outubro de 1969, para escolha do candidato a prefeito, não conseguiu unir as duas facções – conservadores e renovadores. O partido teve que consentir em concorrer com duas sublegendas, encabeçadas respectivamente por Paulo Bauer e Júlio Cesar.

À primeira vista, a sublegenda de Paulo Bauer pareceu mais fortalecida, por ser ele um político tradicional e popular, contando com o apoio do prefeito Lito Seára. Mas a sublegenda renovadora



foi felicíssima na montagem da chapa, porque uniu dois nomes jovens; um, Júlio Cesar, oriundo da ex-UDN; o outro, Frederico Olíndio de Souza (Fred), como candidato a vice-prefeito, oriundo do ex-PSD e empresário muito bem articulado em seus órgãos de classe.

Além do que, Júlio Cesar se revelou, então, um político que sabia transmitir entusiasmo e para quem ser simpático era algo muito fácil. Homem de gestos largos, sorriso fácil e voz tonitruante, entrava na casa dos eleitores, pedindo café e indagando pela dona da casa, a conquistar com imensa simpatia o voto. A campanha eleitoral, Júlio e Fred a fizeram praticamente de casa em casa e, pela primeira vez, com a importante participação de numeroso grupo de mulheres.

A vitória, se não surpreendeu totalmente, trouxe outra surpresa, Júlio e Fred venceram nas urnas dos bairros da cidade, onde se esperava a vitória de Paulo Bauer, por serem tradicionais redutos dos antigos partidos PSD e PTB. O resultado eleitoral ficou assim: Paulo Bauer/Moacyr Társia Mourisco – ARENA 1: 5.416 votos; Júlio Cesar/Frederico Olíndio de Souza – ARENA 2: 5.944 votos; Delfim de Pádua Peixoto Filho/Jorge d'Ivanenko – MDB: 2.724 votos; Brancos: 324 votos; Nulos: 319 votos. Isto significou que a mensagem de renovação política e administrativa havia sensibilizado larga parcela do eleitorado de Itajaí.

## Administração moderna: voracidade, inovação e desenvolvimento

O jornalista e escritor Silveira Júnior, secretário do prefeito e cronista do governo Júlio Cesar, afirmaria sobre o começo da nova administração: "o Prefeito de Itajaí se lançava no trabalho com uma voracidade como se o mundo fosse acabar amanhã". A pressa e a preocupação com resultados rápidos, talvez fossem explicadas pela entrevista do Senador Antônio Carlos Konder Reis, quando dizia: "contra Júlio Cesar militavam dois fatores: o de haver substituído Lito Seára, que fora um prefeito muito operoso, e o limitado tempo de seu mandato: três anos".

De fato, o mandato do prefeito Júlio Cesar, pela legislação editada no regime militar, fora encurtado para apenas trinta e seis meses, a contar de 31 de janeiro de 1970. Então, de maneira sábia, o prefeito dividiu as tarefas de governo com seu vice-prefeito, Frederico Olíndio de Souza. Era a primeira vez que o município contava com o cargo de vice-prefeito. Fred se incumbiu das múltiplas responsabilidades com os serviços urbanos, o que liberou o prefeito para se dedicar à gestão administrativa do município. Esta divisão de tarefas gerou um ganho para a nova administração, pois nenhuma das frentes de trabalho deixadas pelo governo anterior foi paralisada e novas obras viárias logo foram iniciadas.

O compromisso de Júlio Cesar e Fred com a inovação esteve presente desde os tempos de candidatos, quando o grupo renovador da Arena propugnava por uma

administração moderna. Pode-se dizer que a preparação de Júlio Cesar começou, quando, como vereador e presidente da Câmara Municipal, a convite da Fundação Alemã de Ajuda aos Países em Vias de Desenvolvimento, participara na Alemanha do "Seminário sobre Tarefas de Administração Municipal", em setembro de 1967. Depois, já prefeito, em dezembro de 1970, frequentou, no Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal (CEPAM), órgão do Ministério do Interior, o curso de qualificação técnica de gestores municipais. Os cursos do CEPAM serviam para alinhar as administrações municipais ao planejamento do governo federal e a seus propósitos políticos, que o prefeito Júlio Cesar deixou claro no relatório final de seu governo ao dizer que as realizações, fez "cumprindo também propósitos superiores emanados da Presidência da República." Eram os anos mais autoritários do regime militar.

Duas ações foram de pronto tomadas pelo prefeito Júlio Cesar com vistas à modernização da gestão municipal: a contratação das empresas LASA – Serviços Aerofotogramétricos e OTAM – Organização Técnica de Administração Municipalista. A LASA (do grupo ligado a Cruzeiro do Sul) realizou os serviços de cadastro técnico, incluindo o levantamento aerofotogramétrico da zona urbana de Itajaí, com respectivo mosaico fotográfico, cujos serviços foram concluídos em 30 de agosto de 1970. O novo cadastro técnico permitiu o aumento de 12.000 para 20.091 unidades tributadas na cidade e com uma inovação: os novos talões de recolhimento de impostos passaram a ser emitidos por firma de processamento de dados e, outra novidade, pagos nas agências bancárias. A OTAM, de Curitiba, por sua vez, ficou encarregada de propor uma nova estrutura administrativa para a Prefeitura, a fim de adaptá-la às exigências técnicas de desenvolvimento do município. A proposta resultou na Lei 1098, de 12 de julho de 1971, que definiu o sistema administrativo da Prefeitura de Itajaí, com órgãos de assessoramento e órgãos de







administração geral. Entre os órgãos de assessoramento, era criada, pela primeira vez, uma área de planejamento, responsável pelo plano integrado de desenvolvimento e orientação aos demais órgãos sobre planos e programas a serem desenvolvidos.

As seguintes palavras do prefeito Júlio Cesar ajudam a entender porque sua administração inovou na gestão pública municipal de Itajaí. "Os que não têm imaginação julgam os prefeitos pelo número de lâmpadas apagadas. Infelizmente, muita gente se preocupa demais com essas exterioridades. Somente um planejamento de longo prazo poderá prever e prover as necessidades comunitárias". Daí surgiu, sem dúvida, o contrato com a firma Planepar, em convênio com o Plameg, então órgão do governo do Estado de Santa Catarina, a fim de elaborar o primeiro Plano Diretor da cidade, que consumiu um ano de trabalho de uma equipe de técnicos.

O Plano Diretor de Desenvolvimento de Itajaí, elaborado pela Planepar – Ltda. Organização de Planejamento Sócio-Econômico do Paraná, firma de Curitiba, ficou pronto em 1971, como trabalho técnico fundamental para a municipalidade, no qual se estabeleceram premissas ambientais, sócio-econômicas e urbanísticas que, juntamente com o homem, constituíam as condicionantes de um desenvolvimento acelerado e harmônico para o município. Ficou constituído de oito capítulos e apresentado em cinco volumes, com um anexo para o código de obras e posturas. O Plano Diretor definiu, entre outras coisas, um novo zoneamento urbano, um sistema viário, soluções para abastecimento de água, coleta de esgotos, poluição do ar e da água, orientação sócio-econômica, estrutura administrativa.

Sem dúvida, o Plano Diretor se constituiu na obra administrava mais inovadora da gestão do prefeito Júlio Cesar, porque permitiu ao município ordenar o seu desenvolvimento com visão de futuro, prevendo o seu crescimento físico e planejando o sistema viário da cidade.

Como consequência da nova gestão, que aumentou as unidades tributáveis e reestruturou o Departamento de Fazenda, a receita municipal, que em 1970 fora de Cr\$ 3.265.110,58, mais que dobrou ao pular para Cr\$ 7.951.437,35. A substancial melhoria da receita do município permitiu novos investimentos nas diferentes áreas e serviços municipais. Os investimentos em obras e serviços públicos dispenderam sempre valores em torno de 53% das receitas municipais nos anos de 1970, 1971 e 1972.

A área da Educação é exemplar do crescente investimento a cada ano. Em 1970, recebeu 2,08% da receita do município; em 1971, 15,84% e em 1972, 21,96%. Ainda na área da Educação, duas iniciativas devem ser referenciadas: a transformação da Autarquia Municipal de Educação em Fundação de Ensino do Pólo Geo-Educacional do Vale do Itajaí/Fepevi, através da Lei 1047, de 11 de novembro de 1970, com o posterior reconhecimento das Faculdades de Direito e Filosofia pelo Conselho Federal

de Educação. A implantação do regime fundacional significou a "refundação" do ensino superior de Itajaí, na medida em que criou os meios para a sua consolidação, expansão e posterior transformação em Universidade; e a implantação do Mobral/Movimento Brasileiro de Alfabetização, em 3 de setembro de 1970, o programa mais representativo do governo militar no campo da educação de jovens e adultos, que mostrou o alinhamento das políticas públicas da educação municipal com o governo central.

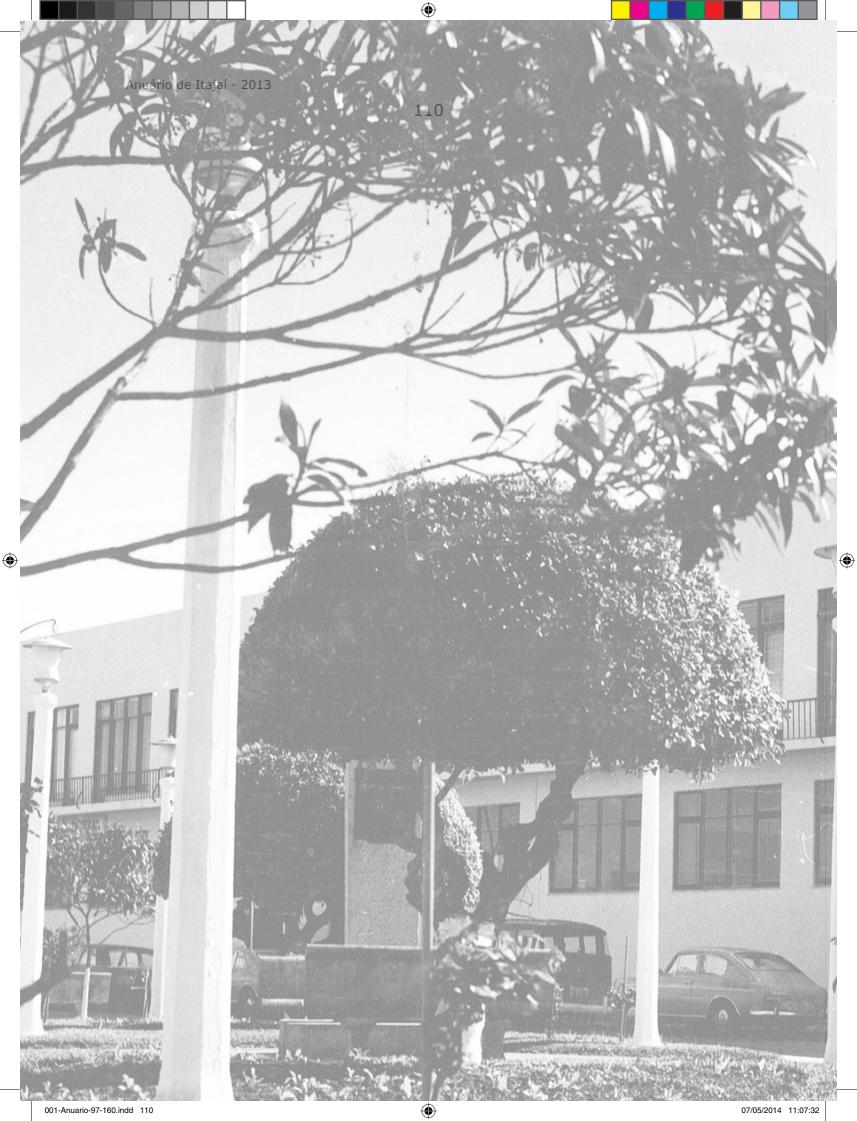
Passo importante para o futuro crescimento econômico do município se deu com a criação do 1º Distrito Industrial de Itajaí, em terreno público, onde antes funcionara o aeroporto de Itajaí, nos altos da Rua Blumenau. O incentivo à industrialização de Itajaí era um reclamo geral, tendo a Associação Empresarial de Itajaí constituído um grupo de trabalho para este fim em 1965. Foi dali que surgiu a idéia de distrito industrial, um conceito formulado na Inglaterra, no final do século XIX, recuperado na Itália durante a década de 1970, mas já implantado no Brasil desde os anos de 1940, em cidades como Contagem/MG. A verdade é que os distritos industriais de Itajaí serviram como experiência válida para a retomada dos incentivos públicos à instalação de novas indústrias na cidade, mas não necessariamente para aquelas instaladas nas áreas determinadas para os distritos.

Ainda fazendo parte da política municipal de incentivo ao crescimento econômico, houve a descoberta do turismo; para tanto, criou-se o Conselho Municipal de Turismo, pela Lei 1.025, de 20 de agosto de 1970; e a implantação da Agrovila Rio Novo, com colonos de origem japonesa, iniciativa que visou à criação de um "cinturão verde" produtor de hortigranjeiros para a cidade. A "colônia japonesa", como ficou conhecida, foi implantada a 2 de junho de 1972 em parceria com o Instituto de Peforma Agrária de Santa Catarina.









Dentre as obras públicas de vulto realizadas nesse triênio, devem ser referenciadas a avenida de acesso à BR-101 (depois, Avenida Governador Adolfo Konder), o novo edifício da Prefeitura (Palácio Garrastazu Médici) e a nova Rodoviária (na Vila Operária).

Sobre a abertura da Avenida Governador Adolfo Konder, conta-se que o prefeito Júlio Cesar tomou a decisão quando recebeu a primeira fotografia aérea da cidade e viu quão perto ficava o final da rua Heitor Liberato (trecho da antiga rua Silva) da BR-101. Ele mesmo, sobre a fotografia, teria feito o traçado; e a abertura se fez desbravando a mata ali existente. O povo brincalhão logo apelidou a nova avenida, que era aberta no meio da mata, de "Transilvânia", por causa da "Transamazônica". Se a decisão de abrir a importante via pública ocorreu de maneira inusitada, por outro lado, motivo havia para que se buscasse um novo acesso, em razão do trânsito já intenso que se observava na Rua Blumenau. A futura Avenida Governador Adolfo Konder, cuja abertura teve início em 13 de novembro de 1970, constituiu-se na terceira ligação da cidade com a rodovia federal e deu nova conformação ao sistema viário da cidade.

O novo edifício da Prefeitura buscou atender a necessidade de melhores acomodações para a administração do município de Itajaí, mal acomodada no Palácio



Marcos Konder, junto com a Câmara Municipal, e também resolver a situação do prédio público federal inacabado há quinze anos, na Avenida Coronel Eugênio Müller, no centro da cidade. O prefeito Júlio Cesar fez o pedido de cedência daquele imóvel ao próprio presidente da República, General Médici, quando de sua visita a Itajaí, que respondeu prometendo estudar o caso. O Decreto federal de 5 de novembro de 1971 cedeu o edifício ao município, que promoveu as obras de total recuperação e o inaugurou em 15 de julho de 1972, com a denominação de "Palácio Garrastazu Médici". O nome e o busto do ex-presidente colocado no saguão de entrada do prédio foram objeto de acesas críticas dos oposicionistas do regime militar. Em 1983, quando a oposição assumiu o governo do município, o busto desapareceu. Hoje o prédio não mais existe, demolido que foi em 2001 para a expansão do porto de Itajaí.

As novas diretrizes do Plano Diretor apontavam a necessidade de cuidados com a mobilidade urbana no centro da cidade; em especial, com o trânsito de ônibus até a estação rodoviária, instalada onde hoje fica o Centro de Abastecimento Prefeito Paulo Bauer. Por isso, o município adquiriu a propriedade da antiga Fábrica Renaux, na Vila Operária, local próximo ao novo acesso à BR-101 e mais apropriado para a construção da nova Rodoviária. As obras foram logo iniciadas e inauguradas pela administração seguinte do prefeito Frederico Olíndio de Souza.



Duas áreas de interesse público aparecem notadas pela primeira vez no relatório de um prefeito municipal: a segurança pública e o trânsito urbano. Sobre a segurança pública, o prefeito Júlio Cesar disse, em seu relatório de 1973, que era "indispensável, a uma cidade como a nossa, pois na qualidade de porto marítimo, necessita de uma segurança mais eficiente". Em razão disso, firmou convênios com o governo do Estado para a instalação de uma guarnição da Polícia Militar com cinquenta soldados, cedendo para sede a antiga Estação de Passageiros do Aeroporto de Itajaí; bem como, para a instalação da Delegacia Regional de Polícia, com a locação de um imóvel para sua sede às expensas do município. Sobre o trânsito urbano, informou que foram adquiridas quatro novas e modernas sinaleiras e substituídas seis outras já existentes "nos principais cruzamentos de ruas e avenidas"; e, numa informação histórica importante, pela primeira vez "procedeu-se a regulamentação do fluxo de trânsito e a alteração de estacionamento na Rua Hercílio Luz". A cidade, no começo da década de 1970, apontava as primeiras emergências da mobilidade urbana, com o trânsito a exigir regras para solução das primeiras situações complicadas, ainda que somente na rua central de Itajaí.

# Conclusão

O período de governo do prefeito Júlio Cesar/Frederico Olíndio de Souza marcou época em Itajaí porque deu início a uma série de administrações com perfil modernizador, o que significou fazer mudanças para melhorar processos, serviços e produtos oferecidos pela Prefeitura. Principalmente, a administração municipal passou a ser gerenciada de modo a incorporar à sua cultura inovações adotadas. Conforme explicou o historiador Ivan Carlos Serpa, "a representação do moderno havia sido direcionada à imagem pública de Júlio Cesar, que tinha a seu favor o fato de ser jovem".

O mandato de Júlio Cesar, embora curto, coincidiu com período de forte crescimento econômico do regime militar e o prefeito soube muito bem capitalizar apoios do governo federal através da intermediação do Senador Antônio Carlos Konder Reis, cujo prestígio em Brasília era indiscutível.

Num quadro econômico nacional favorável, após ter feito reforma fiscal competente, ao incentivar o processo da industrialização e podendo fazer investimentos com cerca de 53% da receita municipal, o prefeito Júlio Cesar, por fim, pode alavancar de maneira exitosa o desenvolvimento do município, o que ficou comprovado por ter Itajaí alcançado, em 1973, a quinta posição como cidade que mais arrecadava no Estado de Santa Catarina. Um feito e tanto. Os ganhos em desenvolvimento econômico, educação, esporte (XIII JASC), mobilidade urbana e segurança foram notáveis.

A administração pública municipal de Itajaí mudara seu paradigma, ao adentrar na modernização da gestão e dar passos importantes no planejamento de longo prazo.

### **BIBLIOGRAFIA**

Arquivo Público de Itajaí. Associação Empresarial de Itajaí, Boletim Mensal, out/1968.

Arquivo Público de Itajaí. Jornal do Povo. Itajaí. Coleção jan/1967/nov/1968

Arquivo Público de Itajai. Júlio Cesar. Relatório do Prefeito. Itajaí. 1973.

d'Ávila, Edison. Pequena História de Itajaí. Itajaí. Prefeitura de Itajaí/Fundação Genésio Miranda Lins, 1982.

d'Ávila, Edison. O Público e o Privado na Fundação do Ensino Superior Em Itajaí. Florianópolis, dissertação (M), UFSC, 1995.

Dreifuss, René Armand. 1964 – A Conquista do Estado – Ação Política, Poder e Golpe de Classe. Vozes, Petrópolis, 2006.

Ferreira, Jorge. João Goulart - Uma Biografia. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2011.

Serpa, Ivan Carlos. Entre o Rio e o Mar – História da Administração Pública Municipal de Itajaí entre 1950 e 2000. Itajai, S&T Editores, 2010.

Silveira Jr., Norberto Cândido. Itajaí. São Paulo, Escalibur – Edições Comemorativas Ltda, 1972.

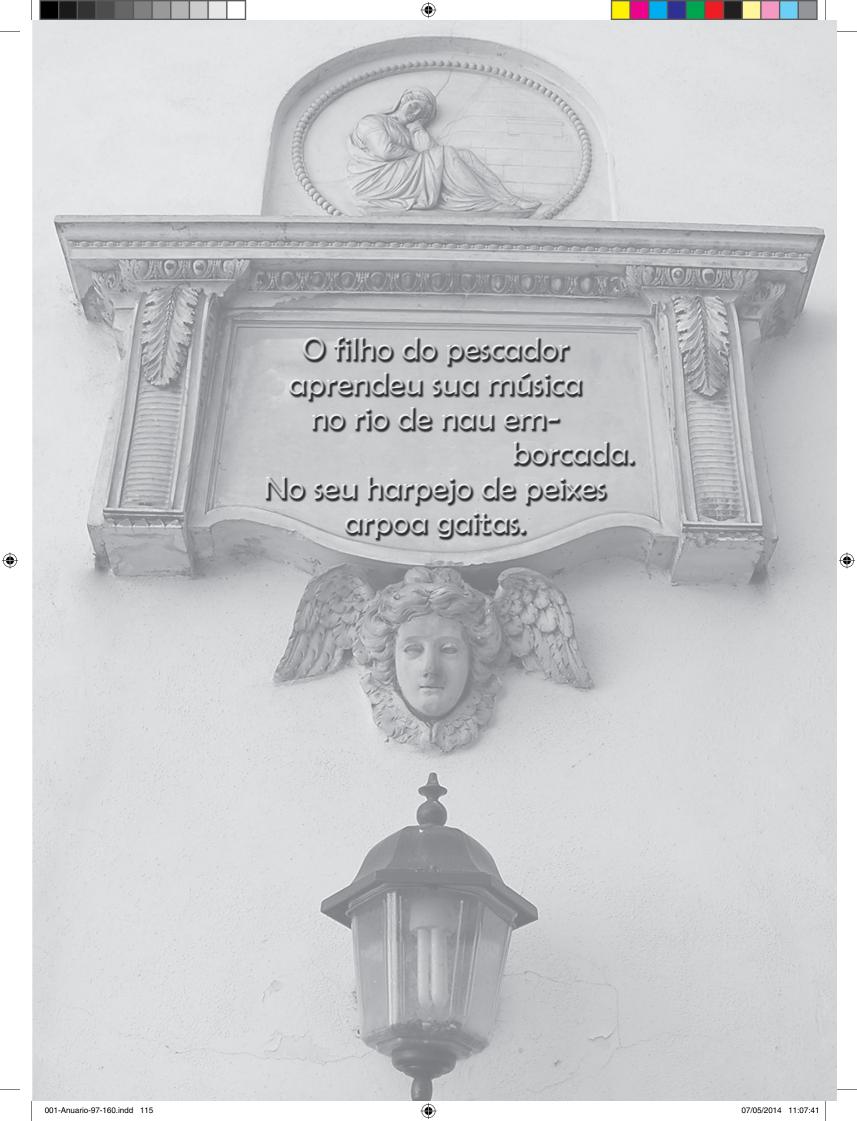
Skidmore, Thomas E. Uma História do Brasil. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1998.

## **ENTREVISTAS**

Dr. Eduardo Santos Lins , Florianópolis-SC, 12/9/2013. Frederico Olíndio de Souza, Florianópolis-SC, 12/9/2013. Dr. Antônio Ayres dos Santos Júnior, Itajaí-SC, 14/9/2013. Isabela Ribas Cesar Portella, Florianópolis-SC, 01/10/2013. Dr. Gerson Wanderley Leal, Itajaí-SC, 27/11/2013. Dr. Félix Albino Gomes Fóes, Itajaí-SC, 02/12/2013.



\*Júlio Cesar foi casado com Guiomar Ribas Cesar com quem teve três filhos, faleceu a 6 de maio de 2013, em Florianópolis-SC, onde foi sepultado, no Cemitério Jardim da Paz.





# 

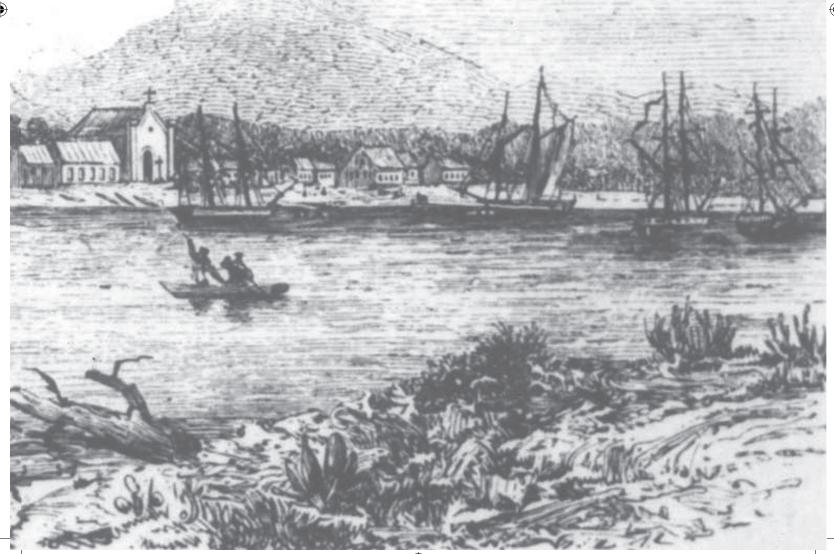
Água boa; Água que corre sobre pedras; Aguada dos taiás; Dono da pedra; Ilhota; Machado de pedra; Óh! Que água excelente; Pedra Brilhante; Pedra de difícil acesso; Pedra de rio; Pedra laminada; Pedra lascada; Pedra marcada; Pedra no mato; Pedra que serve de referência; Rio com leito de pedra; Rio com pedra e mato; Rio da sereia das pedras; Rio das formigas; Rio das pedras; Rio das pedras que emergen; Rio das pedras soltas; Rio das voltas; Rio de muitas pedras; Rio do jaó de pedra; Rio do Monte Tayó; Rio do ouro; Rio dos frutos de pedra; Rio dos Taiás; Rio onde há muitas pedras; Rio pedregoso; Rio pedrento; Rio que contém pedras; Rio que conre sobre as pedras.



# O SIGNIFICADO DO SEU NOME

# **MAGRU FLORIANO**

AUTOR DOS LIVROS: "ITAJAÍ EM CHAMAS"; "ITAJAHY: UMA CIDADE EM BUSCA DE SEU FUNDADOR" E "A LENDA DO MONTE TAYO — CONTRIBUIÇÃO À CENTENÁRIA DISCUSSÃO SOBRE O SIGNIFICADO DO NOME ITAJAÍ"



UITO JÁ FOI ESCRITO E, provavelmente, muita coisa ainda será escrita sobre a origem e o significado do termo ITAJAÍ. Esta discussão centenária deve-se ao fato de não encontrarmos unanimidade entre os memorialistas, historiadores, pesquisadores das línguas tupi e guarani, jornalistas e intelectuais em geral, sobre a origem e tradução do termo. Uma discussão quase secular que envolve nomes de destaque no cenário cultural catarinense, como é o caso de Norberto Cândido Silveira Júnior, Norberto Bachmann, Raulino Reitz, Gustavo Konder, Lucas Arthur Boiteux, Ayres Gevaerd, José Ferreira da Silva, Nemésio Heusi, entre outros.

No ano de 2012, publicamos o livro "A lenda do Monte Tayó" como uma contribuição ao debate. Ali destacamos o fato de termos encontrado nada menos do que 36 maneiras diferentes de grafar o termo ITAJAÍ e 35 maneiras de interpretá-lo ou traduzi-lo.

Encontramos as seguintes maneiras de escrever a palavra ITAJAÍ: Táa-hy, Tacahug, Tahai, Tahei, Taiahug, Taiahug, Taiahy, Taixi, Tajabug, Tajahi, Tajahii, Tajahug, Tajahy, Tajai, Tajaim, Tajaiye, Tajay, Tayabeuhy, Tayabeuy, Tayahuy, Tayahy, Thajai, Téjay, Tejái, Tojahy, Tucuay, Tujuy, Iajahy, Iaujanjé, Itajahi, Itajahy, Itajaí, Itajay, Itajahy, Itájay.

Por consequência dessa diversidade, ao gravar o termo ITAJAÍ temos inúmeras possibilidades de interpretação. Encontramos 35 traduções possíveis:

Água boa; Água que corre sobre pedras; Aguada dos taiás; Dono da pedra; Ilhota; Machado de pedra; Óh! Que água excelente; Pedra Brilhante; Pedra de difícil acesso; Pedra de rio; Pedra laminada; Pedra lascada; Pedra marcada; Pedra no mato; Pedra que serve de referência; Rio com leito de pedra; Rio com pedra e mato; Rio da sereia das pedras; Rio das formigas; Rio das pedras; Rio das pedras juntas; Rio das pedras que emergem; Rio das pedras soltas; Rio das voltas; Rio de muitas pedras; Rio do jaó de pedra; Rio do Monte Tayó; Rio do ouro; Rio dos frutos de pedra; Rio dos Taiás; Rio onde há muitas pedras; Rio pedregoso; Rio pedrento; Rio que contém pedras; Rio que corre sobre as pedras.



Quanto mais fomos aprofundando nossos estudos sobre a vinda de Antônio de Menezes Vasconcellos de Drummond do Rio de Janeiro para Itajaí, mais foi aumentando nossa convicção de que o termo ITAJAÍ está diretamente vinculado à atividade mineradora no Vale. Isso se deve à constatação de que Drummond estava umbilicalmente vinculado aos irmãos Andrada (Antônio Carlos e José Bonifácio de Andrada e Silva) que, em 1820, data da chegada de Drummond ao Vale do Itajaí, promoviam detalhado estudo sobre mineralogia nas terras sob influência de São Paulo.

Esse estudo promovido pelos Andrada é publicado pelo próprio Drummond em Paris, quando todo o grupo político estava em pleno exílio na Europa, por conta de envolvimento direto no processo que culminou com a independência do Brasil. Na correspondência entre José Bonifácio (exilado em Portugal) e Vasconcelos de Drummond (exilado na França), não restam dúvidas sobre o interesse da dupla acerca da mineralogia e do mapeamento da riqueza do solo brasileiro.

O próprio Drummond é direto e objetivo quanto aos motivos que o trouxeram até o Vale do Itajaí. Em suas "Anotações", esclarece que veio até Santa Catarina pelos seguintes motivos: 1 - afastamento do Rio de Janeiro por questões políticas, já que estava envolvido com o "Clube da Resistência", que muitos confundiram com uma loja maçônica por ali estar alojado grande número de "pedreiros livres" que ajudaram a conspirar contra o reino português e idealizar a independência do Brasil; 2 – localizar o "lendário Monte Tayó" de onde se tinha notícias que um membro da família Arzão teria retirado muito ouro.

Não obstante o esforço intransigente de muitos historiadores de defenestrar da nossa história a ação dos mineradores nos três primeiros séculos de nossa formação comunitária, as evidências sobre essa importante atividade estão presentes em todos os documentos, mapas e até na história oral de nossa gente. As primeiras atividades econômicas de relevância no Vale do Itajaí foram a mineração e o corte da madeira.

Para darem nome a um grande vale, além de diversos rios e uma cidade, os pioneiros deveriam estar diante de algo com grande relevância para os grupos envolvidos nesse batismo. Um vale com as dimensões e a diversidade do Vale do Itajaí poderia dar margens a um número infinito de possibilidades quanto ao nome de batismo. Mas, ao longo dos séculos, permaneceu sem qualquer questionamento o termo ITAJAÍ. Essa unanimidade e constância ao longo do processo histórico nos leva à convicção de que o termo está vinculado a algo fundamental, necessário, importante, na vida das pessoas que habitaram o Vale ao longo dos primeiros séculos (índios e brancos).

Acontece que nos três primeiros séculos (de 1500 a 1800), a navegação de grandes embarcações não era fundamento econômico, assim como a planta taiá não era fundamento na culinária local. As famílias aqui residentes eram proprietárias ou posseiras de pequenas unidades territoriais, com a economia baseada na agricultura de subsistência, caça, pesca e escambo (trocas de produtos). Praticamente, inexistia o mercado oficial, com circulação de moeda e relações comerciais de venda e compra de produtos. Era uma economia rudimentar. Nesse contexto de economia marginal, sobressaíam as atividades clandestinas do corte da madeira e da extração de ouro, prata e pedras preciosas. A madeira saía das matas para formar "balsas" que desciam pelos afluentes do Rio Itajaí até a sua foz, contando com os favores da maré vazante. O ouro era comercializado em mercado clandestino. Obviamente que, por serem atividades marginais, sem constarem nos registros oficiais do Estado brasileiro, isso não retira sua importância histórica, social e cultural. Assim, no nosso entendimento, duas possibilidades acerca do termo ITAJAÍ são mais razoáveis:

A primeira delas diz respeito ao fato do Morro do Baú servir como uma grande "pedra" de referência a qualquer ser humano que esteja circulando pelo Baixo Vale do Itajaí ou navegando por nosso litoral. Não há como não notar sua existência no cenário regional quer por seu tamanho, quer por seu formato. Além do destaque visual, o Morro do Baú está relacionado com a busca do ouro no Vale do Itajaí desde os tempos do pioneiro João Dias de Arzão. Por isso mesmo, alguns autores identificam nele o "lendário Monte Tayó". Também pode ser visto como uma "pedra brilhante" já que, em determinado ângulo, o Morro do Baú surge à nossa visão como uma grande pedra que brilha intensamente ao por do sol.

Uma pesquisa séria sobre o significado do termo ITAJAÍ tem de se aprofundar nas questões que envolvem diretamente o Morro do Baú. Seria o Morro do Baú o lendário Monte Tayó de onde Arzão tirou ouro e que Drummond tentou localizar quase dois séculos depois como sendo seu eldorado? Seria o Morro do Baú a "pedra de referência" que os nativos e vicentistas utilizavam para circular pelo Vale do Itajaí? Ou seria o Morro do Baú simplesmente uma "pedra brilhante" ao final da tarde?



A segunda questão importante vinculada à tradução do termo ITAJAÍ diz respeito ao mapa de 1740 que se encontra no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis, localizando o Monte Tayó na morraria entre a bacia do Rio Itajaí-Mirim e a bacia do Rio Tijucas. Ali temos até os dias de hoje uma localidade denominada de "Brilhante" e foi bem perto dali que Drummond recebeu duas sesmarias do ministro Villanova Portugal com a incumbência de localizar o lendário Monte Tayó. Na foz do Rio Itajaí-Mirim ficaram estabelecidos faiscadores afamados como João e Matheus Dias de Arzão. Na região inteira temos notícias de ter sido encontrado muito ouro ao longo dos séculos. Essas notícias eram frequentes nos nossos jornais até o século passado (1900).

O problema de relacionar o termo ITAJAÍ à localidade de Brilhante entre as bacias dos rios Itajaí-Mirim e Tijucas é que temos de mudar muita coisa na nossa história oficial, a começar pela história fantasiosa que a historiografia oficial nos oferece acerca da denominação da comunidade do Brilhante na Estrada Geral de Brusque. Obviamente que esse processo tem de ser muito criterioso, à luz do método científico.

Contudo, consideramos plausível a tradução do termo como sendo "pedra brilhante" decompondo-o da seguinte forma: ITA (pedra) + JAJAÍ (brilhante). Essa "pedra brilhante" pode oferecer duas motivações para aqueles que nominaram nossa região: 1 – ouro; 2 - referência visual.

No caso de ter sido a extração de ouro a motivação principal, as pesquisas devem seguir os caminhos do lendário Monte Tayó, que pode ser o próprio Morro do Baú (no Rio Grande) ou o Morro do Brilhante (no Rio Pequeno). Caso a motivação do batizado esteja na "referência visual" dada aos viajantes do Vale e litoral, temos de nos concentrar preferencialmente no Morro do Baú (no Rio Grande).

Contudo, consideramos que muitos estudos ainda devem ser realizados nessa área até chegarmos a uma posição conclusiva sobre a tradução do termo ITAJAÍ. Temos, por exemplo, de promover um laudo técnico sobre a constituição física do "Bico do Papagaio" para dar uma posição mais científica sobre a tese proposta por Hermes Justino Patrianova de ITAJAÍ ser referência a um "pássaro de pedra".

Por isso mesmo consideramos extremamente salutares todas as discussões que foram promovidas ao longo do ano de 2013 na internet acerca do tema. Destacamos os debates entre historiadores e memorialistas ocorridas na página "Itajaí de Antigamente" no Facebook. Todo debate é importante porque destaca, acima de tudo, o interesse de nossos cidadãos mais cultos pela s coisas que dizem respeito à memória de nossa comunidade.

# Indicação de leitura sobre o tema

ASSIS, Cecy Fernandes de. **Dicionário guarani-português / português-guarani**. São Paulo: Saraiva, [....].

BACHMANN, Norberto. Sobre a origem da palavra Itajaí in: **Jornal do Povo**, 23.01.1945, p.04.

BARBOSA, A. Lemos. **Pequeno vocabulário tupi-português**. Rio de Janeiro: Livr. São José, 1951.

BAPTISTA, Leda Maria. Simplesmente Gaspar. Blumenau: Nova Letra, 1998.

BOITEUX, Lucas A. (Alm.) O Rio Itajaí – O desvendamento da Costa – mapas e portulanos do tempo – nomenclatura litorânea – morfologia do nome. In: **Blumenau em Cadernos**. Pág. 23-5.

BOITEUX, Lucas a (Alm.). Diccionário histórico e geográfico do Estado de Santa Catarina. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.

BOHN, Antônio Francisco (Pe.). **Paróquia de São Vicente de Paulo – Sua História**. Blumenau: 3 de maio, 2003.

BUENO, Eduardo. **Brasil:** uma história – cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história – a incrível saga de um país.** 2. ed. rev. São Paulo: Ática, 2003.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. 4.ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

CARDOSO, Alfredo Emanoel. Compêndio histórico e geográfico de Rio do Sul. 2.ed. Rio do Sul: Jawi, 19[..].







CARNEIRO, Marcio Matos. Origem dos nomes dos municípios de Santa Catarina. Blumenau: Nova Letra, 2006.

CORDEIRO, DARLAN PEREIRA. CONHECENDO ARQUEOLOGIA. ITAJAÍ: ED. AUTOR, 2006.

CORRÊA, Isaque de Borba. **Poranduba papa-siri – catalogação de manifestações inéditas do folclore do centro do litoral catarinense.** Camboriú: ed. Aut, 2001. CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de** 

ORIGEM TUPI. SÃO PAULO: MELHORAMENTOS, 1978.

CUNHA E SILVA, Laércio: DE FARIA, Roberto Mello. Itajaí – cem anos de município.

CUNHA E SILVA, Laércio; DE FARIA, Roberto Mello. **Anuário de Itajaí para 1959.** Niterói: Hoje, 1959.

DEEKE, José. **O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento**. 2.ed. Blumenau: Nova Letra, 1995.

DELL'ANTONIO, Lino João. **Nomes indígenas dos municípios catarinenses.** (...). Blumenau: Odorizzi, 2009. p.136-138.

FLORIANO, Magru. **A** lenda do **M**onte **T**ayó – contribuição à centenária discussão sobre o significado do nome **ITAJAÍ**. Itajaí: Alternativa; Blumenau: Nova Letra, 2012.

GAKRAN, Nambla et alii. **Dicionário bilíngüe Xoklenge Português**. Datilografado. HEUSI, Nemésio. **A fundação de Itajaí – sua história – seu romance**. Blumenau: do autor, 1982.

KOHL, Dieter Hans Bruno. **Porto Belo – sua historia sua gente.** 1.ed. Porto Belo: ed. Aut., 1987.

KONDER, Gustavo. Visita de um naturalista francês do século passado. In: **Jornal do Povo.** 28.08.1971, p.05.

KONDER, GUSTAVO. A ORIGEM DO NOME DE ITAJAÍ IN: **Blumenau em Cadernos**. P. 94.

KONDER, Marcos. A pequena pátria. Blumenau: Livraria Blumenauense, 1958.

KONDER, Marcos; SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Rio das pedras ou dos taiás? In: **Anuário de Itajaí 1949**. Itajaí: Aurora, 1949, p. 71-3.

LAUS, Lausimar. **O** guarda-roupa alemão. 3. Ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989. MIRANDA, Gil. Documento para a história de Itajaí in: **Jornal do Povo**, 27.02.1971, p.2 e 6.







MONTOYA, Antonio Ruiz de (S.J.) Vocabulário de la língua guarani.

NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da história do Brasil**. 2.ed. ver.ampl. São Paulo: Leya, 2011.

NIEBUHR, Marlus. **Memórias de Porto Franco... Botuverá: a sua história**. Blumenau: Nova Letra, 2005.

OLIVEIRA E PAIVA, JOAQUIM GOMES DE (ARCIPESTRE PAIVA). **DICIONÁRIO TOPONÍMICO, HISTÓRICO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA**. FLORIANÓPOLIS: IHGSC, 2003.

PATRIANOVA, Hermes Justino. **Pequeno livro.** Florianópolis: do autor, 1986.

PATRIANOVA, HERMES JUSTINO. TAIÁ VERSUS TAIOBA IN: **Blumenau em Cadernos**, tomo XXXI, ago/1990, n.08, p. 185-7.

PATRIANOVA, HERMES JUSTINO. CARTAS IN: **Blumenau em Cadernos**, Tomo XXXI, FEV/1990, N.02, P.56-8.

REITZ, Raulino. Itajaí significa rio dos taiás in: **Jornal do Povo**, 25.04.1948, p.02.

RODRIGUES, J. Barboza. **Vocabulário indígena comparado para mostrar a adulteração da língua**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1892.

SANTOS, Roselys Izabel Corrêa dos. **A colonização Italiana no Vale do Itajaí-Mirim.** Florianópolis: Edeme/Lunardelli, 1981.

SANTOS, Viviane dos: SOUZA, Elaine Cristina de. **Movidos pela esperança: a historia centenária de Ilhota**. Itajaí: S&T, 2006.

SERPA, Elio; RAMOS FLORES, Maria Bernadete. Catálogo de documentos avulsos manuscritos referentes à Capitania de Santa Catarina – 1717 – 1827. Florianópolis: Edufsc, 2000.

SEYFERTH, GIRALDA. **A** COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM. PORTO ALEGRE: MOVIMENTO; BRUSQUE: SAB, 1974.

SILVA, Afonso Luiz da. **Itajaí de ontem e de hoje**. Brusque: Mercúrio/O Município, 19[..]

SILVA, José Ferreira da. As terras do Itajaí Mirim e Vasconcelos de Drummond. **Blumenau em Cadernos,** Tomo VI, 1963. v. 4.

SILVA, José Ferreira da. **A** colonização do Valle do Itajahy – notas para a história do povoamento e cultura do valle do maior rio do litoral catharinense. Blumenau: Correio de Blumenau, 1932.

SILVARES, José Carlos. **Naufrágios do Brasil: uma cultura submersa**. 1.ed. São Paulo: Cultura sub, 2010.

SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Itajaí quer dizer: pedra laminada in: **Blumenau em cadernos,** Tomo X, nov/1969, n. 11, p. 218-220.

SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido; DA SILVA, José Ferreira; Moraes, Gil. **Itajai**. São Paulo: Escalibur, 1972.

SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Cartas in: **Blumenau em Cadernos**, Tomo XXXI, n. 01, p. 23-4.

SOUZA, CLÁUDIO BERSI DE; SERPA FILHO, GENTIL ABÍLIO. **PENHA – A HISTÓRIA PARA TODOS**. FLORIANÓPOLIS: PARALELO 27, 1995.

THOMÁS, CLÁUDIO M.; AZEVEDO, PAULO E. DE. HISTÓRIA DO BRASIL. VOL I. SÃO PAULO: FTD, 1964.

THOMÉ, NILSON. CIVILIZAÇÕES PRIMITIVAS DO CONTESTADO. 1.ED.CAÇADOR: IUL, 1981.

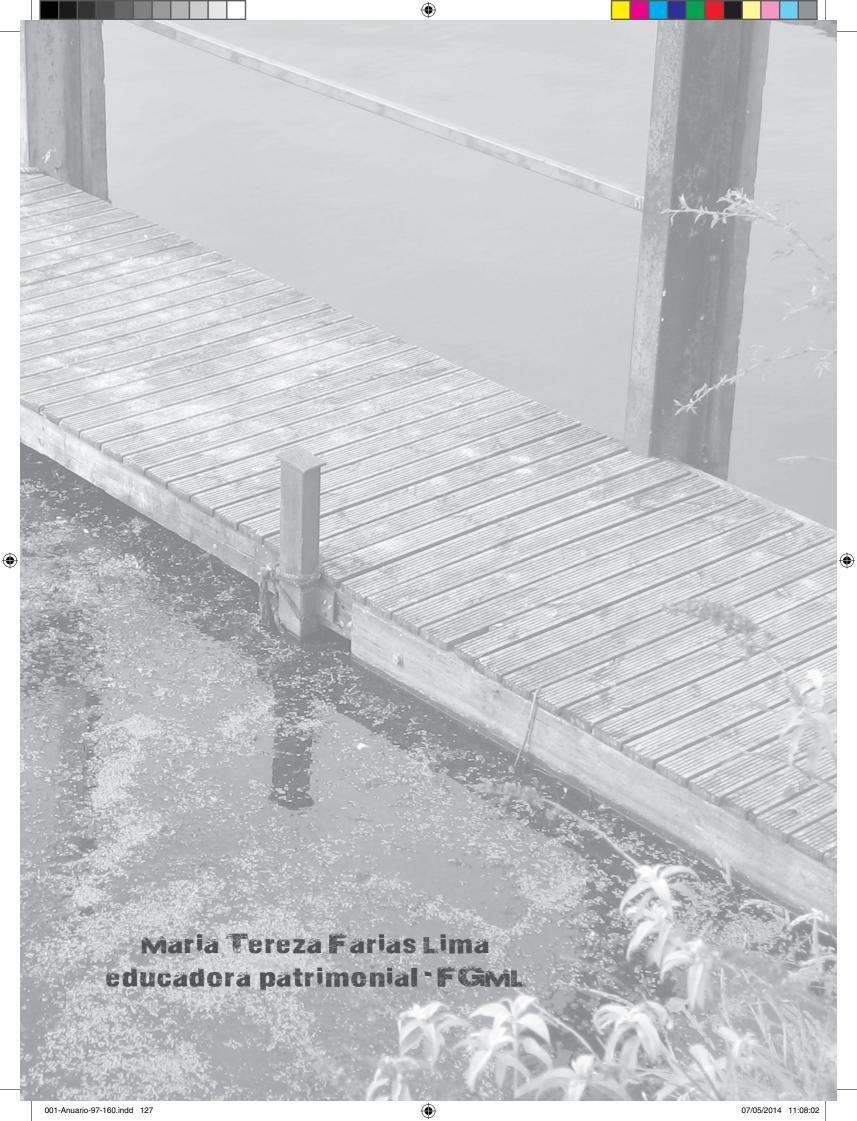
TOMIO, TELMO JOSÉ. OBITUÁRIO ITAJAIENSE 1791-1823 IN: **Anuário de Itajaí – 2010 – Itajaí: 150 anos.** Itajaí: FGML, 2011, pág 444-449.











Diz-se que, mesmo antes de um rio cair no oceano ele treme de medo. Olha para trás, para toda a jornada,os cumes, as montanhas, o longo caminho sinuoso através das florestas, através dos povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre. Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar. Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência. Você pode apenas ir em frente. O rio precisa se arriscar e entrar no oceano. E somente quando ele entra no oceano é que o medo desaparece. Porque apenas então o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano, mas tornar-se oceano. Por um lado é desaparecimento e por outro lado é renascimento. Assim somos nós. Só podemos ir em frente e arriscar. Coragem!! Avance firme e torne-se Oceano.

IGUEL JOSÉ WANDERHEC, nascido em 29 do mês de setembro de 1909 (dia da comemoração ao Santo "São Miguel"). Natural do município de Ilhota SC, filho de Manoel Lopes Wanderhec e Floripa Coutinho Wanderhec.

Desde menino demonstrou sensibilidade e generosidade em ajudar as pessoas mais humildes. Homem de comportamento bastante agitado, nervoso, porém com um caráter firme, sério, muito simples e comprometido com tudo o que fazia, com um coração de ouro.

Viveu sua infância ajudando os pais na roça juntamente com seus irmãos mais velhos, Fermino e Estácios, e mais cinco irmãs menores.

Em 1933 casou-se com Maria Martins com quem teve três filhos: Reinaldo, Ruth e João Carlos (falecido no dia 1º do ano com quatro anos de idade, fato este que abalou muito os familiares).

Iniciou suas atividades profissionais na Usina de Açúcar Adelaide, que funcionava onde hoje é o porto de Itajaí. Nesta empresa seu Miguel desempenhou varias funções: era homem de confiança do senhor Udo Garcia (tesoureiro da usina), onde seu Miguel trocava o dinheiro graúdo por miúdo para fazer o pagamento dos funcionários.

Na Usina Adelaide, com sua charrete, fazia o transporte do Senhor Marcos Heusi diariamente, de sua residência para a usina e vise-versa; assim também acontecia com o Coronel Marcos Konder, o qual era diretor da usina e morava no Rio de Janeiro e, quando chegava em Itajaí, era seu Miguel o seu condutor de todos os dias, para Cabeçudas onde residia. Mais tarde a usina é transferida para Pedra de Amolar e lá foi seu Miguel fazendo de tudo um pouco, inclusive cozinheiro do panelão do barracão onde os peões faziam suas refeições.

Os anos foram passando e o inevitável aconteceu... Miguel estava muito doente... era grave seu diagnóstico, não podia mais trabalhar, a memória estava abalada, confuso... "doença das faculdades mentais", esse era o resultado dos exames. Teve que ser internado na Colônia Santana, em Florianópolis, para o tratamento...



Quando se recuperou, voltou para Itajaí, comprou uma casa (casebre) no Vassourão, que na época não tinha nem energia elétrica, apenas alguns moradores e duas escolas isoladas.

•

Miguel se aposentou, porém não parou de trabalhar. Morava próximo do rio Itajaí-Açú, que chamavam Porto da Nação, e possuía 3 canoas, fazendo a travessia da margem do rio a outra margem (do bairro São João para o bairro São Vicente, antigo Vassourão – denominação de uma planta nativa do lugar) A canoa era o acesso mais rápido para quem precisava atravessar o bairro São João para o bairro São Vicente, pois não havia ponte nessa época. Para seu Miguel, não tinha dia Santo, chuva, nem sol forte...

Quem tinha dinheiro pagava uma merreca, mas quem não tinha passava também, não ficava ninguém a "pé", como se falava na época. Sempre que alguém pedia uma bateira, o seu Miguel prontamente cedia para amigos e pescadores, mas não devolviam. Ele persistia beirando o rio até encontrar as bateiras amarradas à margem do rio em algum lugar... fizera essa travessia por trinta anos, até que ergueram uma precária ponte de arame, de um lado ao outro das margens, suspensas por um cabo de aço que, no entanto, não durou muito tempo, pois um dos cabos se rompeu, despejou muitas pessoas e bicicletas no rio, levando a óbito uma pessoa.

Um episódio marcante na vida dele foi o vai e vem das pessoas desesperadas com seus filhos, animais e objetos fugindo do incêndio no bairro Cordeiros, quando o navio Petrobras Norte, que abastecia os tonéis da Liquigás, devido a válvula que transportava combustível desprender-se, roçou no casco do navio que deu início ao incêndio. A rádio anunciava que a qualquer momento Itajaí poderia explodir pelos ares.

Seu Miguel, nessa trajetória, não tinha noção de sua importância na vida de muitas pessoas que dependiam do seu transporte para trabalhar, passear etc...

Com o falecimento de sua companheira, sentia-se cada dia mais só, entristecido, pensativo, muito cansado, debilitado emocionalmente. Preferiu morar sozinho e recusou-se a morar com o filho Reinaldo, nem com a filha Ruth, em Brusque. Foi para o Asilo Dom Bosco, onde ajudava as atendentes em algumas tarefas, sendo muito querido por todos. Faleceu a 26 de setembro de 1996.

A vida é assim... O que fica são lembranças, lembranças da memória do grande homem que amava e respeitava o próximo como seu irmão.



# AULA

A professora de História da Arte esforçava-se para além de suas capacidades, mas nada adiantava.

O único fato que prendia a atenção à sua aula era o decote.

Então tirou suas jóias e as deitou sobre a mesa, desabrochou os seios e deixou escorrer o vestido ao chão às 17:56. Seu perfume fresco como hortelã inundou a sala.

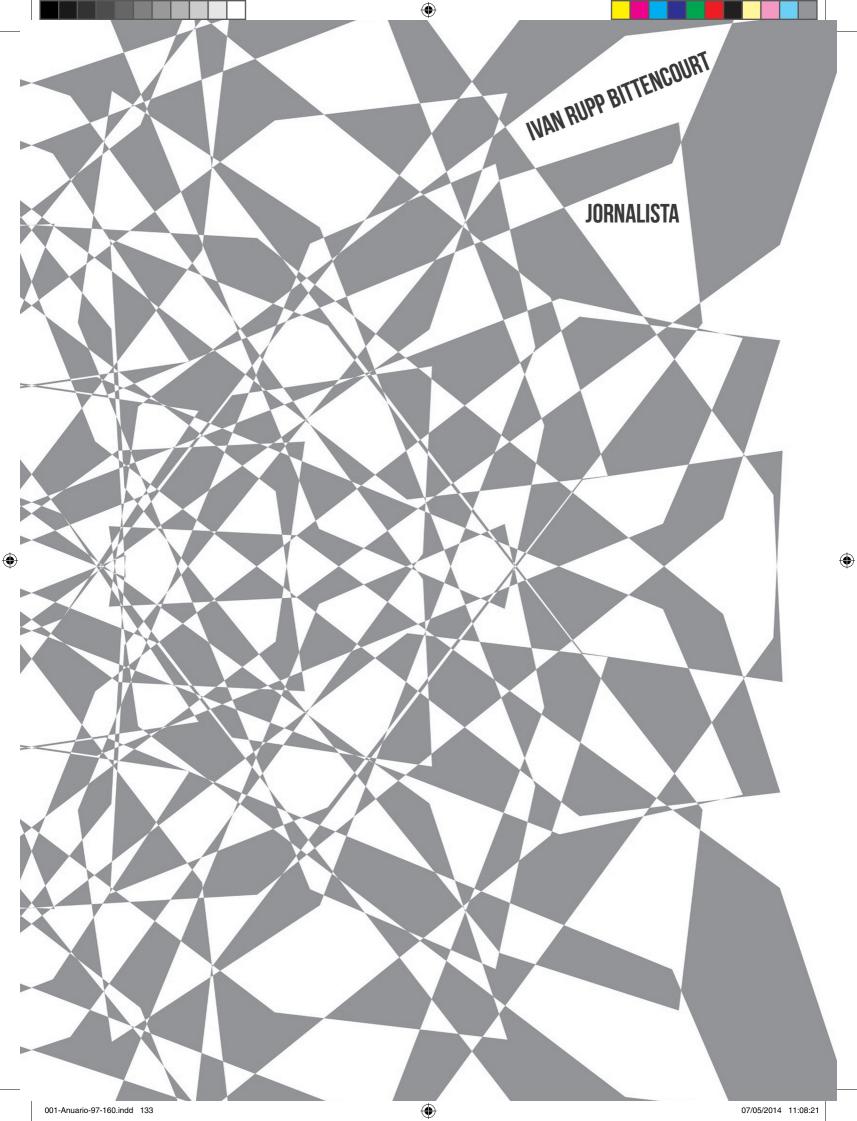
Sua leveza era prazer e luz que atravessava

tímida

veneziana.

Rogério Lenzi





# Caleidoscópio: uma experiência cultural na imprensa de Itajaí

## A TÍTULO DE PRÓLOGO

NTES DE TUDO, é preciso ficar bem claro que o culpado de tudo o que veio a ocorrer depois se chama Eduardo João Teixeira Moreira. Porque eu estava bem sossegado, levando uma vida de comerciante, quando ele me apareceu com a ideia de fazer um novo jornal em Itajaí. Ideia, aliás, que fazia parte de nossas longas conversas literárias, musicais e artísticas desde a adolescência, apreciadores que éramos, juntamente com o Cláudio Malheiros, o Daltinho Xavier e outros, de Hemingway, Carlos Drummond de Andrade, Miles Davis, Santana, rock progressivo, Bossa Nova, musica instrumental, Cinema Novo, Beatniks, quadrinhos, e de artes plásticas em geral, entre outras tendências menos cotadas – tudo isso ao mesmo tempo agora.

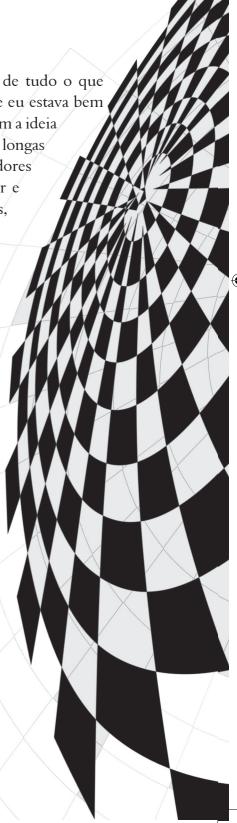
Havia, naquela época, um novo mundo a descobrir. Éramos jovens e tudo que dizia respeito à cultura nos atraía porque politicamente não existíamos. Porque éramos, também, os filhos da ditadura, uma geração classe média que cresceu e chegou aos vinte anos sob o regime militar. Isso foi no final dos anos de 1970, começo dos 1980. E a ideia de um jornal para expressar o grito que tínhamos entalado na garganta veio originalmente de lá, do final dos anos setenta. Mas, nunca saiu do campo das ideias. Ou seja, o grito ficou entalado na garganta, mesmo!

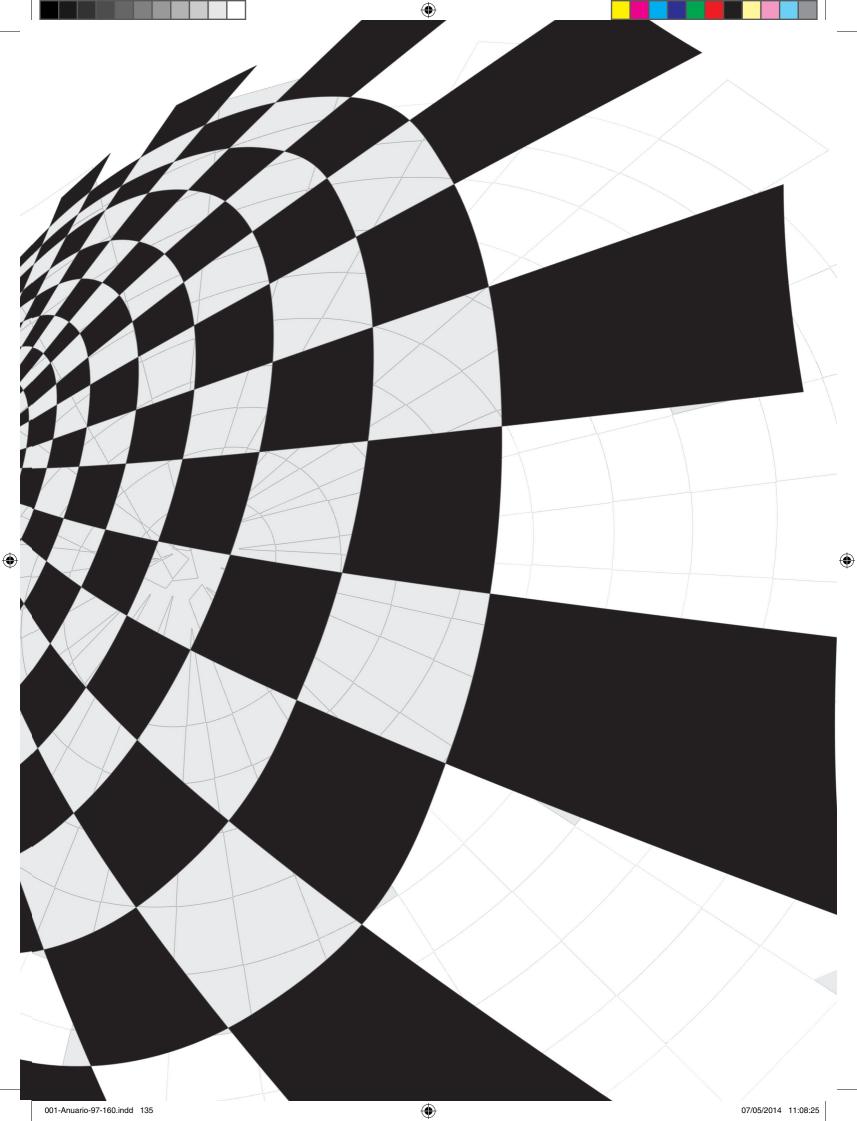
Então, nos formamos, casamos e fomos tratar da vida. Cada um a seu modo.

# O CALEIDOSCÓPIO

Até que me aparece o Eduardo Moreira com a ideia de um jornal que já tinha até nome: "Caleidoscópio". E eu pensei: "Caleidoscópio"? E essa agora!".

Mas lá estava eu na reunião inaugural de formação do grupo, marcada num boteco chamado "Senadinho", ali na Rua Almirante





Barroso. Lá estavam, também, além do Moreira, o Eduardo Hora, o Rogério Lenzi e o João Guilherme Wegner Cunha. Que eu conhecia de passagem. Mas o assunto era o jornal, então fluiu.

Sei que falamos, falamos e falamos. E eu saí do encontro convicto de que havia sido escolhido porque eles achavam que eu tinha algum recurso para bancar o empreendimento. Ah! A má fama de ser endinheirados que os comerciantes têm!

Mas resolvi topar. E como era eu quem ia bancar esse primeiro número – já que o plano original era que os patrocinadores correriam para financiar as próximas edições assim que vissem a maravilha que produziríamos –, tratei de colocar os meus pendores literários, até então restritos aos amigos mais chegados, na confecção do editorial do jornal. E como faltou matéria para o primeiro número (número zero, aliás), escrevi, também, uma crônica que era uma entrevista imaginária com meu ídolo na época, o Paulo Francis, cujas tiradas geniais eu usava para dar respostas a perguntas feitas sob medida. A ideia da entrevista imaginária copiei de outro ídolo meu em todas as épocas: Nelson Rodrigues.

Mas estou colocando a carroça na frente dos bois. Antes teve uma coisa muito mais importante: o Eduardo Moreira me levou, num sábado à tarde de novembro de 1999, para conhecer o professor Edison d'Ávila. A ideia era apresentar a ele o "boneco" do jornal, e ouvirmos o veredicto e os aconselhamentos.

Ele nos recebeu muito bem em sua residência na estrada de Cabeçudas. Fazia uma bela tarde de sol. Batia um Nordeste. O professor estava, por certo, curioso sobre a minha pessoa – um completo desconhecido naquele meio, tanto o cultural, quando o jornalístico –, e agora apresentado pelo Eduardo como um dos "cabeças" do Caleidoscópio. D'Ávila ouviu o Moreira, depois verificou cuidadosamente o "boneco" do jornal, discorreu sobre a importância desse tipo de publicação e se dispôs a ajudar no que fosse possível... Já tínhamos, então, um aliado importante, que se mostrou, mais tarde,



um entusiasta, defendendo o jornal e nos abrindo portas enquanto estivemos a frente do Caleidoscópio. O Professor Edison fez mais do que isso: sob o pseudônimo de Jânio de Souza, inventado por nós, escreveu uma coluna intitulada "Caleidoscópio Político", na página 3 do jornal, e nos orientou em muitas questões e em muitos momentos em que estávamos meio sem saída. Foi uma espécie de mentor intelectual a quem acorríamos quando sobrevinham as dúvidas existenciais da pubilicação... Mas isso veio depois.

A hora era de fazer o Caleidoscópio. O *e-mail* do Eduardo concentrava os artigos do primeiro número e rabiscávamos em folhas de papel a disposição das editorias nas páginas.

Quando houve material suficiente fomos montar o jornal na própria gráfica que iria rodá-lo, a Berger, que nos cedeu equipamento e um arte-finalista que logo se tornou nosso "chapa": Liosvaldo C. Silva.

Acho que ficamos uma semana na gráfica. Eu nunca havia imaginado que fazer um jornal desse tanto trabalho. Parecia que não ia acabar nunca. Sei que era uma sexta-feira quando saímos de lá – felicíssimos – com o número zero debaixo dos braços. Era final de novembro do ano de 1999. Final de tarde também. Na distribuição, eu, o Moreira e o Lenzi. E a ótima sensação de que alguma coisa estava começando. Percorremos a Rua Hercílio Luz entregando exemplares a um e a outro conhecido, deixamos outros em órgãos públicos e em bancas de revista de amigos. Depois nas portarias das rádios. O Caleidoscópio estava na praça. Agora era esperar a reação.

Que foi, digamos, fraca... Bem, foi fraca, mas não foi ruim. O que já era alguma coisa. O jornal chamou a atenção, de cara, pelo projeto gráfico arrojado do Eduardo Moreira.



E até causou algum frisson no meio cultural oficial, que enxergou no Caleidoscópio a revanche do Moreira à Fundação Cultural - que o tinha alijado de produzir o "Papa-Siri", jornal oficial da dita cuja, o qual o Caleidoscópio de primeira hora acabou sendo interpretado como "continuador". Também o pessoal que militava na imprensa saudou positivamente o novo jornal, num misto de simpatia e curiosidade. Muitos dizendo a boca pequena: "Não dura até o terceiro número".

Mas eles não contavam com a nossa astúcia. Ou, se preferirem, com as nossas economias. O segundo número saiu em janeiro de 2000, e o terceiro em fevereiro do mesmo ano. A partir daí, todo esforço foi feito para que a publicação virasse quinzenal. Conseguimos. O Caleidoscópio teve, enquanto estivemos à frente do projeto, até janeiro de 2001, 25 edições. De patrocinador, não se tem notícia até hoje.

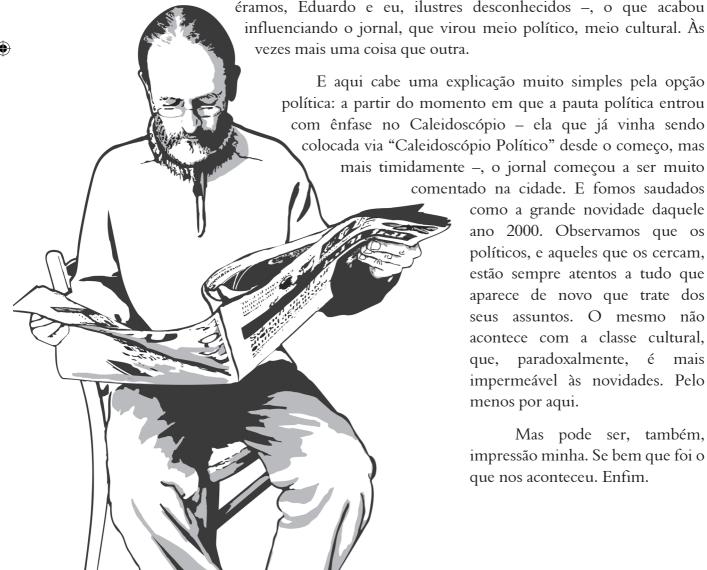
Logo nos primeiros números ganhamos outro grande aliado, o fotógrafo Pedrinho de Oliveira - que foi convidado para fazer o acervo fotográfico, e acabou fazendo parte de tudo: das reuniões de pauta à distribuição.

> Pedrinho nos apresentou toda imprensa de Itajaí - para quem éramos, Eduardo e eu, ilustres desconhecidos -, o que acabou influenciando o jornal, que virou meio político, meio cultural. Às vezes mais uma coisa que outra. E aqui cabe uma explicação muito simples pela opção

> > colocada via "Caleidoscópio Político" desde o começo, mas mais timidamente -, o jornal começou a ser muito comentado na cidade. E fomos saudados como a grande novidade daquele ano 2000. Observamos que os políticos, e aqueles que os cercam, estão sempre atentos a tudo que aparece de novo que trate dos seus assuntos. O mesmo não acontece com a classe cultural, paradoxalmente, é mais impermeável às novidades. Pelo

> > > menos por aqui.

Mas pode ser, também, impressão minha. Se bem que foi o que nos aconteceu. Enfim.



# Uma fórmula de sucesso

O modelo definitivo do Caleidoscópio se concretizou no quarto número, de março de 2000, quando entrevistamos o polêmico Dalmo Vieira e o colocamos na capa do jornal. A partir daí, a entrevista virou quase sempre a capa. E a polêmica, também.

Colocamos o ex-prefeito e provável candidato às eleições daquele ano, Arnaldo Schmitt Júnior, na capa de um dos Caleidoscópios seguintes, numa bela entrevista que abalou estruturas naquele primeiro governo Jandir Bellini.

Jandir, que também foi capa do jornal, assim como Volnei Morastoni, João Macagnan, Antônio Carlos Konder Reis, e, pasmem, Luís Inácio Lula da Silva, numa entrevista enviada por *e-mail* para sua assessoria política em São Paulo – via meu amigo Felipe Damo, então assessor de imprensa de Volnei Morastoni. E cujas respostas, publicadas na época, relidas hoje, causam espanto.

Mas havia cultura também. Afinal, era o objetivo principal do jornal. O Cláudio Malheiros escreveu duas grandes séries sobre o Cinema Novo e sobre quadrinhos famosos. Havia crítica literária e de cinema. A crítica teatral era escrita pelo Lourival de Andrade, que mais tarde (de 2005 a 2008), se tornou Superintendente de Cultura no governo Volnei Morastoni. A Isabel Mendes escrevia "De salto alto", uma bela coluna feminina. O oceanógrafo Fernando Diehl tinha uma página dedicada ao bom e velho rock and roll. O colunismo

social era feito pelo Pedrinho Oliveira e suas fotos de beldades e eventos sociais da cidade. O Rogério Lenzi trouxe literatura e poesia para o jornal. O Eduardo Hora trouxe polêmica. E foram muitas as matérias que trataram de preservação do patrimônio arquitetônico e cultural, sobre a relação porto e cidade (com artigos notáveis de Sônia Moreira e Márcio Moreira), ecologia (a cargo do João Guilherme Wegner Cunha), imprensa e clássicos do cinema (importante contribuição do Magru Floriano – um entusiasta de primeira hora do Caleidoscópio), e por aí fomos.

Ligados o tempo inteiro nos caminhos do Caleidoscópio, Eduardo e eu chegamos ao modelo que foi apresentado naquele ano de 2000 ao público leitor promovendo uma mistura de política, arte e cultura que, acho, era inédita no jornalismo da cidade.



•

A ideia principal do Caleidoscópio, reforçada sempre nos editoriais, era de que o jornal encabeçasse um movimento pela cultura local, que fosse um veículo de discussão e promoção de toda forma de arte. O jornal era um "lugar" onde tudo era possível e permitido culturalmente. Todos eram sempre convidados a participar, à direita e à esquerda. Moreira e eu achávamos (achamos) que partidarização política quando se trata de cultura é de um provincianismo a toda prova. Por isso, tentamos, o quanto pudemos, reunir tendências as mais diversas. Muitas delas não se engajaram, aliás, sequer se aproximaram de nós, fechadas que estavam em seus nichos "culturais" próprios. Outras participaram e foram sempre bem vindas. Outras, ainda, nos espiavam das soleiras dos casarões. De soslaio.

# Tudo o que você podia ser

O plano era que o Caleidoscópio crescesse, aumentasse as editorias, ficasse colorido e semanal. Isto nunca conseguimos fazer. Justamente por falta de investimento, por inexistência de patrocinadores. E não foi por falta de buscar esse apoio, tanto na iniciativa privada quanto no setor público – que, na verdade, era quem deveria ter maior interesse nesse tipo de publicação.

Tem-se que compreender que uma publicação cultural é diferente de qualquer outra publicação comum, mesmo que trate, junto com cultura, de outros assuntos, como política, por exemplo – que de uma forma ou de outra está sempre muito ligada ao setor cultural. O fato é que o mercado como um todo não respondeu ao que precisávamos



e, antes que definhasse, resolvemos encerrar o jornal. O Moreira mais cedo, em novembro de 2000, eu em janeiro de 2001, quando aceitei trabalhar na recém-criada Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura de Itajaí, a convite de meu amigo Noemi dos Santos Cruz, que tão bem dirigiu aquela pasta até 2003 – e que me convidou para trabalhar com ele justamente por ser um admirador do Caleidoscópio.

# Ele como muitos.

O jornal era, a seu modo, e a seu público específico, "popular". Era querido pela imprensa local. Elogiado



por promotores e atores culturais. E tinha um grande público na área política. Antes de tudo, era um jornal "bonito", graças ao talento de artista plástico e gráfico do Eduardo Moreira. Com bons artigos e textos aprimorados, literários. E sempre muito bem vindo pelo público em geral. Inclusive por gente que o colecionava, e eram várias pessoas. Tínhamos fãs. Gente que torcia pelo jornal. E o Caleidoscópio cumpria o seu papel de fomentador cultural, sendo ele próprio um produto cultural.

Acho que era tão admirado porque era feito com paixão e abnegação. Era feito por diletantismo, e isso faz toda a diferença, mas não faz "a diferença", porque qualquer projeto se acaba rápido se não tem financiamento. Enfim.

Mas nos dedicamos demais. Todos. Da cúpula aos colaboradores vários. Fizemos o que pudemos. Até que se acabou. Ou, por outra, o que era doce acabou-se.

Acho que perdeu a cidade.

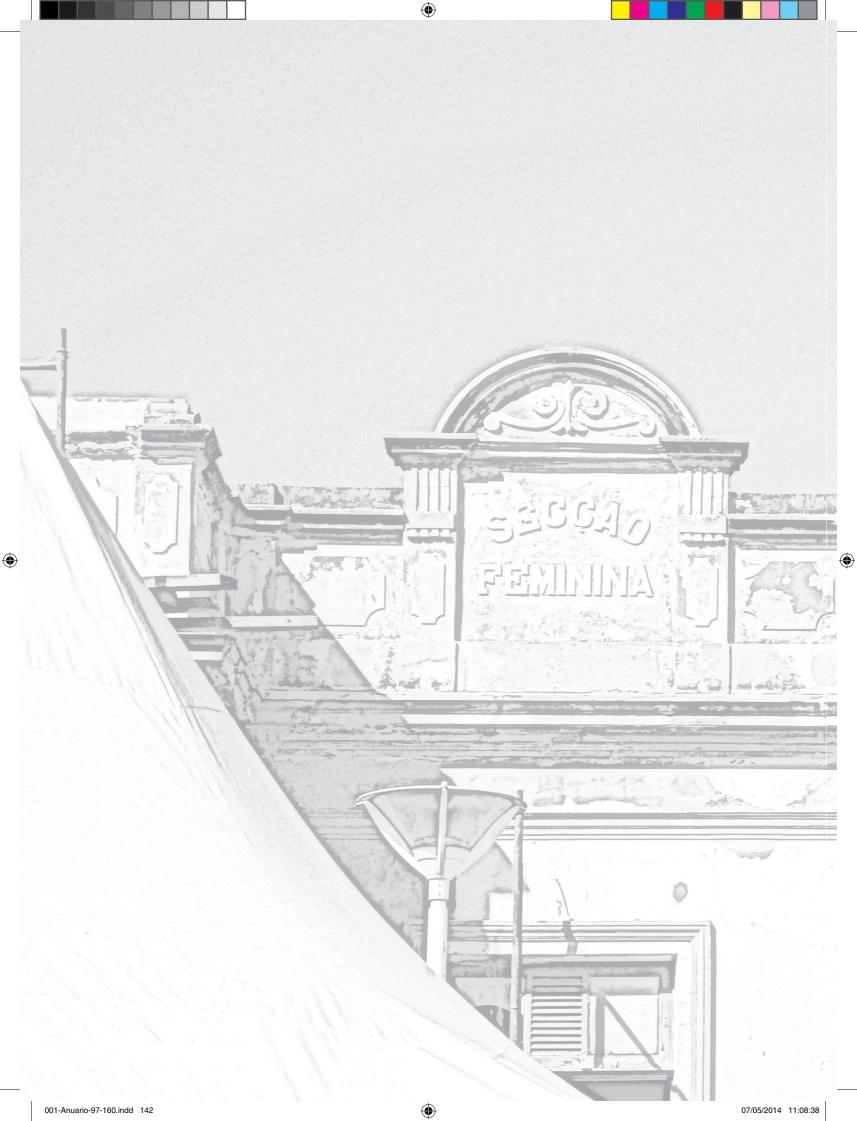
O espólio do Caleidoscópio foi herdado pelo Pedrinho de Oliveira, que transformou o jornal em outra coisa. Mudou tudo, forma e conteúdo. E, por mais inacreditável que possa parecer, o Caleidoscópio circula, no novo modelo, até hoje. Grande Pedrinho!

Eduardo e eu fomos viver as nossas vidas. Tenho certeza que ambos saudosos daqueles bons tempos, tempos de virada de século, em que nos foi permitido fazer algo novo e sonhar.

# Epílogo?

Agora em 2013, para ser mais preciso, em julho de 2013, reencontro o Eduardo Moreira depois de mais de dez anos – ele que viveu nesse tempo entre São Paulo, Florianópolis e Itajaí. Estava radiante. "Tenho um novo projeto", me disse. "Uma nova publicação cultural". Olhei para ele curioso. "Trata-se de uma revista", continuou. "Vai se chamar "Atalaia"... O que você acha do nome?". Disse-lhe que havia gostado muito. "Quer participar?", ele perguntou... Pensei lá com meus botões: "Ô, ouh!". E engoli em seco.

Lá vamos nós de novo!





1999 ands



# FEBBRASIL

1943

**(** 





## Especial FEB

M FINS DE 1939 o mundo parecia adormecido. No Brasil, a vida transcorria normalmente sob um regime totalitário. Ditadura não muito dura. Dispúnhamos apenas das emissoras de rádio e da imprensa, como fonte de informação. O povo contava, ainda, com o cinema e o teatro. O mundo se agitou quando, com a invasão da Polônia pelos alemães, eclodiu a Segunda Guerra Mundial. Os Chanceleres das Repúblicas Americanas, em reunião no Panamá, firmaram total neutralidade dos seus países. Hiroito, Adolfo Hitler e Benito Mussolini, o trio do barulho, resolveu comandar o mundo.

Enquanto os exércitos alemães e italianos invadiam a Europa e a África, os japoneses em 1941 atacavam, de surpresa, a base norte-americana de Pearl Harbor nos EUA. Esse crime nefando fez com que os mesmos Chanceleres americanos (inclusive o do Brasil) rompessem relações com o Japão e com os nazi-fascistas, em justa solidariedade aos EUA.

Em 1942, foram torpedeados e afundados pelo nazi-fascismo 19 dos navios mercantes brasileiros, além da prática de atos de pirataria, resultando na morte de 740 patrícios nossos, inclusive crianças. Pelo ultraje à nossa Bandeira e pelos atentados à nossa soberania, resolveu o Governo Brasileiro declarar guerra à Alemanha e à Itália, em 22 de agosto de 1942.

Em 15 de março de 1943, o então General João Baptista Mascarenhas de Moraes assumia o comando da 2ª Região Militar (São Paulo) e o Presidente Getúlio Vargas anunciava a possibilidade de preparação de um corpo expedicionário destinado à vigilância e defesa do Atlântico Sul, bem como para colaborar nas operações de guerra com os nossos aliados, onde fosse necessário.

Os repetidos afundamentos de navios mercantes nacionais em águas territoriais brasileiras tiveram como resposta a declaração de guerra ostensiva do Brasil contra o eixo Roma-Berlim-Tóquio, ficando o governo liberado para enviar tropas ao exterior, em cooperação com os exércitos aliados. Para organizar e treinar essas tropas, foi designado o General Mascarenhas de Moraes, já com 60 anos de idade, começando o penoso trabalho de preparação daqueles que seguiriam para a Europa. Os Regimentos de Infantaria tiveram de suportar importantes alterações em sua estrutura, dentro do exíguo prazo para a formação e adestramento do pessoal, que ocorreu entre o final de 1943 e meados de 1944. Era absoluto o sigilo quanto às datas de embarque da FEB rumo à Europa.

Finalmente, o grande transatlântico norte-americano "General Mann" deixava o porto do Rio de Janeiro, em 2 de julho de 1944, levando o 1º Escalão de Embarque, sob

### (

## Navios brasileiros afundados na costa do Brasil e no Caribe





# **多**

Há uma semana que o Bra-Il, revidando insultos soezes rica delo brado do seu bravo a execução pela banda de músi-sua soberania, se declarou generalissimo Getúlio Vargas, n estado de guerra contra como um só homem, está de la autoridades e pessõas gradas librateiras do contra de musi-

BIBLIOTECA

Frequência semanal:

Adultos do séxo masculino, 31 do séxo teminino, 90-total 121 sos governantes e ao Brasil.

A manifestação do dia 24



Bonus de guerra é contribuir para a

witoria. AVISO AOS RESERVISTAS!

Todos os reservistas de 1º 2º e 3º categoría residente neste município ou que por êle transitarem, são obrigados a se apresentarem na-PREFEITURA-desta cidade, no dia 16 do mês corrente do meio dia as cotôrgo hor

tação. 07/05/2014 11:08:49

DEBT

das

condi

do co

ne, a leite,

herá raso que C SCI vida

dis-

ando dez ação. Pi-943

UZA

mcia

o in

polis

o comando o General Euzébio da Costa, o qual chegou a Nápoles, sul da Itália na manhã ensolarada de 16 de julho. Logo mais, em 22 de setembro, seguiu, pelo mesmo navio, o 2º Escalão, comandado pelo General Oswaldo Cordeiro de Faria. No mesmo dia, zarpava o vapor "General Meigs" com o 3º Escalão, comandado pelo General Olympio Falconiere da Cunha. Em 23 de novembro o navio "General Meigs" saia do Brasil com o 4º Escalão, sob o comando do Coronel Mário Travassos. Por último, seguiu o 5º Escalão, também pelo navio "General Meigs", em 8 de fevereiro de 1945, comandado pelo Tenente-Coronel Iba Jobin Meireles. Por via aérea, seguiram médicos, enfermeiras e elementos avulsos, não envolvidos diretamente nas operações de guerra.

Um mês após o desembarque, o 1º Contingente já se achava concentrado e subordinado ao V Exército dos EUA, sob o comando do General Mark Clark, no Campo de Planadores de Tarquínia. O Comandante brasileiro Mascarenhas de Moraes, em companhia de Zenóbio da Costa e outros oficiais compareceu ao Quartel General do V Exército americano, em Cecina, onde prestou continência de praxe, recebendo manifestações de simpatia e apreço. Sir Wiston Churchill, Primeiro Ministro da Inglaterra, foi recebido, também, em Cecina, sob forte guarda de honra, referindo-se, no ato, à cooperação do Brasil no palco de operações de guerra.

#### Armas e as Relações de Poder

A representação do poder pode acontecer de vários sentidos e significados. O uso de iconografia demonstra que desde a antiguidade, Reis e Rainhas utilizavam da representação visual a expansão de seu poder diante da sociedade, seja na roupa, no modo de construir suas habitações e até no modo de defender a si próprio ou territórios. A história das sociedades tem apontado que as armas são instrumentos de manutenção do poderio econômico mais evidente. Mesmo hoje, esses instrumentos são utilizados para o exercício do poder, seja para a salvaguarda de valores, para a defesa de territórios em mãos de criminosos e até mesmo, na administração da desordem pela força armada de um Estado. Nesta exposição, alguns exemplares de armas de fogo são acervos do Museu Histórico de Itajaí e datam dos séculos XIX e XX e que são objetos de estudos para os mais curiosos. Na grande guerra, as armas também foram cruciais para a afirmação do território e culturas que reconhecemos e sabemos que, sem elas, seria bem possível o Brasil ter outros contornos que não fosse os quais conhecemos hoje.

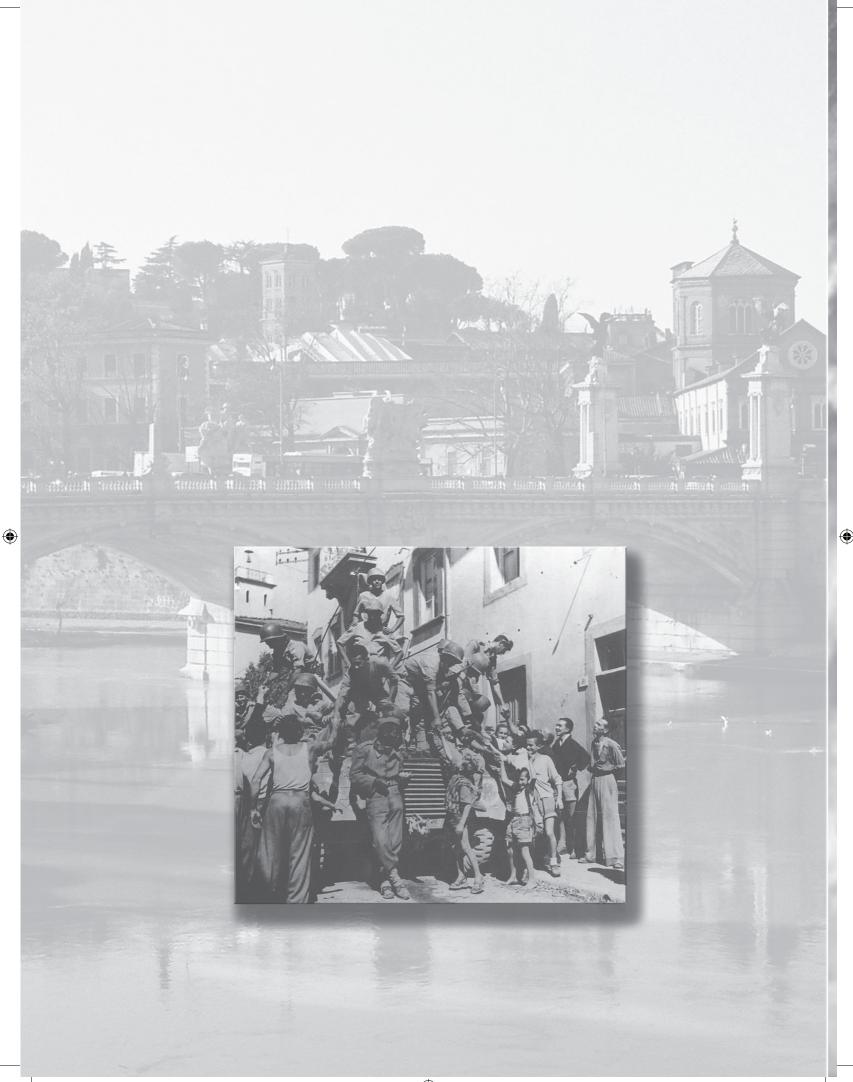


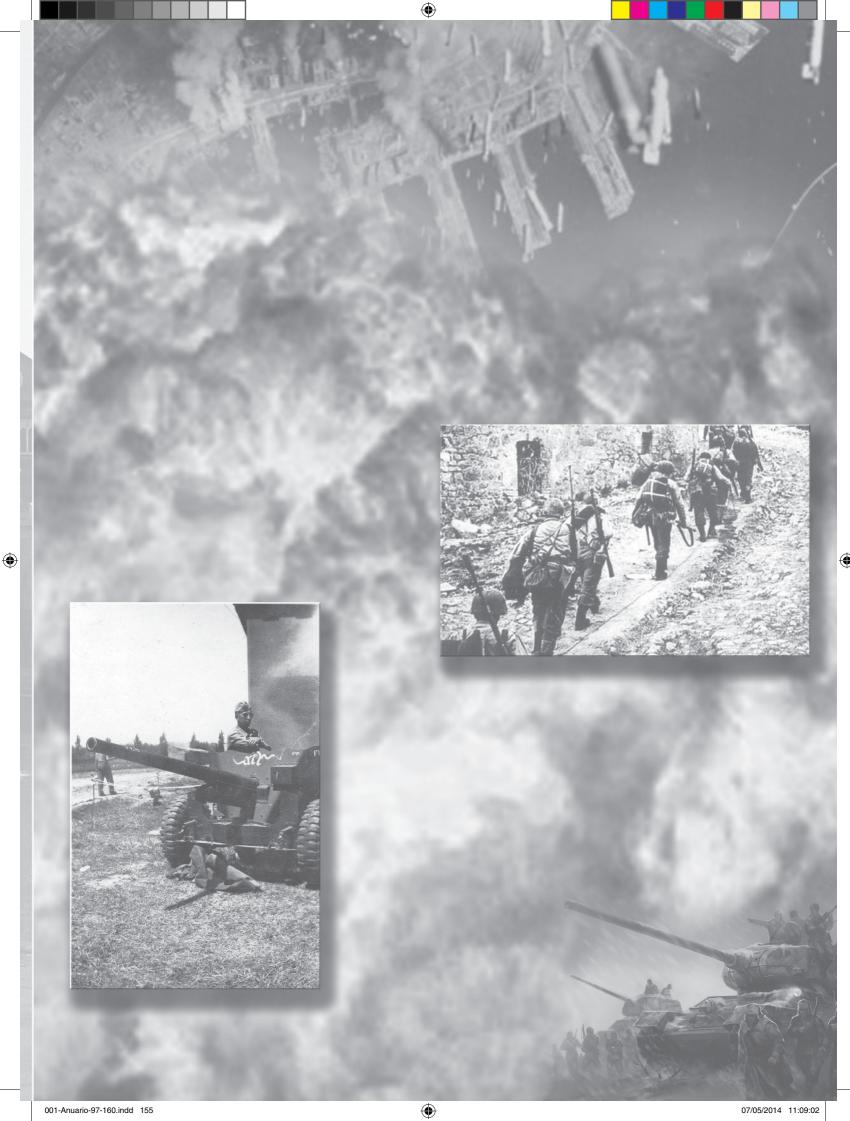






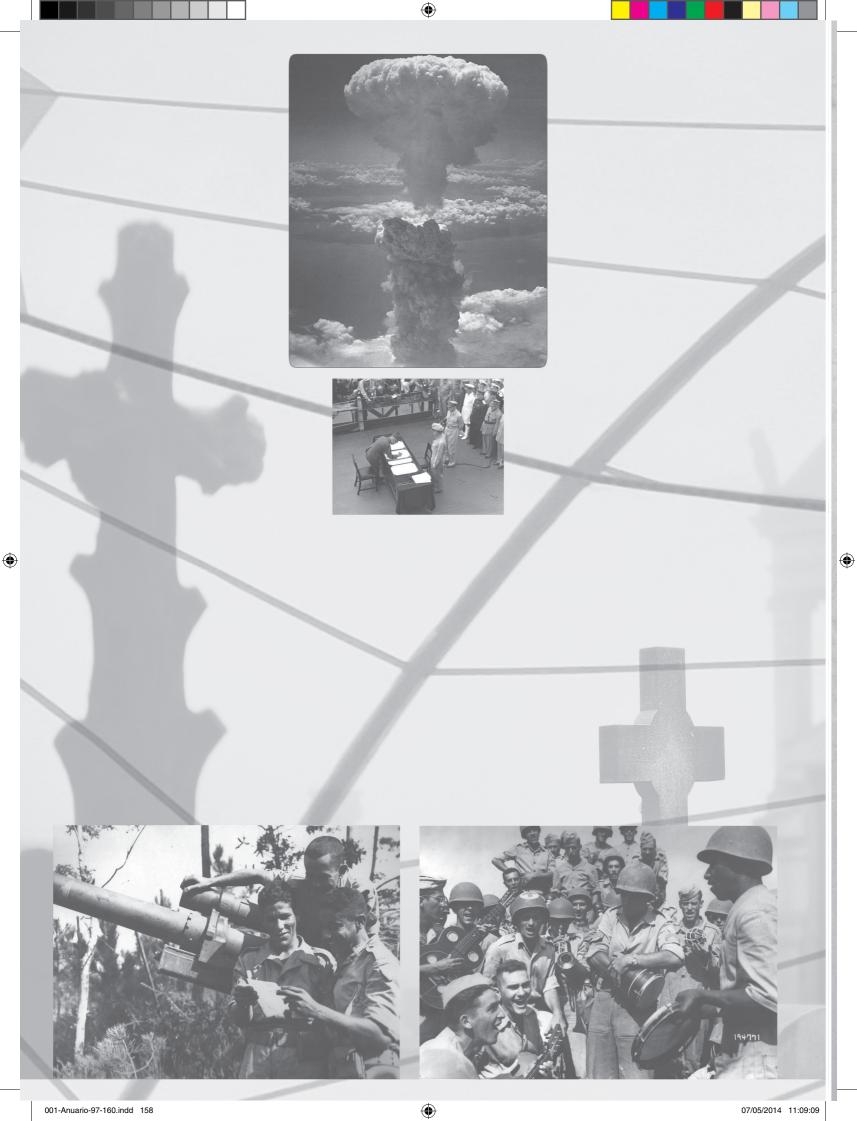




















**(** 

•



